



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

MARCIA REGINA PINHO

**NAVEGANDO EM MAR ABERTO:
GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA (LE)
DENTRO DE UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL: UM
ESTUDO DE CASO**

SALVADOR

2019

MARCIA REGINA PINHO

**NAVEGANDO EM MAR ABERTO:
GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA (LE)
DENTRO DE UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL: UM
ESTUDO DE CASO**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luísa Ortiz Alvarez

SALVADOR
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA)

Pinho, Marcia Regina

NAVEGANDO EM MAR ABERTO: GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA (LE) DENTRO DE UMA PERSPECTIVA
INTERCULTURAL: UM ESTUDO DE CASO / Marcia Regina

Pinho. -- Salvador, 2019.

114 f.

Orientador: Maria Luísa Ortiz Alvarez. Dissertação (Mestrado - Língua
e Cultura) --

Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2019.

1. Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa. 2. Abordagem Intercultural. 3.
Globalização. 4. Interculturalidade. I. Ortiz Alvarez, Maria Luísa. II. Título.

Dedico esse trabalho a,

João Marcelo da Silva Barbosa, pessoa sem a qual esse feito não seria possível, obrigada pelos trabalhos domésticos partilhados, pelos momentos de carinho e pela paciência, incentivo e torcida. Obrigada meu bem, meu amor, você é trevo de quatro folhas!

Maria Aurelina Pinho (in memoria), minha mãe, cujo legado deixado nunca saiu da minha vida e viverá em mim, em minhas filhas e espero que nas filhas e filhos delas também: “O estudo, o conhecimento, o saber é a maior riqueza que posso te deixar e algo que ninguém poderá lhe tirar!” E ao meu pai **Ovídio Vítor Pinho (in memoria)**, que sempre foi um incentivador/patrocinador desse legado, torcia e vibrava por cada vitória nossa e tudo fazia em nome “dos estudos”.

Malu e Lara, filhas minhas, preciosidades... elas – razão do meu viver! Obrigada pela resiliência de vocês sobre as horas em que fui privada do convívio de ambas. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

A **Lei Mística**, que é a minha forma de ver o que a maioria chama de “Deus” pela iluminação conseguida nas horas de cansaço, de esgotamento, dos obstáculos, por ter me feito acreditar que não há oração sem resposta e saber que “todo inverno não tarda em virar primavera”.

A minha querida orientadora, persona gratíssima, meu maior presente na seleção desse Mestrado. Mulher inspiradora, sábia, humana, sobretudo humilde. Desculpem-me os colegas... Mas quem nunca teve Profa. Dra. **Maria Luísa Ortiz Alvarez** como mentora, orientadora, jamais saberá o que é ser acalentada por ela na hora do desespero, nem iluminada nos momentos de escuridão. Obrigada Meu Presente, por todas as conversas de orientação nesse trabalho e por todas as conversas de apoio e ensinamento para a vida.

Agradeço a Profa. Dra. **Edleise Mendes e Márcia Paraquette**, professoras excepcionais, quanta energia, conhecimento, militância e inspiração! Obrigada lindas!

Agradeço Profa. Dra. **Elisabeth Ramos**, fonte de inspiração, minha musa inspiradora quando eu ainda estava na graduação, lá pelos anos de 1998 na UEFS, e continua a ser, pois sempre penso em suas maravilhosas aulas, que eram verdadeiras rodas de conversa e de construção do conhecimento.

As demais professoras e professores do PPGLinC, meu muito obrigada.

A minha amiga **Marta Souza França**, aaah minha amiga, sem aqueles solavancos, chamadas e desejo de ver as colegas e os colegas crescerem contigo, não teria me arriscado nas seleções. Obrigada por ser esse ser humano magnífico, só posso ter feito muitas boas causas para obter o merecimento dessa amizade!

À **Flávia Cristina Martins de Oliveira**, por ter me ajudado desde o pré-projeto até as dicas e conselhos no período pré e pós-aprovação! Fau, jamais esquecerei! Valeu, muito obrigada.

À **Marta Figueiredo**, amiga, comadre, parceira, que possibilitou a minha jornada em Salvador, que está em minha vida desde os primórdios, pouco depois que ingressei nessa viagem de professorar..., alguém com quem sempre posso contar. Obrigada minha “Cumadi”.

A **Liz Sandra Souza e Souza**, trabalhamos juntas no mesmo curso de idiomas, isso foi há muito tempo atrás e agora nos encontramos de novo, colega no primeiro semestre, ela, já no doutorado. Grata pelas viagens com “Rapouso”, pela experiência, convívio, histórias, apresentações, seminários, estudos e amizade. Lizinha, minha parceira, você cuidou tanto de mim... me ensinou tanto...

A **Maria José Brito, Mazé**. Por vibrarmos juntas, chorarmos juntas e pelo apoio mútuo! Valeu irmã! Você é muito, muito especial.

Aos demais colegas que vou levar no coração, em especial: **Acácia (Marida), Dani, Géu, Gilvan, Ita, Jó, Mário, Mau, Mu, Rose, Tainá e Val (Chaveirinho)**, pela parceria, aprendizado, descobertas e momentos de relax, afinal, não somos de ferro!

MUITO OBRIGADA!

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

RESUMO

Aprender Inglês, na atualidade também aparece como uma das habilidades requeridas para a inserção no mundo acadêmico e para melhores oportunidades profissionais. Além disso, o inglês como língua global é a língua de comunicação entre povos. O mundo está em contato com esse idioma nos mais diversos contextos diários, seja nas redes sociais, nas músicas, nos filmes e séries internacionais, bem como na enorme quantidade de estrangeirismos que são constantemente incorporados à Língua Portuguesa. Sabendo-se que a Globalização é um fato consumado na contemporaneidade, é (entre outras coisas) o resultado do desaparecimento das fronteiras mundiais, minimizando distâncias, e, por conseguinte, propiciando a interação entre as nações, nesse processo compartilhamos sobre a nossa vida e cultura com a vida e cultura do outro. Há também o outro lado da Globalização, que está presente no processo de colonização, que de alguma forma foi e ainda é de “alienação”. Com o passar do tempo a Língua Inglesa (LI) tornou-se a língua de transações nos negócios entre países e também no uso acadêmico. Esses aspectos conferiram a disseminação da LI, o seu caráter de língua internacional. Portanto o seu aprendizado se tornou uma necessidade, “de forma a garantir um veículo internacional” (DAVID CRYSTAL, 2005). Assim, o objetivo da nossa pesquisa foi o ensino da língua inglesa (LI) como língua estrangeira (LE), dentro de uma perspectiva intercultural, ligada diretamente ao processo de Globalização, observar suas dinâmicas numa sala de aula de Ensino Médio, em um Instituto Federal da Bahia. Os participantes da pesquisa, afirmaram que “acreditavam que na sala de aula de inglês deles o idioma era ensinado e aprendido de maneira intercultural”. A pesquisa é um estudo de caso, onde foram utilizados diários de bordo (notas das observações), questionários e chegamos à conclusão que esse caso especificamente, mostrou-nos que o grupo tem o seu entendimento sobre interculturalidade e globalização, a maioria tinha uma visão sobre a abordagem intercultural apenas em se tratando de se ensinar inglês abordando as mais variadas culturas possíveis (inclusive as nossas), mas é notório que eles não entendiam a abordagem intercultural com todas as considerações que esse termo traz.

Palavras-chave: ensino e aprendizagem de Língua Inglesa. Abordagem Intercultural. Interculturalidade e Globalização.

ABSTRACT

Learning English, nowadays also appears as one of the skills required for insertion in the academic world and for better professional opportunities. In addition, English as a global language is the language of communication between people. The world is in contact with this language in the most diverse daily contexts, in social networks, music, films and international series, as well as in the enormous amount of foreignisms that are constantly incorporated into the Portuguese language. Knowing that the Globalization is a consummate fact in the contemporary world, it is also the result of the disappearance of the world's borders, minimizing distances, and therefore facilitating interaction among nations, in this process we share about our life and culture with the life and culture of other people. There is also the other side of Globalization, which is present in the process of colonization, which somehow was and still is of "alienation". Over time English Language has become the language of business transactions among countries and in academic use. These aspects also conferred the dissemination of English Language, its international language character. Therefore their learning became a necessity, "in order to guarantee an international vehicle" (DAVID CRYSTAL, 2005). Thus, the objective of our research was to teach the English language as a foreign language, within an intercultural perspective, linked directly to the process of Globalization, to observe its dynamics in a high school classroom in a Federal Institution of Bahia. Participants in the research stated that "they believed that in their English classroom the language was taught and learned in an intercultural way". The research is a case study, where the class was observed and as instruments were used a logbook (a diary with my notes), questionnaires and interview and we came to the conclusion that this case specifically showed us that the group has its understanding on interculturality and globalization. Most had a view on the intercultural approach only in the case of teaching English addressing the most varied possible cultures (including ours), but it is notorious that they did not understand the intercultural approach with all the considerations that this term brings.

Keywords: English language teaching and learning. Intercultural Approach. Interculturality and Globalization.

LISTA DE ABREVIATURAS

CE- Comitê de Ética

EM – Ensino Médio

LE – Língua Estrangeira

LI – Língua Inglesa

WE – Word English

WEs – World Englishes

ILF – Inglês como Língua Franca

PPGLinC – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. UM PEQUENO NAVIO DESBRAVANDO O MAR

1.1 Introdução.....	11
1.2 Motivação.....	16
1.3 Justificativa.....	17
1.4 Problemas de pesquisa.....	18
1.5 Objetivos de pesquisa e perguntas de pesquisa.....	19
1.5.1 Objetivos gerais.....	20
1.5.2 Objetivos específicos.....	21
1.5.3 Perguntas de pesquisa.....	21
1.6 Organização da dissertação.....	21

CAPÍTULO 2. CONSULTANDO A BÚSSOLA PARA NÃO PERDER O RUMO

2.1 Introdução.....	22
2.2 E essa tal globalização?	27
2.3 Globalização e Interculturalidade.....	35
2.3.1. Língua Inglesa (LI), “ <i>World English</i> ” e <i>Língua Franca</i> (LF).....	41
2.4 Globalização e ensino de língua inglesa dentro de uma perspectiva intercultural....	43

CAPÍTULO 3. PLANEJANDO A VIAGEM: ROTAS, PARADAS, PERCURSOS E PAISAGENS.

3.1. Introdução.....	49
3.2 Tipo de pesquisa.....	50
3.3 Orientações teórico-metodológicas.....	52
3.4 Instrumentos de coleta.....	53
3.4.1 Procedimentos metodológicos.....	54
3.5 Descrição do cenário e dos participantes da pesquisa.....	57

CAPÍTULO 4. MUITOS CÍCLOPES, BATALHAS A VISTA. CONTINUE A NADAR PORQUE NAVEGAR É PRECISO

4.1 Introdução.....	59
4.2 Análise dos dados.....	60
4.2.1 Questionários.....	61

4.2.2 Entrevistas.....	72
4.2.3 Observações com notas de campo.....	79
4.2.4 Análise das notas de campo.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DA VIAGEM.....	90
REFERÊNCIAS: CARTOGRAFIAS.....	95
APÊNDICE 1.....	103
APÊNDICE 2.....	104
APÊNDICE 3.....	105
ANEXO 1.....	106
ANEXO 2.....	108
ANEXO 3.....	111

CAPÍTULO 1. UM PEQUENO NAVIO DESBRAVANDO O MAR

“Em apenas quatro séculos, o inglês saiu da condição de língua sem importância em 1600, para se transformar na mais influente língua da comunicação do século XXI”.

(SCHEYERL; SIQUEIRA, 2008, p.62)

1. Introdução

De acordo com Crystal (1997), para alcançar um status global, uma língua deve desenvolver um papel especial reconhecido em todos os países. O idioma inglês desenvolveu esse papel, graças ao poderio econômico e a expansão do colonialismo britânico no século XIX, e posteriormente, no século XX, a autoridade política e militar dos EUA no período da pós-segunda guerra e sua influência mundial, sendo alguns dos fatores sócio-históricos comumente apontados como os que mais contribuíram para a sua disseminação e instituição como língua padrão das comunicações internacionais, adquirindo um caráter dominador em diversos aspectos. Atualmente é o idioma que conduz as relações de globalização. É incontestável a sua presença, influência e importância exercidas em todas as esferas sociais.

A Língua Inglesa é a língua estrangeira mais falada do mundo, segundo a pesquisa feita pelo Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada (CPDEC) e publicada em março de 2018 pela Revista *Nova Escola*. O Inglês está sendo visto cada vez mais como aquele idioma que diminui as fronteiras, as distâncias, é a língua da tecnologia moderna e também do meio acadêmico, das conferências internacionais, dos simpósios etc. Percebe-se, então, que o Inglês, doravante LI, está se desnacionalizando, como afirma Moita Lopes (2008),

Estamos diante de uma língua que atravessa o globo de lado a lado, ajudando a difundir o que Milton Santos (2002) chamou de “pensamento único”, os interesses do capital, que passa a ser compreendida como habilidade básica na escola, sendo fundamental no exercício de muitas profissões e útil na construção do conhecimento no mundo universitário e nas redes de comunicação, e que, ao mesmo tempo, ajuda a construir desigualdade. É, portanto, uma língua que envolve questões econômicas, políticas, culturais, sociais e éticas.

Ortiz (2006) faz uma distinção pertinente ao pontuar as diferenças entre o inglês ser uma língua internacional e ser uma língua global. De acordo com o autor a globalização

é um processo que “não é nunca homogêneo, tampouco harmônico”, em que se “inserirem instituições e interesses em conflito” e onde “as nações deixam de ser unidades autônomas, independentes, interagindo entre si, para ser territórios atravessados pelo fluxo da modernidade-mundo” (ORTIZ, 2006 p. 25) e por isso “no contexto da globalização ele (o inglês) deixa de ser estrangeiro, algo que se impõe de fora, para constituir-se num idioma interno, autóctone à condição da modernidade-mundo. [...] Isso muda radicalmente as coisas.” (ORTIZ, 2006 p. 25).

“Uma língua estrangeira equivale a outra língua em outra cultura de um outro país, pela qual se desenvolve um interesse institucionalizado em conhecê-la” (ALMEIDA FILHO, 2007, P.66). Nesse sentido a escola precisa formar cidadãos cada vez mais críticos, a ponto de entender quais são os nossos interesses no aprendizado dessa outra língua, compreendendo que ela vai se constituindo do que é vivido por quem e para quem ela é ensinada, no lugar onde ela é ensinada-aprendida, ou seja, quando a LI é estudada como LE, ela também não pode ser dissociada desses ambientes, tampouco privilegiando apenas os países, mencionados como sendo do *inner circle*¹

A LI não pertence só às nações daqueles que a têm como língua materna ou como língua oficial. Busnardi e Cassemiro (2010, p. 3) afirmam que a adoção do inglês como língua global surgiu da necessidade de uma língua que aproximasse os países de culturas diversas, a fim de que a comunicação fosse possibilitada. Mas sabemos que outros fatores também acarretaram esse surgimento, entre eles, o político, o econômico e o social. Com sua fluidez na internet, nos chats, nas apresentações de seminários, dentre outros, a LI leva consigo características do falante, tem todos os sotaques do planeta, de cada um e cada uma que se utiliza dela. Concordo com Porfírio e Silva (2016, p. 29) que afirmam que a “língua é moldada ao longo de tempo pelo grupo que a usa”.

Os professores e professoras de LI deveriam pensar no ensino da mesma com muito cuidado, e sem preconceito, aceitando todas as possibilidades de comunicação entre os interlocutores, ainda mais quando se trata de uma língua global, franca, por assim dizer. Segundo Melo Correio (2016, p. 2) “Hoje, mais uma vez, o ensino de inglês vem sendo alvo de muitas discussões que tratam de um falante que seja capaz de

¹ *Innecircle*—um dos três círculos designados por Kachru em 1992 para tratar dos processos da expansão da LI. Nesse círculo estão os Estados Unidos, O Reino Unido, Canadá, Nova Zelândia e Austrália.

negociar. Portanto, esse falante não usa a língua inglesa com um posicionamento passivo diante dos valores e conceitos que essa língua carrega, nem tampouco impõe os seus valores ao outro por meio da língua, mas ele a usa como meio de negociar as diferenças presentes nos mais variados encontros interculturais com outros falantes.”.

Um dos muitos aspectos relevantes nessa discussão toda é o papel, a postura dos docentes de LI nas escolas, onde essa língua é “ensinada”, desde o ensino fundamental até o ensino médio. O que estamos fazendo para que o ensino de LI seja eficaz e significativo, para que possamos entender um ao outro, nos posicionar e nos comunicar? No contexto de ensino-aprendizagem de língua inglesa não é incomum testemunharmos certo desconhecimento do caráter político-ideológico que o ensino da LI carrega consigo. E, por esta razão, vemos constantemente,

[...]... abater-se uma crítica vigorosa diante da postura supostamente alienada e apolítica da maioria dos professores, onde a glorificação de culturas estrangeiras, principalmente as culturas americana e britânica, se tornou uma máxima. (SIQUEIRA, 2005, p. 4)

Aprender a se comunicar se faz mister, porque não precisamos de outros povos(pessoas) querendo nos colonizar ainda mais. Além disso, é mais preocupante quando não conseguimos sequer defender as nossas ideias, o que pensamos e no que acreditamos, inclusive quando não conseguimos nem opinar, na língua alvo. Portanto, nesse “novo” mundo que se diz globalizado, precisamos mostrar que fazemos parte desse mundo, dizer quem somos quando usamos essa língua, sem perder de vista a questão local, para também mostrar que temos uma identidade, e que por meio dela podemos argumentar e valorizar os nossos conhecimentos e tudo aquilo que nos pertence e que vivemos, a nossa história, nossas raízes, os nossos costumes, a nossa cultura, e também aprender com o outro, trocar ideias, conhecimentos e fazer fluir informações e respeitar o que é diferente do que nós pensamos, das nossas opiniões, ideias etc.

Cada vez mais nos deparamos com estudantes que têm determinadas dificuldades na hora de aprender a língua inglesa. Talvez muitas vezes não se trate de dificuldade, mas da falta de interesse, de encantamento, falta de objetivo ou talvez do que se considera “atitude linguística”, que “engloba diversas dimensões, desde as

atitudes com relação a variedades linguísticas/dialetais e estilos de fala, passando pelas atitudes com relação ao aprendizado de uma língua, até as atitudes com relação a grupos, comunidades, minorias, entre outras dimensões” (ORTIZ ALVAREZ, 2019, pp131- 152). Mas o que há com os docentes e os alunos/as que ainda privilegiam padrões, sotaques estadunidenses ou europeus, de um idioma que hoje pode ser visto como língua franca, falada em todos os lugares do mundo e com qualquer sotaque? Merecemos estar em contato com todos aqueles que falam a língua inglesa (língua oficial, segunda língua (L2), língua adicional ou língua estrangeira (LE), espalhados pelo mundo todo.

Nós professores, além de lidar com todo o processo pedagógico, todos os demais desafios, como por exemplo, o livro didático (que na maioria das vezes privilegia apenas uma cultura), as salas superlotadas, uma carga horária mínima, dentre outros, enquanto docentes, temos que saber lidar com a questão intercultural e social da sala de aula. Uma abordagem intercultural se faz urgente dentro das salas de aulas, “lugar privilegiado”, como Mendes (2008 p.58) nos assegura:

[...] onde os conflitos, as tensões e afastamentos (advindos do encontro de diferentes culturas e do embate de aspectos sociais políticos, psicológicos, afetivos e etc.) podem ser negociados em prol da construção de um novo espaço para a edificação de um novo conhecimento comum formado pela contribuição de todos.

Hoje, há uma abertura maior para a aceitação de pronúncias variadas, para sair do endeuamento do ‘standard’, porque não é preciso imitar o sotaque de ninguém, mas falar, se comunicar em LI, de modo que possamos expressar e compartilhar os nossos conhecimentos e as nossas experiências com os outros que falam essa língua, para falar sobre nós, sem deixar de respeitar o outro, de interagir, de ensinar e de aprender com ele ou ela.

Nós, profissionais da área precisamos pensar como conduzir e articular estas questões em nossas salas de aula e buscar mecanismos, recursos, tecnologias, estratégias que possam auxiliar na transformação e adequação do nosso ensino às novas demandas da sociedade, respeitando as variedades linguísticas existentes e as que ainda possam vir a existir.

Temos usado a LI mais do que pensamos: nas placas dos restaurantes, dos salões de beleza, nos consultórios, nas embalagens, nas descrições de filmes, nos manuais,

principalmente na internet etc. Independente da escrita, dos sotaques e de como a temos utilizado, esse fenômeno está aí na nossa frente, no nosso dia a dia, por isso é importante prestar atenção a quem e ao quê nos cerca, ao nosso cotidiano, para que também possamos buscar o “nosso” uso. Assim, mesmo que alguns estudantes se mostrem desinteressados, poderiam encontrar um uso prático para a LI, e junto ao professor/a, encontrar maneiras mais interessantes ao nosso contexto e que tornem as aulas mais produtivas, mais dinâmicas e eficazes.

Atualmente, se observam indícios de alguns docentes que começam a avaliar as suas aulas com a intenção de mudar ou melhorar a sua práxis e mostrar para os aprendizes que a LI se faz necessária, não para nos tornarmos eternos colonizados com tendências à vitimização e à síndrome de coitadinhos a vida toda. Dessa forma, coaduno com Moita Lopes (2008) quando ele aponta que:

[...] é a ideia de que ver a linguagem como performativa possibilita entender que estar no mundo social é um ato de operar com as línguas, discursos e culturas disponíveis no aqui e no agora para construí-lo, não somente com base em significados já dados, mas também com base naqueles que nós mesmos podemos gerar, à luz de quem somos ou podemos ser em nossas histórias locais, portanto, em nossas performances. Ou seja, uma visão performativa de linguagem como parte de uma teorização nas margens constitui uma alternativa para lidar com os *designs* globais em termos de quem somos em nossas histórias locais, não no sentido de manter uma essência identitária, mas de reinventar a vida social de modo a "imaginar e construir o que poderíamos ser" (FOUCAULT, 1995, 239 apud Moita Lopes, 2008).

Ou seja, reconstruir e/ou construir conceitos, partilhar ideias e pensamentos, reformular as nossas ideias, respeitar outras histórias sem querer impor as nossas, numa relação dialógica, onde seja possível falar e escutar, respeitar e sermos respeitados, é preciso buscar um ensino de LI, em que seja possível a oportunidade de discutir temas atuais e de interesse, além das descobertas e das trocas.

Para enfrentar esses desafios no ensino da LE, faremos este estudo de caso, em Feira de Santana-BA. A nossa pesquisa se propõe a investigar de que maneira foram dados passos rumo a um ensino de LI mais intercultural, em uma turma do Ensino Médio em uma escola pública. O que se pretende ao final dessa pesquisa é, na base da análise dos dados coletados no contexto de pesquisa, observar alternativas de ensino de inglês dentro de uma abordagem globalizada e intercultural, observando como o/a

aluno/a se vê e se posiciona no mundo, revelando-se donos da sua história e capitães do seu próprio barco nos mares da aprendizagem. Não podemos esquecer que cada aluno traz consigo uma história de vida e experiências que podem enriquecer as nossas aulas e ajudar a estabelecer o diálogo entre culturas.

1.2. Motivação

Quando entramos no programa de Mestrado do PPGLinC tínhamos um projeto bastante diferente do que vem a ser o tema atual dessa dissertação, era algo meio mirabolante e ousado, mas naquele momento não tínhamos ideia de como seria difícil e desafiador fazer pesquisa em sala de aula de uma escola regular. Ao passar do tempo, frequentando as aulas e balizando a nossa própria prática, descobrimos na interculturalidade um caminho possível para um ensino de língua mais real, democrática e menos excludente. Quando resolvemos pesquisar sobre o ensino de língua inglesa por esse viés, vieram as críticas: “Mas isso já está tão batido...”; “Já tem muita coisa escrita sobre esse olhar.” Mas, como poderia estar tão batido, se nem nós mesmos entendíamos ou tínhamos noção de como poderíamos trabalhar a interculturalidade em sala de aula de LE. Lendo os artigos de Mendes (2010), observamos que a autora assevera que a interculturalidade é diária, é viva, ela está presente em todos os nossos atos de ensino, ou pelo menos deveria estar. Quando tive o primeiro contato com a minha orientadora, ela me questionou sobre o que era a interculturalidade para mim. Isso me fez querer aprofundar meus conhecimentos e pesquisar sobre o ensino da língua inglesa e interculturalidade. Foi durante algumas conversas com colegas de profissão que encontramos o contexto onde pudéssemos realizar a pesquisa, um ambiente que tivesse algum professor/a com uma práxis voltada para tratar do ensino de LI em uma perspectiva intercultural e globalizada, além de ter uma postura sensível e “diferente” perante suas turmas. Então, lá fomos nós.

Nas conversas prévias e informais com alguns colegas da instituição escolhida e também com alguns estudantes dessa mesma instituição, os mesmos apontaram que a interculturalidade está presente nas aulas de LE e que a Língua Inglesa como “língua franca” era um dos tópicos estudados durante o ano. Esse foi o meu ponto de partida para a realização desse estudo de caso, uma vez que o interesse era investigar sobre a interculturalidade e os entremeios da “globalização” nas salas de aulas de inglês. Assim, decidimos pelo estudo de caso de uma sala de aula específica, onde os participantes, docente e alunos se posicionaram sobre o estudo da língua inglesa de

“maneira diferente” das outras escolas onde eles estudaram/ensinaram anteriormente. Essas pessoas também colocaram as suas contribuições sobre o que eles entendem por interculturalidade dentro do ensino de língua inglesa. Guiando a investigação pela tríade ensino de LI, globalização, interculturalidade, pensamos em fazer a pesquisa baseando-nos nesse tripé.

Cada vez mais interessadas no que os participantes tinham a revelar, fomos estudar essa turma. Partindo do pressuposto do entendimento de cada um e cada uma dos (as) participantes, do conceito de interculturalidade e de globalização no ensino de LI, trouxemos o suporte teórico, além do nosso entendimento (pesquisadora/orientadora) e do entendimento dos participantes, decidimos por esse estudo de caso. Os autores que escrevem e teorizam sobre o assunto e que o descrevem e definem, têm muito a nos mostrar, mas durante a leitura de textos sobre o tema, e nas conversas tidas com os participantes da pesquisa e com a minha orientadora, não foi difícil perceber que há várias opiniões sobre o conceito de interculturalidade. No entanto, é possível observar alguns sinais de interseção entre essas várias definições.

Além do que já foi exposto, é importante pensar em uma proposta de ensino de LI que contemple o ensino intercultural, a partir da compreensão dos fundamentos teóricos que norteiam as práticas de professoras e professores de Língua Inglesa do ensino médio (doravante EM), que leve em consideração a noção de língua-cultura, a comunicação intercultural, a atitude linguística, além da postura reflexiva e crítica (docente e alunos), sustentada pela abordagem intercultural.

Recorrer-se-á aos fundamentos teóricos que norteiam o ensino de Língua Inglesa dentro de uma abordagem intercultural, foram escolhidos para a partir deles, pensar em alternativas de ensino de LI que também leve em conta as orientações curriculares.

O ensino da língua inglesa a partir desse viés se legitima, por possibilitar a compreensão das consequências do processo da globalização para a educação brasileira, com discussões sobre as implicações deste fenômeno mundial para a nossa sociedade.

1.3 Justificativa

Pensando no universo do ensino de língua, muitas questões sempre me inquietaram, e por isso resolvemos pesquisar sobre a busca de ensinar dentro de uma proposta que faça sentido para os aprendizes, que respeite a realidade de docentes e estudantes, uma proposta pela qual o nosso mundo perpassasse pelo mundo globalizado,

mundo do qual também fazemos parte. Também, por nossa história, por estarmos inseridos nesse enredo onde poderemos ser protagonistas. Muitas vezes não nos vemos assim, nos vemos como meros espectadores da história do outro. Em situações de ensino- aprendizagem de LI, ficamos quase sempre no papel do apreciador de quem valoriza o que é de “lá” e não o nosso. Esquecemos que a troca, o aprendizado de todos os dias com o(a) outro(a), enriquece a nossa história e a dele/a, nos faz revisar os nossos conceitos, nossos (pré)conceitos, e enriquecer os conhecimentos que já temos, nos faz perceber que podemos nos deslumbrar e aprender o tempo todo e isso também nos faz ter mais respeito por quem somos e pelos outros. E nessa busca em descobrir o meu lugar (de professora de inglês) “nesse” mundo, e o lugar do outro é que nos propomos a estudar esse tema, que nunca se gasta, que se recoloca diante de nós o tempo todo, que ainda precisa ser mais estudado, analisado e aprofundado, a questão da interculturalidade no ensino de línguas na era atual da globalização, no contexto histórico-social em que estamos inseridos. Com outros olhares, nos quais também possa me basear teoricamente e perceber o que é que esse caso em estudo nos ensinará, nos fará ver, uma vez que alguns dos participantes envolvidos já sinalizaram que se trata de uma turma “intercultural” e “globalizada”. É preciso enxergar em que momento desse velejar nessa sala de aula investigada, haverá pontos de interseção (e se de fato há) ou não. E se não há, o que nos propomos a chamar de “intercultural e globalizado”? Nascemos plurais e donos de uma história pessoal que está imbricada com o passado dos nossos pais, avós etc. e que carregamos, e essa história se encontrará e se renovará em várias outras no percorrer do caminho. Dentro do universo do ensino, há de ser sempre importante levar isso em consideração.

1.4 Problema de pesquisa

Partimos do princípio de que o/a docente de língua inglesa poderia sempre ter o cuidado de colocar os alunos em contato com o maior número de variedades linguísticas e sotaques de falantes do idioma ao redor do mundo, não privilegiando um ou outro sotaque. Entendemos a sala de aula como mais um espaço de construção de, e como ensinar-aprender outro idioma. Quais pré-requisitos os estudantes trazem, como eles se colocam e entendem a língua, qual o seu objetivo, enfim, qual o espaço desse idioma nas aulas de inglês em uma escola pública de Feira de Santana na Bahia, Brasil. Concordando com Rajagopalan (2009, p. 46), que alerta que:

Outro cuidado que o professor deve ter, desde o princípio, é o de desvincular a língua da cultura desse ou daquele país, posto que o *World English*² é eminentemente transnacional e reflete diversas culturas. Não estou dizendo, de forma alguma, que devemos romper de vez a ligação íntima entre língua e cultura; estou dizendo apenas que o *World English* não pode ser, de maneira simplória, ligado a uma cultura particular.

Assumindo que a LI, de um modo geral, é um idioma falado em todo o mundo (isso também é o que faz dela uma língua global), é importante que não se privilegie uma variante do “inglês” em especial, que incentive sempre a comunicação e o conhecimento plural de variantes. Outro ponto a ser levado em consideração é poder também falar de nós, na língua estudada, do nosso entorno, das crenças e daquilo que pensamos, ou seja, falar do nosso mundo, do que é nosso, mostrar o que valorizamos e se possível o porquê valorizamos. Ouvir o outro, contracenar com o outro, respeitando o que é nosso, mas também o que é do outro. Nessa linha de pensamento e acreditando que a LI é vista como língua do mundo ou língua ponte da comunicação entre pessoas de diversos países, Larsen-Freeman (1986, p.123) afirma:

Quando nos comunicamos, nós usamos a língua efetuando algumas funções, tais como, argumentar, persuadir ou prometer. Além disso, nós realizamos essas funções dentro de um contexto social. O falante irá escolher um jeito particular de fazer sua argumentação, não apenas baseado na sua emoção ou no seu nível de emoção, mas também a quem ele está se dirigindo e qual é a relação dele com essa pessoa.

Temos que fazer escolhas da maneira com a qual argumentamos e com quem argumentamos, sem comentar o estado emocional em que nos encontramos, tentando assim entender o outro e nos fazer entender. Então como não considerar a cultura do outro? Formar frases coerentes apenas, não nos garante a comunicação. Se faz necessário ir além nas nossas aulas de LE, não apenas privilegiar o uso da norma, mas promover momentos de discussão, descobertas e trocas, envolvendo o ensino-aprendizagem da LI.

É sabido que nós, que nascemos e somos criados em uma mesma cidade, temos culturas diferentes, por termos sido criados de maneiras diferentes, inseridos em

² World English (*Inglês Mundial*, tradução minha) é fruto da nova realidade engendrada pelo fenômeno que conhecemos como globalização (Rajagopalan, 2005b, 2005c, 2007c). Hibridismo é a marca registrada dessa nova “língua” (ou, como disse anteriormente, “fenômeno linguístico”).

contextos diversos e experiências distintas, falamos de maneira particular e articulamos nosso modo de pensar e de ver o mundo também de maneira única e isso se transforma num traço bem particular na hora de argumentar e entender, de defender um ponto de vista e de nos colocar para o outro. Parana e Almeida (2005) falando de perspectiva intercultural no ensino de línguas asseveram:

Num mundo onde diferentes culturas coexistem, é preciso pensar em estabelecer relações entre as mesmas de tal forma que, ao entrar em contato com culturas diferentes, o ser humano possa ser levado a refletir sobre a cultura com a qual está entrando em contato, bem como sua própria cultura, desenvolvendo assim maior competência intercultural, num exercício de questionamento, busca e construção de conhecimento que leve a uma melhor interação com o diferente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs de Língua Estrangeira consideram os valores culturais, o principal objetivo educacional da aprendizagem de uma língua estrangeira, conforme atesta a citação abaixo:

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda a aumentar sua autopercepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social (BRASIL 1999, p.19).

Levando em consideração essas ideias acima mencionadas, as situações a serem observadas seriam:

1. A maneira como o docente e os alunos dessa instituição de EM de Feira de Santana, promovem o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, de acordo com as orientações curriculares que preveem a educação intercultural;
2. Como o aluno de língua inglesa desenvolve as suas ideias na língua alvo na sala de aula para conseguir participar e se inserir num mundo globalizado;
3. Na base dos dados coletados, que proposta de ensino de LI dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada é aplicada no contexto de pesquisa?

1.5 Objetivos e perguntas de pesquisa

1.5.1 Objetivos Gerais:

Investigar como os participantes do contexto da pesquisa promovem o processo de ensino – aprendizagem de língua inglesa.

Identificar de que maneira a proposta de ensino de LI está, ou se relaciona dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada.

1.5.2 Objetivos Específicos:

- Identificar qual (quais) conceito(s) de interculturalidade é utilizado no cenário de pesquisa, de acordo com orientações curriculares que preveem a educação intercultural.
- Evidenciar quais as práticas e experiências do docente participante da pesquisa para desenvolver as suas ideias e para conseguir que os alunos participem e se insiram no contexto intercultural e global.
- Na base dos dados coletados, que proposta de ensino de LI dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada está sendo praticada no contexto de pesquisa, que atenda as demandas da atual conjuntura do mundo globalizado e seus desafios e que permita o reconhecimento das diferentes formas de falar inglês e de diferentes culturas.

1.5.3 Perguntas De Pesquisa

Para alcançar os objetivos acima propostos apresentamos as perguntas de pesquisa que norteiam o nosso estudo:

1. De que maneira o/a docente e os aprendizes promovem o processo de ensino-aprendizagem de LI, de acordo com orientações curriculares que preveem a educação intercultural?
2. Quais as práticas e experiências utilizadas pelo docente participante da pesquisa para conseguir que os alunos participem e se insiram no contexto intercultural e global?
3. Na base dos dados coletados, que proposta de ensino de LI dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada está sendo praticada no contexto de pesquisa, que atenda as demandas da atual conjuntura do mundo globalizado e seus desafios e que permita o reconhecimento das diferentes formas de falar inglês e de diferentes culturas?

1.6. Organização da Dissertação

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, além das considerações finais. O primeiro capítulo trata de como as nossas indagações, como professora de inglês, as conversas com outros colegas e as aulas no mestrado nos fizeram chegar à motivação de investigar a abordagem intercultural no ensino de LI. Apesar de avanços da e na Linguística Aplicada terem acontecido, ainda hoje se privilegia em muitas escolas e instituições de ensino, muito mais o ensino da gramática e os sotaques dos “donos da língua” do que a cultura de vários povos e seus *World Englishes*. Vivendo eu mesma dentro dessa forma do ensino de língua por muitos anos e ainda me debatendo para não fazê-lo, busquei e busco incessantemente outras formas de abordar os meus estudantes, de entender os propósitos de como abordar os contextos que deveria trabalhar respeitando as orientações curriculares no ensino de LI.

Baseando-me nessa linha de pensamento e decidindo pela Globalização e a Perspectiva Intercultural que nos norteia, fomos para o segundo capítulo.

No segundo capítulo, trazemos o diálogo com alguns teóricos e suas assertivas sobre globalização, interculturalidade, ensino de LI dentro de uma abordagem intercultural. Colocando à luz as teorias existentes para tratar aqui do que considero como “mundo globalizado”.

Já no terceiro capítulo, tratamos da pesquisa em si, sobre o tipo de pesquisa escolhido, as orientações teórico-metodológicas do estudo, os instrumentos de coleta utilizados, os procedimentos metodológicos usados, a descrição do cenário e dos participantes envolvidos, bem como as nuances dessa escolha.

O quarto capítulo é onde mostramos os dados e a análise e a triangulação, assim como os instrumentos per si.

Finalmente, apresentamos as Considerações finais, e retomamos as perguntas de pesquisa para melhor elucidar como a pesquisa alcançou os objetivos propostos.

CAPÍTULO 2 CONSULTANDO A BÚSSOLA PARA NÃO PERDER O RUMO

[...] o verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 70)

2.1 Introdução

No presente capítulo apresentaremos a fundamentação teórica que dará suporte à pesquisa. Nele trazemos os conceitos de globalização e de interculturalidade, do global e o local, assim como alguns autores como Crystal (2005), Kumaravadivelu (2006), Rajagopalan (2004), Mendes (2004), Siqueira (2016), Penycook (2007), entre outros, que teorizam e definem os conceitos abordados e de acordo com aquilo que propomos.

Considerando a globalização, lembramos que as guerras geralmente ocorrem por motivos religiosos, por conquistas de territórios, por disputa de poder etc. E geralmente quem ganha a guerra quer expandir os seus interesses se apropriando de territórios, transformando-os em colônias e impondo assim seu estilo de vida, seus ideais e sua língua. Assim foi durante muitos séculos, mas ao final do século XIX e começo do século XX, novas tecnologias trouxeram novas oportunidades linguísticas em vários setores, o que afetou a vida de todos:

In the seventeenth and eighteenth centuries English was the language of the leading colonial nation – Britain. In the eighteenth and the nineteenth centuries it was the language of the leader of the industrial revolution – also Britain. In the late nineteenth century and early twentieth it was the language of the leading economic power – the USA. As a result, when new technologies brought new linguistic opportunities, English emerged as a first- rank language in industries which affected all aspects of society – the press, advertising, broadcasting, motion pictures, sound recording, transport and communications. ^{3 3}(CRYSTAL, 1997. p.110 e 111)

Enquanto os países dominantes falantes da LI queriam conquistar mais e mais territórios, fazendo de muitos países dominados seus “aliados”, para o livre comércio e para embutir suas ideologias mc’donizaldas⁴⁴, a LI se expandia, pois essa era uma forma de dominação, de se apoderar dos bens dos terrenos colonizados, e assim foi por muito tempo. A ideia era mostrar que a língua era

³ Nos séculos XVII e XVIII, o inglês era a língua da principal nação colonizadora – Grã-Bretanha. Nos séculos XVIII e XIX, era a língua do líder da revolução industrial – também a Grã-Bretanha. No final do século XIX e começo do XX, era a língua da principal potência econômica – os EUA. Como resultado, quando novas tecnologias trouxeram novas oportunidades linguísticas, o inglês emergiu como uma língua de primeira linha em indústrias que afetavam todos os aspectos da sociedade – a imprensa, a publicidade, a radiodifusão, o cinema, as gravadoras, o transporte e as comunicações.

⁴ Segundo Busnardi e Casemiro (2010), a “McDonaldização” é um fenômeno surgido do nome do restaurante americano que se espalhou pelo mundo inteiro, tornando a vida das pessoas cada vez mais americanizada através dos cinco princípios básicos do restaurante McDonalds, a saber, eficiência, calculabilidade, previsibilidade, controle e padronização, sendo expandido para outros domínios, passando a exercer forte influência tanto em outros setores da própria sociedade americana como também em outros países do globo.

sinônimo de “crescimento”, de negócios, de conquistas, como afirma Barber, referindo-se ao mundo Mc:

O futuro em tons pasteis reluzentes, um retrato de forças econômicas, tecnológicas e ecológicas rápidas que demandam integração e uniformidade e que hipnotizam as pessoas em toda a parte com música rápida, computadores rápidos e comida rápida – MTV, MacIntosh, e McDonald. (BARBER 1996, p.7 apud KUMARAVADIVELU p.132).

Os EUA foram entrando nas nossas vidas a ponto de inserir, de alguma forma, seu modo de vida em vários países (inclusive no nosso), suas bebidas, suas comidas, suas músicas, filmes, sua tecnologia, enfim. Mas isso não veio à toa, com esse movimento também aparece a tentativa de homogeneização e o deslumbramento de supervalorizar o que é do outro em detrimento do que é nosso. Passa-se a dar muita importância ao que vem de fora e não valorizar tanto o que é nosso, às nossas línguas, a nossa cultura. Esse fenômeno se intensificou por algum tempo, mas apesar desse processo chamado Globalização ter surgido e ir se encaminhando ao ponto de quicá engolir e apagar as nossas raízes e as nossas línguas, também poderia suscitar a ideia de que eu pertença ao todo, logo, eu sou global.

Com o passar do tempo, mais evidentemente com a chegada da internet, a “[...] consciência dos valores e visões de cada um e uma decisão mais firme de preservar e proteger a própria herança linguística e cultural” (KUMARAVADIVELU, 2006, p.135), trouxe também a ideia de que era preciso (e ainda é) levar a nossa vivência, a nossa história, a nossa língua, a nossa identidade ao encontro do outro.

Essa tentativa de fazer do estranho algo mais próximo, mais inteligível para nós, fez com que começássemos a grafar os nomes dos estabelecimentos de uma maneira portuinglesada, e começamos a criar palavras a partir da junção de uma palavra da Língua Portuguesa com uma da LI nas conversas e nos chats pela internet, se evidencia a necessidade de falar um idioma híbrido, no qual as regras gramaticais não é o mais importante. Nesse sentido Tancini (2012, pp. 2-3) traz outros exemplos, sobre como a Globalização deixa seu rastro mundo afora:

Hoje, não se sabe mais o que é de quem. Podemos visitar o México e provar um pedaço dos EUA, um México americanizado, que não deixa de ser México, mas também não é mais México. Podemos também ir para os

Estados Unidos e provar um EUA latinizado, em regiões onde se fala mais espanhol do que inglês. Podemos provar a culinária asiática em restaurantes Europeus, ou ouvir músicas japonesas no ritmo percussivo da África. Podemos até ir ao Shopping Center, adentrando em um território global, ou até mesmo visitar o espaço mais global de todos, a Internet. A globalização proporcionou um contato entre as culturas extremamente intenso. Houve tantas trocas entre culturas, que hoje não faz mais sentido não pensar globalmente. Porém, é um perigoso erro pensar que estas interações culturais fazem dissolver as diferenças e alteridade.

Durante o avanço da “força” britânica e estadunidense para o mundo, fomos de alguma maneira movidos por ela, no que diz respeito às artes, culinária, moda, costumes. A língua também teve e tem uma grande colaboração no alastre dessas culturas para o mundo. No entanto, por muito tempo, nós professores de inglês seguimos ensinando a língua pela língua, o funcionamento ‘correto’ da mesma, sem inferir que língua é identidade, língua é cultura. Portanto, não seria possível seguir adiante ensinando língua separada de cultura. E se a língua expressa identidade e cultura, como usar a LI sem que esta passe por nós, brasileiros, ilesa.

Assim como em outros países, a LI foi se adaptando, se encaixando a outros sotaques, ritmos. A criação de novas palavras e termos em junção da LI com outras línguas retira o estigma inicial de ter a LI como homogeneizadora e passa pelo crivo dos usuários se tornando uma língua mais heterogênea, e vejo isso com bons olhos. Uma vez que a LI se torna uma *língua franca*⁵, ela não precisa estar presa a regras desse ou daquele país, utilizando as suas formas gramaticais, e sim ser usada como “língua de contato”, tonando possível o entendimento entres pessoas que são de nações diferentes e com línguas diferentes.

Além de *franca*, a LI também já tem o status de língua internacional, ou seja, ela não é monopólio de um só país ou uma só nação, e está em posse de qualquer pessoa que faça o uso dela para qualquer fim, em qualquer lugar do planeta. Rajagopalan, (2010) com as afirmações sobre o *World English* (doravante *WE*), começou a enxergar o uso da LI como *WE*, que se apresenta, como um fenômeno linguístico totalmente híbrido, e ‘*sui generis*’ e que é resultado da globalização. Esse fenômeno abrange qualquer falante (considerado nativo ou não) e visa fazer o falante se fazer entender, seja qual for o idioma que ele fale – seria um misto da LI com outros idiomas, ou seja,

⁵... é uma ‘língua de contato’ entre pessoas que não compartilham nem uma língua nativa comum, nem uma cultura (nacional) comum e que escolhem o inglês como língua estrangeira da comunicação entre eles. (Firth 1996, p.240. tradução minha)

levando em consideração “as mais variadas formas de se falar inglês” (RAJAGOPALAN, 2010, p.43).

Moita Lopes (2008), ao abordar a ideologia linguística e a globalização, defende que, apesar da língua inglesa ser uma das companheiras do império, ela já não pode mais ser considerada patrimônio de um único país, pois já existem mais falantes não nativos do que nativos de inglês, de modo que o local passa a adaptar à sua maneira o inglês aprendido. A ideia de que o inglês correto é aquele que se iguala ao do nativo já está há muito tempo sendo questionada, “o falante nativo parece ter perdido a prerrogativa exclusiva de controlar a padronização” (PENNYCOOK, 1994, p.10).

Ainda assim, é importante levar em consideração os impactos que a Globalização vem causando, entender porque ela nos leva (e se de fato leva) à interculturalidade, se e quando esses dois conceitos se colocam em intercessão, e o seu valor teórico e prático para a construção de uma prática na qual o ensino de LI se faz sem apagar a nossa identidade, e a prática em sala de aula respeite também o que é local, valorize o ser único, embora plural que cada aprendiz é, mesmo que não tenha aprendido a falar outro idioma por falta de oportunidade e nem ter mantido contato com outra pessoa que o fale como língua primeira anteriormente. Pois a sala de aula de LE e de qualquer disciplina deve garantir a “[...] equidade em educação, a busca da inclusão de diferenças individuais ou grupais, rompendo com modelos pedagógicos que exercem a homogeneização, que buscam formas pasteurizadas, que impõem formas rígidas de aprender e de ensinar” (MOTA, 2004, p.19).

Em se tratando de respeito ao outro, da aprendizagem de uma ‘nova’ língua, da formação cidadã que todos temos o direito a ter, da escuta sensível, das várias línguas-culturas, tem-se a interculturalidade, na qual as mais diversas culturas convivem, agem, reagem, transformam e compõem os tecidos da sua própria cultura e a da cultura do outro, e na qual as sínteses culturais são realizadas o tempo todo. E é nesse contexto que compreender as diferenças, somar as semelhanças e estabelecer uma comunicação eficiente se faz necessário.

De acordo com Canclini (2009, p.144), “há poucos anos, os processos de interculturalidade começaram a ser reconhecidos entre os sistemas econômicos, nos negócios globalizados, nas comunicações midiáticas e nas relações políticas internacionais.” Assim, a interculturalidade remete à confrontação e à mistura entre sociedades, ao que acontece quando os grupos entram em relações e intercâmbios. O

autor também afirma que isto implica que os diferentes se encontram em um mesmo mundo e devem conviver em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos (CANCLINI, 2009).

Para Damazio (2008), a interculturalidade visa à superação do horizonte da tolerância e das diferenças culturais e a transformação das culturas por processos de interação. Já para Tancini (2012), interculturalidade não se dá apenas por meio de processos passivos de trocas de elementos culturais, e sim por meio de um fervilhante diálogo, uma negociação entre as diferenças.

2.2 E essa tal Globalização?

A globalização é um fato consumado na contemporaneidade. Ela é o resultado do desaparecimento das fronteiras mundiais, minimizando distâncias, e, por conseguinte, propiciando a interação entre as nações. A globalização favorece o contato e dissemina informações, em contrapartida, pode acabar diminuindo as particularidades culturais que identificam um povo. Ela começou pelas conquistas de territórios e ocupações de terra para expandir negócios, para impor a língua e cultura do país que estava em avanço.

Tancini (2012) pondera que a globalização proporcionou um contato entre as culturas extremamente intenso, ocorrendo diversas trocas entre culturas, de tal forma que hoje não faz mais sentido não pensar globalmente. Definir o termo globalização significa igualmente historicizá-lo, situando-o de certa forma a um passado muito longínquo ou como um fenômeno histórico contemporâneo.

Por outro lado, em tempos mais atuais, a internet deu à Globalização um viés também de aproximar as pessoas que estão mais distantes e nos aproximar mais de outras culturas não tão poderosas como os EUA e os países da Europa, mas dos demais países, que muitas vezes nem imaginávamos a sua existência. Ainda tem a Globalização que padroniza a LI como língua de acesso a mais e melhores empregos, e a língua que circula nos meios acadêmicos e de informação.

Pensar o que faz uma língua se tornar global, nos leva a refletir por que pessoas, cuja língua nativa ou oficial não é o inglês, fariam essa língua. O latim foi uma língua internacional durante o Império Romano, indubitavelmente não pela quantidade de pessoas que a falavam, mas pelo poder dos Romanos. Quando o Império Romano declinou, o latim continuou como a língua da educação devido ao

poder eclesiástico católico-romano. Mas com a queda do Império, a igreja também não era mais tão poderosa e inquestionável, como nos mostra Leite (2009, p. 30):

Esse latim eclesiástico é a língua que, desde os primórdios da Igreja Católica, trazia um componente universalizante e que foi usada como a sua língua oficial, sendo seu uso obrigatório, até 1961. Entretanto é importante notar que em documentos oficiais, por exemplo, a língua latina utilizada era sempre a mais culta e mais próxima do latim clássico, enquanto que – como ocorreu em vários momentos da história da Igreja Católica –, nas homilias e em outras situações de uso do latim falado, houve uma orientação a que o latim fosse adaptado a se assemelhar à língua falada, para que o povo o compreendesse melhor.

Com a chegada do século XX, houve uma urgência crucial em ter uma língua internacional que as pessoas pudessem entender e serem entendidas como nunca antes. A revolução industrial e o desejo de expandir seus produtos e sua tecnologia, também trouxe aos países interessados em fazer negócios a necessidade de falar a língua de quem detinha essas forças.

Conforme Crystal (1995), mesmo tendo o vocabulário técnico e científico da língua inglesa se desenvolvido de forma constante desde o período da Renascença, foi exatamente na época da Revolução Industrial e das descobertas científicas, que a LI experimentou um crescimento sem precedentes, “incorporando no seu léxico todas as consequências desses movimentos de exploração científica” (CRYSTAL, 1995, p.87). Assim como aponta Kachru (1986, p.7 apud. SIQUEIRA, 2018) a língua passou a ser associada “à mensagem dos milagres médicos e da tecnologia”. Ao final do século XIX, o inglês já havia se tornado uma língua para além de uma língua de comércio, mas se tornaria a língua da tecnologia e da ciência, começando a ser vista como uma *língua franca*. Do período do pós-guerra em diante, a LI passou a ser a língua de acesso na terra, na água e no ar. Com todo esse acesso, com o processo de migração mundial e com a língua inglesa saindo do estágio de língua oficial ou de língua segunda em muitos países, ela agora passa a ser global. Para McLuhan (1996), com a chegada do novo milênio, o mundo entrou na terceira era da globalização. As pessoas precisam ou simplesmente querem falar inglês para fazer parte dessa “aldeia global”.

A aldeia global a qual McLuhan se referia, em um tom profético, seria o que hoje viria a ser a internet, ele começou a pensar nesse termo referindo-se ao rádio, nos anos 20, dizendo que “os meios eletrônicos nos colocavam de novo em contato com as

emoções tribais” (McLuhan,1996). Ele falava do computador e das telecomunicações, em um período que havia apenas a interligação de computadores militares norte-americanos durante a guerra.

Trazendo a profecia para os dias atuais, podemos dizer que ele teve a ‘premonição’ certa. A era dos computadores chegou e com ela o advento da internet. A rede mundial só passou a existir para bate-papos e emails em 1991, segundo Crystal (2006), que referenda ainda: “Mas, em um tempo extraordinariamente curto, as pessoas adotaram e dominaram a tecnologia e, enquanto o faziam, conheceram, adaptaram e expandiram sua linguagem tão diferente”.

Fazemos parte dessa aldeia global, tendo em vista que, se olharmos para a nossa pequena aldeia que é o Brasil (comparada à grande aldeia mundial), e com o advento da tecnologia, começamos a nos conectar em tempo real, transpondo a barreira do tempo e do espaço. Agora, os limites geográficos, de fato diminuem, às vezes até desaparecem virtualmente. Falamos uma mesma língua, ou melhor, falamos uma língua que nos permite brincar, usar as formas orais na escrita, e não se preocupar com as regras linguísticas de concordância ou pontuação, nos permitindo até criar muitos neologismos, usar sem restrição as gírias, palavrões, e *emojis*⁶⁶. Também por esse motivo, o interesse de aprender uma língua na qual pudéssemos nos comunicar com qualquer pessoa, em qualquer ‘aldeia’ fosse ela perto ou longe.

Anthony Giddens acredita que a globalização é um fenômeno da comunicação que, segundo o teórico, “se intensificou a partir dos anos 60 e 70, quando os primeiros satélites foram lançados, possibilitando a comunicação imediata ao redor do mundo. Desde então muitas coisas mudaram, entre elas a noção de soberania”. O autor assim traz a globalização como uma complexidade cultural (GIDDENS, 2000, p.18): “Num mundo em processo de globalização, em que a transmissão de imagens através de todo o globo se tornou rotineira, estamos todos em contato regular com outros que pensam de maneira diferente, que vivem de maneira diferente”.

Para este autor, o conceito de globalização refere-se à intensificação das relações sociais em escala mundial e as conexões entre as diferentes regiões do globo,

⁶⁶ de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (**imagem**) e *moji* (**letra**), e é considerado um **pictograma** ou ideograma, ou seja, uma **imagem que transmite a ideia de uma palavra** ou frase completa. (Retirado do site: <https://www.significados.com.br/emoji/>)

através das quais os acontecimentos locais sofrem a influência dos acontecimentos que ocorrem a muitas milhas de distância e vice versa.

De todo modo, o processo de globalização parece estar presente desde o período da colonização, talvez mesmo antes, mas não me atrevera a afirmar isso aqui, sem uma pesquisa mais profunda a respeito desse assunto. Porém, quando os invasores começaram a se apropriar dos territórios de outros povos, a exemplo de como aconteceu aqui no Brasil, já se expandia uma língua, uma cultura diferente da nossa, um modo de pensar, e o início da dissipação de uma língua existente nos lugares conquistados. Essa também foi uma trágica consequência da globalização, não só aqui, mas em várias partes do mundo.

Pensando na internet como a fase da globalização mais atual e que parece ter vindo que veio para ficar, podemos dizer que, através dela, muitas transações e negócios são fechados, comunicações e trocas acadêmicas ocorrem, fronteiras e distâncias são diminuídas e isso ocorre em frações de segundos e até simultaneamente. “Ela se tornou o motor principal, que está dirigindo os imperativos da economia, assim como as identidades culturais/linguísticas.” (KUMARAVADIVELU, 2014. p. 131). Essas situações acontecem em tempo real, e a língua utilizada “... – claro, o inglês – está no centro da LA contemporânea.” (Ibid., p. 131).

Com as invasões pelo mundo, a revolução industrial e o imperialismo americano com suas tecnologias, músicas e cinema, o mundo parecia querer se homogeneizar. Mas o que Appadurai afirma (1996, p.5 apud Kumaravadivelu) é que a homogeneização e a heterogeneização cultural estão ocorrendo ao mesmo tempo, resultando no que Robertson (1992, p.133 apud Kumaravadivelu) chamou de “glocalização, onde o global está localizado e o local está globalizado”.

Robertson (1992) sugere o uso do termo glocalização, enquanto processo em que o local e o global se entrosam para constituir o que designa por glocal. Na sua proposta, dois aspectos são centrais: a noção de globalização integra a ideia de interpenetração do global e do local, ou, de um modo mais abstrato, do universal e do particularismo; que as noções contemporâneas de localidade são correntemente o produto de ideias globais, embora, como enfatiza, seja errado pensar que todas as formas de localidade sejam substantivamente homogêneas. Para Robertson, a noção de local e de localidade se refere a realidades socialmente construídas (a construção de

uma identidade ou sentimento de pertença a uma determinada comunidade) ou a realidades concretas.

É importante ressaltar que o Inglês como *língua franca* (ILF) não se caracteriza por ser como a língua inglesa padrão, que é falada em muitos países, mas sim, pela maneira que as pessoas de cada lugar a moldam em consonância com a sua própria cultura e ao seu próprio idioma, e não se referindo a LI com suas regras e padronizações faladas no “Inner Circle” (KACHRU’s 1992^a, p. 356 apud JENKINS): EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, porque segundo Jenkins (2015, p.42):

... that just because a language item differs from the way it is produced by Inner Circle speakers, it cannot be assumed to be an error but may be an example of a contingent creativity and adaptation, or even of language contact and changes progress.

A LI é franca porque é livre para se adaptar e se moldar ao lugar onde seus falantes a recebem, ela é livre onde a comunicação corre para o entendimento daquela população ou comunidade que a utiliza. É global, porque é falada em muitos lugares do mundo onde não necessariamente é a língua comum entre os falantes. É internacional, onde ela não é oficial, mas é usada em ambientes dos negócios, ambientes acadêmicos e no turismo.

Jorge (2009), ao falar do caráter educativo do ensino de LE, aponta para

[...] as possibilidades que o aluno pode ter de se tornar mais consciente da diversidade que constitui o mundo. As múltiplas possibilidades de ser diferente, seja pela cultura, seja pelas identidades individuais, podem fazer com que o indivíduo se torne mais consciente de si próprio, em relação a seu contexto local e ao contexto global. (JORGE, 2009, p.163)

Pensando nos conceitos e efeitos de uma globalização que muitas vezes homogeneíza, dissipa e traz uma sensação de invasão, é inevitável que se reconheça que ela, de fato, nos faz imaginar que tudo e todos estão no mesmo ambiente. Isso pode implicar em achar natural ir incorporando, sem questionar, não só a língua do outro, mas a cultura do outro também. Está claro que LI se tornou a língua de maior prestígio e a língua da “... difusão mais ampla que permite acesso à Educação Superior, a redes internacionais, à informação no seu campo internacional, à mobilidade social e geográfica” (WRIGHT, 200, p. 250 apud KUMARAVADIVELU).

Peter Beyer expressa claramente a relação entre local e global, quando afirma “*the global can not be global except as a plural version of the local*” (BEYER 2011: 98). Para o autor, a noção de glocalização permite reter a ideia de que o global se expressa e se afirma pelo local enquanto este emerge como uma particularização do local.

O ensino de inglês no mundo globalizado pode criar oportunidades para o aprendiz participar da globalização de maneira emancipada, sendo um ser consciente das relações políticas intrínsecas aos acontecimentos glocais (globais e locais). Nesse sentido, Crystal (2005) salienta que o aprendizado de inglês deve empoderar os aprendizes, e não torná-los submissos a determinada forma de imperialismo linguístico.

Portanto, é de extrema relevância considerar a cultura local como um ponto de partida em direção ao diálogo intercultural, lembrando que a intenção não é privilegiar cultura alguma, mas estabelecer o confronto sadio entre elas, como enfatiza Mendes (2008).

Visando ainda a importância de mantermos e conservarmos a nossa língua-cultura, não há como nos esquivar da globalização, podemos nos manter firmes na valorização do nosso, mesmo que a(s) nossa(s) identidade(s) esteja(m) sendo revistas e a ela sejam reintegradas outras identidades. Não deveríamos abrir mão de quem de fato somos ou de quem gostaríamos de ser sem antes fazermos uma análise crítica do que tal globalização pode querer de nós, sem perdemos de vista nossa língua- cultura, nossa historicidade. É importante buscar, não diria uma resistência em reafirmar a nossa cultura, mas um lugar onde as “identidades locais” (Hall, 2000) convivam em harmonia nesse mundo, onde o local possa viver fazendo parte do global e o global tenha espaço para receber e acomodar o local. Os interesses locais precisam ser mantidos e divulgados, ainda que seja em qualquer momento, em uso da língua inglesa e, nesse caso, o *WE* falado aqui no Brasil.

No livro *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*, organizado por Moita Lopes (2014), o autor traz um exemplo sobre um grupo de linguistas aplicados no Oriente Médio “que promovem a educação em inglês para melhor servir aos interesses sociopolíticos, socioculturais e socioeconômicos do mundo islâmico [...] tais linguistas aplicados querem ter uma atitude crítica em relação ao que chamam de Linguística Aplicada, doravante LA “tradicional”, particularmente em educação e pesquisa em inglês”.

Vendo que a sombra da globalização nos acompanha em determinadas condições de viver e ser, nesse trabalho, especificamente me referindo ao ensino de LI, na tentativa de não apagamento das identidades e de conviver com o outro, trago aqui duas ponderações de Hall:

[...] ao invés de pensar no global como “substituindo o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. Este local não deve ser confundido com velhas identidades firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais” (HALL, 2005, p. 78).

Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade. Há juntamente com o impacto “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (...) na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acertado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”.” (HALL, Stuart, 2005, p. 77).

Ao que parece, aquilo que veio para homogeneizar, não encontrará lugar fácil de concretizá-lo, terá de conviver com a interligação do local e do global, das semelhanças e das diferenças, de algum apagamento, mas de novas formas que também nascem desse encontro.

Nessa onda da globalização, da qual sempre fizemos parte, destaco que cabe aos pesquisadores da área de LA ter sempre um olhar cuidadoso, nos debruçar a respeito desse fenômeno, pois sobre ele e nele estão implicadas muitas outras subáreas da LA, e também fará parte do repertório dos professores e professoras de inglês e de seus estudantes. A globalização atravessa fronteiras, conectando nossas salas de aula de inglês (e nossas vidas) todos os dias. Ela está presente, a partir da própria disciplina de LI e dos motivos pelos quais ou para os quais usaremos o idioma inglês, tomando conta do nosso fazer pedagógico, diário. A globalização estará nas nossas escolhas dos caminhos a seguir, trazendo uma expectativa de viver e conviver no tempo e espaço, que agora se dissolve através de uma conexão de computadores e bate-papos em tempo real, não importando onde o outro esteja.

Pode-se questionar muito a ideia de que aprender inglês é desnecessário, sempre é importante aprender a falar a língua que a grande aldeia fala, estamos em contato com o mundo o tempo todo, nessa era cibernética. Mas, se queremos entrar no mundo acadêmico, é essa língua global/internacional escrita e muitas vezes falada que

se impõe. E se ainda queremos entrar no ramo do comércio, dos negócios, é na LI que a maioria se entende melhor (principalmente quando as negociações são através de parceiros que pertencem a países diferentes e que falam línguas diferentes).

Logo, as razões podem ser inúmeras. Tive e tenho alguns alunos e alunas que aprenderam a língua porque adoram música, porque gostam de ouvir a fala original dos artistas nas séries, nos filmes e nas entrevistas. Para alguns deles perguntei se tinham vontade de sair do Brasil e muitos disseram que não. Muitas vezes, é alguém do outro lado da aldeia que quer vir visitar a nossa terra, saber como e do que vivemos e o que fazemos isso é algo que pode acontecer e ainda outras situações em que se possa usar a língua global. Já a usamos muito corriqueiramente, no nosso dia a dia, são jargões, expressões que foram incorporadas ao nosso vocabulário. Mas não se trata da língua global, considerando apenas os aspectos linguísticos, trata-se de uma comunicação intercultural que independe de que região geográfica se transporta, trata-se do contato e o respeito pela língua-cultura do outro a quem me reporte. Nesse sentido, Kramsch (2001) nos alerta

[...] uma visão estanque de língua e cultura em pesquisas sobre comunicação intercultural [...] não reflete as complexidades de uma era pós-colonial global na qual as pessoas vivem em espaços múltiplos e móveis e partilham de múltiplas identidades geralmente conflitantes e onde a possibilidade para um indivíduo para melhorar suas chances de sucesso não são tão claras como uma vez se acreditou (em parte, porque a noção de ‘sucesso’ não é partilhada universalmente). Em poucos anos, o tradicional binário Nós x Eles na comunicação intercultural será substituído pela noção que num mundo interligado e interdependente o Outro está em Nós e Nós estamos no Outro. A comunicação intercultural terá de lidar com identidades fluidas e redes transculturais em vez de com indivíduos autônomos situados em culturas nacionais estáveis e homogêneas. (KRAMSCH 2001, p. 205)

Nessa perspectiva, mais uma vez enfatizamos a importância dos aprendizes serem expostos aos sotaques e falares das outras variedades do inglês dessa grande aldeia. Que não se preocupem em soar (pronunciar) igual aos nativos, a nossa pequena aldeia também tem seu jeito de falar, de se comunicar, temos um jeito só nosso, com vários sotaques. Temos costumes diferentes, maneiras diferentes de ver o mundo, a começar pela nossa pequena grande aldeia que é o Brasil. Nessas aldeias, cada um de nós tem o seu jeito de enxergar o outro, de ver e de se relacionar com o

outro de um modo diferente. Estamos o tempo todo nos relacionando com e nessa grande aldeia global. Como afirma Graddol (2006, p.22), “as relações entre os acionistas globais – aprendizes, pais, governos, empregadores, editores, escolas – estão evoluindo rapidamente”. As fronteiras vão diminuindo cada vez mais. Graddol ainda destaca que “se por um lado, a presença do inglês como língua mundial está acelerando o atual processo de globalização, por outro, a globalização está acelerando o uso do inglês” (GRADDOL, 2006, p.22). Em alguns países, é possível ouvir e “falar” inglês com algumas palavras misturadas, como já mencionado antes, formadas da junção do inglês com outras línguas, são os fenômenos chamados de *chinglish*, *espanglish*, *japaglish* etc., nos quais os linguistas vêm gastando bastante tempo analisando essas línguas “mistas”, como nos relata Crystal (2005).

2.3 Globalização x Interculturalidade

Quando pensamos na palavra Globalização, algumas palavras podem vir à tona, como, por exemplo, economia, política, pesquisas, viagens, culturas, internet e muitas outras. No caso do aprendizado da LI, ela nos remete a pensar na língua como a mais falada no mundo, como nos informa Rajagopalan (2009) “... que é a língua falada hoje por quase um terço de seres humanos nos quatro cantos deste planeta (com quase o mesmo número de pessoas aprendendo língua ao redor do mundo)”. Não me refiro aqui a apenas os países que a falam como língua materna, mas todos os que a usam para se comunicar e para qualquer fim. Mas, ao falarmos de globalização, podemos nos deparar com diferentes definições, a depender sobre, e de que ponto de vista falamos. Uma dessas definições que nos foi dada por Lucca (2014) afirma que Globalizar é o mesmo que homogeneizar, e como já é sabido, essa homogeneização pode requerer diluir ou apagar identidades, etnias, religiões, gêneros e linguagens, como já foi mencionado. Porém, quando se pensa em globalização, no sentido de cada um que compõe o todo, é imprescindível que se mantenha e que se cultive a sua própria cultura, sua própria história, a sua própria língua para revelá-las ao mundo. Diante disso, fazemos a escolha pelo conceito de globalização de Kumaravadivelu:

[...] globalização se refere a uma força dominante e guiadora que está moldando uma nova forma de interconexão e movimentação entre nações, economias e povos. Resulta na transformação da vida social contemporânea

em todas as suas dimensões econômicas, políticas, culturais, tecnológicas, ecológicas e individuais. (KUMARAVADIVELU, 2008, pp.31-32)

Essa força também impulsiona e guia a nossa maneira de ensinar LI, tornando-se responsáveis pela valorização e respeito entre essa interconexão entre nações, entre povos, entre nossos alunos.

Há sempre quem enalteça a cultura do outro em detrimento de sua própria cultura, e, portanto, o interesse e a supervalorização pelo que vem de fora podem propiciar a nossa “conversão” a essa outra cultura. Desse modo, seus produtos podem acabar nos afetando mais do que deveriam, além de superdimensionar o valor das tradições e costumes do que não é nosso. Assim foi e é o que acontece em relação aos Estados Unidos, por exemplo, por ser uma grande potência mundial. Isso aconteceu quando surgiu um fenômeno denominado “mcdonaldização”, termo usado por Ritzer (1993), surgido do nome do famoso restaurante McDonald’s que já foi citado anteriormente nesse trabalho, o qual está espalhado no mundo todo. Esse fenômeno, segundo Busnardi e Cassimiro (2010), diz respeito aos processos por meio dos quais os cinco princípios básicos do restaurante fast-food, a saber: eficiência, calculabilidade, previsibilidade, controle e padronização, são expandidos para outros domínios, passando a exercer forte influência tanto em todos os setores da sociedade americana como também em outros países do globo. Para muito além dessa “mcdonaldização”, está também à influência cinematográfica e musical americana sobre o mundo.

O que penso ser mais relevante é que, mesmo em contato com outras culturas, possamos dar valor à nossa, possamos também levá-la ao conhecimento de outras pessoas, outros povos, outras nações, valorizá-la e não deixar que a nossa se sobreponha à de ninguém, nem vice-versa. Manter o que é nosso, nossa história, o que nos remete de onde viemos e à nossa biografia, ainda que haja uma transformação na vida social, na economia, nas políticas, nas dimensões individuais, isso está em consonância com o que afirma Crystal:

Quando um grupo de pessoas em um país (a exemplo de estudantes, professores ou empresários) comunicam-se em inglês, quaisquer que sejam as razões, o conteúdo de suas interações inevitavelmente incorpora alguns aspectos de seu habitat. Eles falam das lojas locais, de suas ruas e arredores, roteiros de ônibus, instituições, negócios programas de televisão, jornais, partidos políticos, grupos de minorias e muito mais. Eles fazem piadas, citam provérbios, evocam memórias linguísticas da infância (canções de ninar) e

relembrem as letras de canções populares. Todo esse conhecimento local e intrínseco é usado em sentenças sem glosa. (CRYSTAL, 2010, p.12)

Com a chegada da internet, essas aldeias globais (com suas particularidades e culturas próprias) longínquas ou próximas, mas sempre distintas, se interconectam e se aproximam cada vez mais e o tempo todo, quebrando a barreira do tempo e espaço. Estando em uma zona rural do semiárido, na Bahia, podemos nos comunicar com alguém, até mais de uma pessoa por vez que esteja em território aborígine na Nova Zelândia.

Como Crystal (1997, p.2) afirma “Uma língua alcança um status de verdadeiramente global, quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países.” Além de historicamente sabermos que a LI começou a ser considerada internacional por conta dos acordos comerciais, nos ateremos aqui ao ponto que ela chegou como língua global e internacional, e ainda como a língua estrangeira mais ofertada no EM das escolas brasileiras.

Não podemos mais afirmar que essa força motriz que é a globalização nos atrairá apenas para as grandes ‘aldeias globais’ ou para aqueles países mais ricos cuja língua nativa ou a LE privilegiada seja o inglês. Enquanto língua global e língua internacional, a LI tem nos aproximado cada vez mais de lugares, onde ela não é a língua vernácula, nem oficial, mas é a que podemos usar como língua comum para nos comunicarmos e mais uma vez, trago Crystal (2006):

Professores de inglês como língua estrangeira estão percebendo que devem ampliar o alcance de suas atividades, a fim de expor os alunos a novas variedades e formas de inglês, um processo que vai se tornar cada vez mais pontual quando materiais de ensino e sistemas de avaliação adotarem uma perspectiva global (CRYSTAL, 2006, p. 134)

Os/as professores/as de LI poderiam também tentar desenvolver nos seus estudantes a competência comunicativa, para que estes possam utilizar o idioma em benefício próprio, expondo-os às variações de LI o quanto for possível, para que eles possam assim se envolver pragmaticamente e interculturalmente com falantes dessa língua, estimulando assim a interação em sala de aula e fora dela.

Assim como a língua é um organismo vivo, a cultura também é. Não acredito que seja possível ensinar uma língua dissociada de cultura (ou culturas). É

imprescindível falar da própria cultura e estar aberto para as demais, levando em conta os interesses dos estudantes, mostrar aos mesmos que vivemos em um mundo globalizado, onde é possível aprender sobre nós mesmos e sobre os outros, ainda que seja dentro de uma sala de aula. Fazer dessa sala de aula um ambiente “culturalmente sensível”, onde podemos falar e escolher sobre um repertório significativo para todos. Não um ambiente onde apenas se ensina as regras da língua padrão de maneira descontextualizada e estanque.

De acordo com Kumaravadivelu (2008, apud Busnardi e Cassimiro 2010), o/a professor/a deveria adotar o conceito de “realismo cultural” para preparar suas aulas, ou seja, deve estar ciente e saber que as realidades global, nacional, social e individual estão em constantes interação e intersecção, propiciando dessa maneira um ensino-aprendizagem intercultural que favoreça a harmonia entre as diferentes culturas, onde convivam as mais diversas culturas, em que pessoas agem, reagem, transformam e compõem suas identidades e suas histórias, onde as sínteses culturais são realizadas o tempo todo, o que podemos chamar de interculturalidade. Hall (2012, p.17), confirma essa visão: “a cultura é um processo dinâmico, localizado nos espaços discursivos entre os indivíduos... A língua é ao mesmo tempo repositório da cultura e uma ferramenta com a qual a cultura é criada”.

Nesse viés, os docentes estariam em sintonia com as possibilidades de interpretação de mundo que os estudantes terão e trarão para a sala de aula. As interpretações serão inúmeras e a necessidade de dialogar sobre as mesmas e aprender com elas deverão ser inúmeras também. Entretanto, é importante vencer, combater o preconceito e a intolerância e começar a interagir e a tecer opiniões, conceitos e estar aberto para as relações e intercâmbios que irão surgir na sala de aula, fora dela, na internet, nas ruas, etc. Dessas relações sairão concordâncias, conflitos, discordâncias, diferentes pontos de vista, mas o importante é que a relação social ocorra, é nessa dinâmica de aprendizagens que sorvemos o mundo, é um caminho para chegar ao que chamamos de interculturalidade:

A interculturalidade busca se constituir como uma forma de relação e articulação social entre pessoas e grupos culturais diferentes, articulação essa que não deve supervalorizar ou erradicar as diferenças culturais, nem criar necessariamente identidades mescladas ou mestiças, mas propiciar uma interação dialógica entre pertencimento e diferença, passado e presente, inclusão e exclusão e controle e resistência, pois nestes encontros entre pessoas e culturas, as assimetrias sociais, econômicas e políticas não desaparecem (WALSH, 2001, p. 8-9 apud NASCIMENTO, 2014, p.6).

A interculturalidade acontece no fervilhar do diálogo, é no sabor do debate que ela se promove, ela estimula a comunicação intercultural. A partir da negociação de significados, ela acontece.. A globalização altera e intensifica a dinâmica das relações, mas são as pessoas que fazem essa dinâmica acontecer, somos nós com os nossos saberes, as nossas histórias, as nossas falas, as nossas ações, diálogos e trocas que nos permitem aprender a ser interculturais, e é isso que faz a interculturalidade acontecer. É numa relação de trocas e de interação que a interculturalidade se faz presente, e é nela que nos mostramos numa esfera de encontro, encontro de identidades, onde fluem as crenças, as experiências e vivências, mas também os conflitos e confrontos. E nessa relação se configura uma experiência profunda de aprendizagens. Essa relação sempre vai ser de crescimento, de construção de conhecimento, de ampliação dos saberes e de mudança na compreensão de realidade.

Numa aldeia global como também pode ser a sala de aula, existe a possibilidade de desenvolver uma educação intercultural, que Nanni (1998, p.55) a traduz, como um caminho aberto, complexo e multidimensional, que envolve uma multiplicidade de fatores e de dimensões: a pessoa e o grupo social, a cultura e a religião, a língua e a alimentação, os preconceitos e as expectativas. A educação intercultural não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isso significa uma relação de troca e de reciprocidade entre as pessoas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos, suas identidades e sua dignidade. Como afirma Mendes (2012, p.359): “Há culturas dentro de culturas, histórias dentro de histórias, vidas dentro de vidas.” A autora ainda nos remete ao sentido que ela atribui ao termo intercultural no ensino- aprendizagem de línguas:

[...] é o de um esforço, uma ação integradora, capaz de suscitar comportamentos e atitudes comprometidos com princípios orientados para o respeito ao outro, as diferenças, a diversidade cultural que caracteriza todo processo de ensino- aprendizagem, seja ele de línguas ou de qualquer outro conteúdo escolar. O esforço para a busca da interação, da integração e da cooperação entre os indivíduos de diferentes referências culturais. É o esforço para 'se partilhar experiências, antigas e novas, de modo a construir novos significados em processo de partilha. (MENDES, 2012, p.360)

A escola é um ambiente propício para a interculturalidade, embora muitas vezes esta não esteja presente, pois algumas vozes são comumente silenciadas. Geralmente, o professor assume o papel preponderante e apaga as outras vozes, não facilita ou permite que se desenvolva a troca necessária, e outras vezes os próprios docentes também são silenciados por uma instância maior ou por se sentir ser estrangeiro (a ponto de não se sentir a vontade de ter opiniões ou estar à vontade para dialogar sobre). Os estudantes e os professores precisam ser ouvidos, acolhidos, confrontados, respeitados. Mas essa tarefa primeira é do professor, ele/a escolhe as maneiras, os meios, as formas de fazer a sua práxis que deve começar pelo reconhecimento do espaço onde realiza essa práxis, construir com eles e de acordo com as suas necessidades comunicativas a aprendizagem da língua-cultura estrangeira.

De acordo com Berwig (2004, apud SIQUEIRA, 2008, p. 116):

A aprendizagem de um idioma implica muito mais do que a simples aprendizagem de destrezas ou de um sistema de normas ou de uma gramática; implica uma alteração da autoimagem, na adoção de novas condutas sociais e culturais e de novas formas de ser, o que produz um impacto importante na natureza social do aluno (BERWIG, 2004, p.45).

Trata-se de “compreender o estudante na sua diferença, e não apenas na sua diversidade. Enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios” (DAYRELL, 1996, p.140).

Segundo Candau (2005), a interculturalidade discute o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e promove relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos ligados a essa realidade.

Imaginando toda essa complexidade em um universo no qual se faz necessário ser e agir interculturalmente, concordamos com Martins (2015, p.73) quando assinala:

Em suma, o caráter intercultural do ensino da LI é respaldado por diversos fatores: a) a LI não representa uma cultura monolítica nem um único país referência; b) ensinar a LI não é uma atividade desvinculada da responsabilidade política comum a todo docente de formar cidadãos conscientes e aptos para se relacionarem com diferentes indivíduos provenientes de culturas diversas, sejam elas de outros países ou do seu próprio; c) a língua não existe sem cultura e nem cultura sem língua, o professor deve compreender que a língua deve ser vista e ensinada como

cultura; d) ensinar língua como cultura não implica em privilegiar as culturas estrangeiras, mas em promover o encontro sadio das culturas estrangeiras e próprias; e, por fim, e) o ensino intercultural é uma ferramenta eficaz contra os estereótipos a respeito de si mesmo e do outro.

Jordão (2011), por sua vez, considera que aprender LI pode contribuir para a concepção de novas formas de saber, novas formas de refletir sobre o desenvolvimento nacional e global, novos modos de relacionar países e culturas. Na sala de aula na qual o indivíduo está inserido, ele vai aprender a LI que está sendo apropriada por diversos povos (inclusive o nosso) e também modificada de certa forma por todos os usuários dela. “[...] usar uma LE representa uma oportunidade de ressignificar sentidos, representações, procedimentos, valores, ou melhor, atribuir novos sentidos a nós mesmos, aos outros, ao mundo.” (JORDÃO, 2015, p. 77).

Para Byram, Gribkova e Starkey (2002), a dimensão intercultural configura-se como um objetivo solidamente estabelecido no ensino de línguas. Em essência, essa dimensão busca ajudar os aprendizes a interagir com falantes de outras línguas em termos de igualdade, tornando-os conscientes de suas próprias identidades e da de seus interlocutores. Dessa forma, a perspectiva intercultural não se refere a um novo método de ensino de línguas, mas sim a uma extensão natural do que a maioria dos professores de LE reconhece como importante. O objetivo da perspectiva intercultural no ensino de línguas, portanto, é o desenvolvimento de falantes interculturais ou mediadores capazes de se envolver com múltiplas e complexas identidades, evitando, assim, os estereótipos que acompanham a visão de alguém a partir de uma única identidade. Nessa direção, Mendes (2011) recomenda que o ideal é que conteúdos relativos à cultura sejam abordados não apenas como fatos e informações, mas, principalmente, como redes de significados a serem interpretados.

2.3.1 Língua Inglesa (LI), “*World English*” e Língua Franca (LF)

Há três paradigmas ligados ao Inglês como língua globalizada ou língua internacional, nomeadamente, “*World English*” (BRUTT-GRIFLER, 2002), “*World Englishes*” (SCHNEIDER, 2014) e “*English as a Língua Franca*” (JENKINS, 2007). Os três modelos, segundo Schmitz (2016, p. 334), “compartilham reflexões sobre a presença global do inglês, refletindo a transformação do idioma falado num pequeno país europeu num veículo de comunicação intra- e internacional com implicações para a

formulação de uma política do idioma no campo de ensino da língua inglesa no contexto brasileiro”.

De acordo com McArthur (2004), a expressão *World English*, por exemplo, surge no final dos anos 1920, seguida de perto pela expressão *International English* nos anos 1930 e, somente muito mais tarde, pela expressão *Global English* na década de 1990. O autor afirma que a primeira vem sendo utilizada ao longo dos anos para dar nome tanto ao que conhecemos por *Standard English* (inglês padrão), quanto a qualquer outra variedade do inglês; a segunda se refere ao uso multinacional do inglês, principalmente no que diz respeito ao ensino de línguas e; a terceira inclui os múltiplos usos do inglês e a relação, quase sempre negativa, que se estabelece entre ele e o fenômeno da globalização socioeconômica mundial.

McArthur (2004) encontra indícios da primeira ocorrência, que data de 1927 na segunda edição do Oxford English Dictionary (OED2) no ano de 1989. O dicionário traz dois exemplos de uso da expressão. Neles, os termos *standard English* e *world-English* se confundem. De acordo com o autor, do momento de seu primeiro registro até o início da década de 1980, a expressão *world English* volta a ser citada novamente apenas em 1967, como título de artigo publicado pelo próprio Tom McArthur na revista *Opinion* em Bombaim, Índia. (ANDRADE LONGARAY; SANTO LIMA (2010, p.39). Para este autor, *world English* denomina, desde 1967, todo e qualquer tipo de inglês que inclui a língua inglesa como língua padrão e não-padrão, língua materna e outra língua, dialeto, pidgin, *creole*, *lingua franca*, e também Anglo-híbridos tais como o *Hindlish* e o *Spanglish*. No entanto, em 1992, McArthur define o termo *World English* (agora com *w* maiúsculo), como o termo que é cada vez mais utilizado para fazer referência ao inglês como língua mundial e fala da forte oposição ao uso de tal expressão no meio acadêmico, por acreditarem que o conceito apontava para a dominância dessa língua enquanto língua global em detrimento de outras línguas faladas no mundo.

Em 2007, o dicionário Encarta (*Encarta World English Dictionary*), disponível na *WEB*, lançado no mercado pela editora Bloomsbury, radicada em Londres, e associada à Microsoft, em 1999, define o termo *World English* como “o inglês como ele é utilizado ao redor do mundo” ou como “a língua inglesa em todas as suas variedades como ela é falada e escrita ao redor do mundo”.

Para Rajagopalan (2004), *World English* consiste numa língua falada em “balcões de *check in*, corredores e salas de embarque dos aeroportos mais movimentados do mundo durante encontros de negócios multinacionais, jogos

olímpicos ou copas do mundo, feiras internacionais de comércio e conferências acadêmicas” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 112). E acrescenta, “o *World English* conta atualmente com uma legião crescente de usuários”. O autor define World English (WE) como uma variedade democrática do inglês – uma variedade pertencente a todos os seus usuários, mas que não constitui língua materna para nenhum deles. Quando Rajagopalan (2004, 2005) incorpora o *World English* (Inglês mundial, tradução minha), o denomina como um sistema linguístico híbrido, desprovido de falantes nativos, mas não necessariamente de ideologia, capaz de servir a todos os seus falantes, colocando-os em pé de igualdade no jogo político mundial.

2.4. Globalização e ensino de língua inglesa dentro de uma perspectiva intercultural

Sempre houve necessidade entre os povos, de uma ‘língua global’ para negociar, para argumentar, trocar ideias. Hoje, mais do que nunca queremos interagir com as pessoas, mais próximas ou mais longe, do ponto de vista geográfico. De uma forma ou outra estamos conectados, antes mesmo do advento da internet, estávamos conectados via rádio, cartas, televisão, telefone. Nem sempre essa conexão de outrora nos permitia interligar “meu” mundo com o mundo do outro, no sentido da troca intensa e direta que a comunicação em tempo real nos traz. Quando recebíamos alguém de fora, de outro país em ambientes que fossem passíveis de intercâmbio, muitas vezes a língua se tornava uma barreira, como, então poderíamos interagir, ter um diálogo intercultural com essa pessoa?

Em se tratando da sala de aula, é raro o acontecimento de uma visita de alguém de outro estado, quiçá, de outro país. Mas ainda é possível me *interculturalizar* com os colegas de classe, com os professores e com todos aqueles que estão presentes no ambiente escolar (serventes, merendeiras, pessoal da limpeza, porteiros e porteiras, diretores, coordenadores etc.) Então por que não se aventurar no mundo da outra pessoa que estava tão próximo de mim todos os dias? Por que não falar das minhas vivências, das minhas crenças, das minhas histórias de vida para elas, e por que não ouvi-las também? A interculturalidade só acontece por meio dessa troca, do argumento, da soma, do descarte e ou acréscimo de algumas ideias e da incorporação e ou mudanças de outras.

Não é difícil encontrar perguntas como “você vai ensinar inglês britânico ou americano, professora?”, ou, “seu sotaque é mais americano ou britânico?” Alguns dos

participantes da pesquisa se surpreenderam quando a professora respondeu: “meu sotaque é brasileiro e aqui vamos descobrir juntos um ensino de inglês que nos dê condições de nos expressar e entender quem está falando inglês, seja o seu interlocutor, indiano, canadense, americano, chinês, ou alguém de qualquer outra nacionalidade. A garantia de se comunicar, de se interculturalizar é a que deveria valer. Ou seja, falar de si, do seu mundo e ouvir sobre o outro, em uma língua global que também passa a ser nossa, já que somos cidadãos que vivemos nesse mundo globalizado, é uma experiência nova para alguns.

Assim concordamos com Almeida Filho (2002) quando conclui:

Portanto, em um ambiente de aprendizagem de línguas, em especial a inglesa, é preciso que o cultural transponha os limites da própria cultura – daí o sentido do transcultural – e se instale “no intercultural, que implica a reciprocidade de viver (ainda que seja temporariamente) na esfera cultural do outro e simultaneamente ter o outro confortavelmente em nossa esfera de cultura” (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 211).

Usar uma perspectiva que fale de várias culturas, de falantes nativo e não nativos, de qualquer parte do globo, que nos faça refletir, falar, interculturalizar sobre (e se possível com) essas pessoas, suas histórias, suas crenças é um desafio grande, mas não impossível para quem está disposto a reelaborar suas práticas e metodologia de ensino e de aprendizagem. Não é uma tarefa fácil, pois algumas vezes é preciso que haja rupturas no processo pedagógico, no processo de ensino criativo e no processo político e de formação que requer um ensino significativo, intercultural, de qualidade que valha a pena para o docente e para os estudantes. Geralmente essa revolução começa pelo docente, muitas vezes, é pela inquietação, outras por um gatilho que é disparado pelo estudante, pela necessidade de uma renovação nas concepções, pela observação e sensibilidade de perceber que a práxis precisa ser transformada para satisfazer as demandas atuais do processo de ensino – aprendizagem de línguas. Nesse sentido, concordamos com Rocha (2013, p. 18) quando afirma:

Trabalhar cultura na sala de aula de línguas, sob um enfoque plurilíngue, significa promover a reflexão sobre nossas representações e valores, a compreensão das razões pelas quais pensamos do modo que pensamos, além de possibilitar questionamentos e deslocamentos, no que diz respeito às nossas constituições identitárias, às nossas percepções e valorações enquanto sujeitos que integram grupos sociais específicos, que participam

de comunidades distintas, que ocupam posições discursivas particulares nas relações travadas em seu meio.

Alguns avanços já foram realizados, começando por ponderar algumas questões: i) é possível aprender inglês na escola? ; ii) não é necessário que eu saia da minha ‘aldeia’ para me comunicar em inglês, pois vivo também em um mundo intercultural e virtual; iii) para quê vou aprender inglês?

Pensando no primeiro ponto acima, devemos considerar que o nosso sistema educativo é bem complexo, e no que refere ao ensino de línguas, nos deparamos com salas de aulas superlotadas, muitas vezes, o docente não fala inglês, pois não teve contato prévio com essa língua, os recursos são escassos, a carga horária é mínima e a metodologia não favorece a aprendizagem, em muitos casos, por conta da abordagem gramatical que predomina. Seria interessante procurar alternativas mais pragmáticas de uso da língua alvo, como participar em *chats* (salas de bate-papo), ou utilizar *games online*, para me comunicar com o meu oponente que está no outro lugar do mundo, assim como outros recursos tecnológicos que estão a nossa disposição. O ponto três, nos mostra que é preciso entender, qual é o meu objetivo em aprender uma língua estrangeira. Pennycook nos traz uma reflexão:

[...] uma prática crítica no ensino de inglês deve começar criticamente explorando as culturas dos alunos, conhecimentos e histórias de maneira desafiadora e ao mesmo tempo positiva e animadora. Grosso modo, pode-se dizer que a pedagogia do inglês no mundo é uma tentativa de capacitar alunos para escrever (falar, ler, ouvir) contra. A noção de voz, portanto, não é aquela que envolve qualquer uso da língua, o blá-blá-blá vazio da aula comunicativa, mas deve estar atrelada à visão da criação e transformação de possibilidades (cf. Simon, 1987). As vozes que estamos tentando ajudar os alunos a encontrar e a criar, são vozes insurretas que falam em oposição ao discurso global e local que limitam e produzem as possibilidades que formam as vidas de nossos alunos. (PENNYCOOK, 1994, p. 311).

O ensino de línguas precisa estar focado na formação cidadã e política da pessoa, no ensejo de deixar que os estudantes sejam protagonistas e não meros telespectadores das lições do material didático, sem a prerrogativa de ter apenas que estudar o conteúdo. É preciso ir além, também ser e fazer o conteúdo. Promover o uso comunicativo da linguagem, construir, reconstruir e negociar significados, na e sobre a

língua alvo, trabalhar os diferentes gêneros textuais com *input* relevante, que permita dialogar e debater sobre temas atuais, que nos façam produzir conhecimento, que possamos nos colocar como cidadão que aprendem sobre si e sobre os outros, e que constroem pontes interculturais quando partilha com os outros ideais, opiniões, se posiciona e sabe respeitar o discurso do outro, entender que vivemos e convivemos num mundo onde existem desigualdades, preconceitos, estereótipos, mas que negociando significados e reconstruindo os nossos discursos podemos dar voz ao outro, entender o mundo do outros e renovar as nossas posições, nos reconhecendo como seres imperfeitos, reconstruindo também as nossas identidades. Tudo isso pode ser feito na língua materna e na que aprendemos. Como aduz Antunes (2009, p.38), “... longe portanto daquela língua abstrata, sem sujeito e sem propósito – língua da lista de palavras e das frases soltas.”

Deixar claro para os estudantes sobre os mitos dos sotaques, do falar “certo”, da melhor pronúncia, eles precisam estar cientes do seu papel enquanto falantes potenciais dessa língua que não pertence mais a um ou dois povos, mas ao mundo, onde toda e qualquer pessoa que necessite ou queira lançar mão dela, possa usá-la como inglês *língua franca* que “em termos práticos, pode-se afirmar que o ILF captura a natureza plural e multiétnica dos falantes, dentro e fora dos ambientes internacionais” (FRIEDRICH; MATSUDA, 2010 apud Siqueira, 2011). Antunes (2013, p.25) também destaca:

O que existe é língua que muda, que varia que incorpora novos sons, novas entonações, novos vocábulos, que altera seus significados, que cria associações diferentes, que adota padrões sintáticos novos, sobretudo quando essa língua é exposta a variadas situações de uso, a outras interferências culturais.

Isso nos remete a (re)pensar na língua como algo fluido, que se move, que varia, que se mistura, que adiciona, que encurta, que amplia, que inclui e exclui e que depende de seus falantes, pois são esses que ditam as regras, são eles que conduzem seus discursos e o diálogo que se dão em situações de interação. Assim sendo, a língua não pode estar dissociada da história de quem a fala, por que e para quem se emprega, por que língua é história, é identidade e é cultura, por isso ela extrapola o espaço da escola e do ensino, pois também é construção de todo e qualquer lugar.

Em se tratando de uma perspectiva intercultural, é me mostrar ao outro como diferente dele, com histórias diferentes da dele, mas significa também abrir espaço para que ele também se mostre. Permitir que o meu mundo e o do outro seja visto e respeitado – estabelecendo assim um lugar possível onde a(s) língua(s)-culturas se mostrem, se tencionem, evoluam, entrem em conflito, contradição e se aproximem, criando assim um “terceiro-lugar” (KRAMSH, 1993). Não apenas me aproximo do meu estudante a partir do que eu levo, nem a partir do que ele traz, mas a partir do que construímos nesse ‘terceiro lugar’. Assim,

Ao fornecer aos aprendizes de língua inglesa múltiplas oportunidades de adquirir uma noção de si próprio, construindo significados alternativos em relação à cultura da língua-alvo e às suas próprias culturas, o discurso intercultural propicia a interação necessária para esse reconhecimento e a compreensão do diferente (ALVES, 2016, p. 67- 68)

E o que se espera dos docentes, segundo Alves (2016),

[...] como educadores, e não apenas tecnicistas, devemos criar atividades em sala de aula que permitam aos nossos alunos refletir sobre as narrativas sociais, tornando-os capazes de escrever suas próprias histórias. Tendo-se em mente a grande diversidade cultural que nos rodeia, não se pretende enfatizar essa ou aquela cultura, muito pelo contrário, diversos elementos culturais oriundos de diversos povos falantes da língua inglesa podem e devem ser discutidos e abordados (ALVES, 2016, p. 67).

A perspectiva intercultural no ensino de línguas pressupõe uma série de ações em prol do reconhecimento da diversidade que nos constitui, e da luta constante contra atitudes de discriminação para com o outro. Portanto, é necessário reformular as bases teóricas e metodológicas que orientam o nosso trabalho e construir novos conceitos e novas maneiras de ensinar e aprender línguas estrangeiras que privilegiem a diversidade cultural e a realidade de nossos alunos. Numa perspectiva intercultural, a língua “passa a ser a ponte, a dimensão mediadora entre sujeitos/mundos culturais, visto que o seu enfoque se dará nas relações de diálogo, no lugar da interação” (MENDES 2011, p. 140). Dessa forma, é o nosso dever de tornar nossos ambientes de sala de aula em espaços de transformação social, para poder formar cidadãos críticos.

A avaliação e/ou elaboração de materiais precisa ser construída e pautada no desenvolvimento da perspectiva intercultural. Os professores precisam estar preparados para, de maneira crítica, saber escolher, reescrever, complementar, adaptar, elaborar e

usar materiais que atendam as necessidades de seus alunos. Evitar textos carregados de estereótipos, preconceitos e exclusões culturais. O material didático deve ser uma ferramenta de formação de opinião, um instrumento de reflexão acerca da nossa realidade. Os materiais devem trazer consigo a possibilidade de levar o mundo até a sala de aula, problematizando questões culturais, apresentando um cenário multicultural e integrando as diversas culturas onde as diferenças entre os indivíduos são valorizadas e variedades de vozes e discursos substituam a visão etnocêntrica dos livros didáticos de línguas estrangeiras (LE) (SCHEYERL, 2012, p. 48). É a elaboração e adoção de materiais onde o inglês deve ser usado como um instrumento não apenas de reconhecimento mútuo, mas principalmente de troca de experiências, informações e aprendizado para todas as partes envolvidas num processo que para se fazer legítimo, precisa, essencialmente, possuir um caráter dialógico e intercultural (SCHEYERL; SIQUEIRA, 2009, p. 81).

Ao avaliar e/ou selecionar os materiais devemos levar em consideração que

[...] todo e qualquer material está em primeiro lugar marcado por um conceito, por uma filosofia de ensino, por uma abordagem de ensinar que também contempla um conceito de língua, de aprender língua (s) e uma expectativa de como devem proceder professores de línguas se quiserem de fato mediar com sucesso o adquirir ou aprender exitoso de quem já vai crescendo no seu poder de expressar e compreender os sentidos de uma língua- alvo em uso (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 16).

A língua estrangeira e o material didático são mediadores culturais entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem e mundos culturais diferentes. Elaborar material didático em que os estudantes se vejam ou se identifiquem é uma tarefa do professor permitindo que o estudante também participe do processo com as suas escolhas, que ele se interesse, que ele possa se sentir ativo e autônomo para interagir na língua-cultura alvo, para desenvolver nos estudantes a habilidade de se “abrir-se para o outro, para o que é diferente, contribuindo para fazer do “estranho”, estrangeiro, algo familiar próximo” (MENDES, 2008), quando isso for possível.

Uma postura intercultural vinda do professor conta muito, uma postura de abertura, de aproximação, de respeito, de permitir que o estudante se aproxime também daquilo que quer entender, estudar.

É nesse entremeio dialógico que a comunicação intercultural acontece, numa tentativa de aproximar o estudante da língua-cultura do outro e do reconhecimento da

sua própria língua-cultura, de propiciar, na sala de aula, viver a experiência de estar sempre se aproximando desse ‘terceiro lugar’, ou transpor as fronteiras das diferentes realidades, ou entre-lugares, como nos mostra Alzibeiro ao traduzir Bhabha:

A miscigenação, ou hibridismo, passa a ser entendida como processo inerente às interações e ao jogo de forças. As tradições e os valores são recriados, reconstruídos de modo dinâmico e flexível, tal como um organismo vivo. É esse o espaço limiar, fronteiro, polifônico da intercultura. Entendemos intercultura como os espaços de encontro-confronto dialógico entre as várias culturas, que podem produzir transformações e desconstruir hierarquias. É esse o entre-lugar no qual todas as vozes podem emergir, manifestar-se, influir – se assim podemos caracterizar a inclusão dos diversos fluxos, das inúmeras teias de significados. (ALZIBEIRO, 2003, p. 93 apud MENDES, 2008, p. 74).

Dessa forma, a docência de LI necessita construir um espaço dialógico entre professor e estudantes, onde a perspectiva intercultural cumpra seu papel em sala de aula, através de um ir e vir constantes, onde a(s) identidades conversem entre si. Identidades essas que também são intraculturais, que são mutáveis e híbridas, que criam um ‘terceiro lugar’ capaz de aproximá-las para entender e enxergar esse eu que habita no outro e esse outro que habita em mim.

3 PLANEJANDO A VIAGEM: ROTAS, PARADAS, PERCURSOS, PAISAGENS.

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos o tipo de metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa, assim como o método adotado, a descrição do contexto e participantes da pesquisa, os instrumentos elaborados para a coleta e registro de dados, justificando a escolha do instrumento e os procedimentos de análise.

Ao planejarmos uma viagem, pensamos no lugar onde queremos chegar, sem dúvida, mas pensamos também na rota, no percurso a percorrer. Primeiro planejamos ir a um lugar que gostamos, depois de que maneira chegaremos lá, que atalhos ou que caminho devemos escolher para chegar ao destino, quem irá conosco, quais os lugares por onde passaremos, as pessoas que possivelmente encontraremos, e assim por diante. Se está frio, ou calor, para escolher nossas roupas, se é um lugar novo, ou algum que iremos visitar. Há quem faça diários de viagem, há os que fazem esse registro por meio de fotos, apenas para guardá-los na memória. Nesse trabalho, decidimos visitar um lugar que já conhecíamos, e que visitamos todos os anos. Podemos dizer que todos

os dias o visitamos, mas o olhar nunca é o mesmo, e dessa vez não escolhemos ir sozinhas, escolhemos ir com mais pessoas, com uma professora e seus estudantes, uma capitã que nos leva e nos orienta nesse velejar, pessoas que nos fizeram acreditar que seria uma viagem diferente, com outras paisagens, com outras paradas, outras visões.

A pesquisa sempre é uma viagem, os objetivos, os destinos e os meios podem não ser os mesmos, mas é sempre uma viagem. Fazer um estudo de caso em uma sala de aula de Ensino Médio, numa escola pública de Feira de Santana, foi o nosso destino (ou ponto de partida?). O objetivo principal era saber como a interculturalidade era vista pelas pessoas envolvidas e se ocorria e de que maneira ela ocorria dentro daquela sala de aula.

3.2 Tipo de pesquisa

Minayo (2007) define a metodologia como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer. Ao adotar uma metodologia, estamos traçando um percurso para nortear o pensamento na construção do processo de investigação, a fim de conseguir as respostas às indagações formuladas.

O presente estudo localiza-se no âmbito da Linguística Aplicada partindo de um paradigma qualitativo de cunho interpretativista, sendo este um estudo de caso. Segundo Lüdke e André (1986, p. 17) um estudo de caso deve ser aplicado quando o/a pesquisador/a tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. A pesquisa qualitativa tem caráter amplo, e é importante que se mantenha um diário de bordo para que nada seja perdido. Neste aspecto, exige a habilidade de expressão escrita para descrever as situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos que devem ser reconstruídos pelo pesquisador na íntegra, em excertos ou em transcrições literais. É preciso muita atenção para que não se corra o risco de possuir um trabalho de campo de boa qualidade com dados importantes, e, no entanto, o pesquisador não conseguir fazer os registros em palavras de forma que contemple a pesquisa na sua riqueza de coleta de dados. Em se valendo disso, a pesquisa qualitativa ainda conta com algumas características centrais, conforme nos revela Merriam (1998, apud RAUEN p. 163):

“baseia-se em indivíduos interagindo com seus mundos sociais; esforça-se para compreender situações únicas, como parte de um contexto particular e de suas interações; busca entender o fenômeno sob a perspectiva dos atores; o pesquisador é o instrumento primário da coleta de dados...”.

A pesquisa qualitativa considera uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. O sujeito-observador faz parte do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, de acordo com seus valores e crenças, dando-lhes um significado. A pesquisa qualitativa tem como fonte direta dos dados o ambiente natural e o pesquisador como instrumento-chave. Há uma preocupação com o processo e não apenas com os resultados e o produto.

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo um fenômeno educacional particular que, analisado sob a ótica de estudo de caso, torna-se mais delimitado e promove familiaridade com as dificuldades, evidências e contexto onde o objeto está inserido, o processo que está ocorrendo e as maneiras de interpretá-lo. Este tipo de metodologia utiliza estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e percepções a respeito da situação fenômeno ou episódio em questão.

Para Alves-Mazzotti (2004, p. 640), os exemplos mais comuns para esse tipo de estudo são os que focalizam apenas uma unidade: um indivíduo (como os casos clínicos descritos por Freud), um pequeno grupo (como o estudo de Paul Willis sobre um grupo de rapazes da classe trabalhadora inglesa), uma instituição (como uma escola, um hospital), um programa (como o Bolsa Família), ou um evento (a eleição do diretor de uma escola). Ainda segundo a autora, podemos ter também estudos de casos múltiplos, nos quais vários estudos são conduzidos simultaneamente: vários indivíduos (como, por exemplo, professores alfabetizadores bem-sucedidos), várias instituições (como, por exemplo, diferentes escolas que estão desenvolvendo um mesmo projeto).

No caso desta pesquisa, o estudo de caso se fez em um instituto de educação, em uma sala de aula, durante as aulas de Língua Inglesa, em que o caso foi a sala de aula com seus estudantes e professora, onde pesquisou-se sobre como acontece a abordagem intercultural e globalizada nessa turma.

As características principais deste tipo de pesquisa são, segundo Lüdke e André (1986, p. 18-20). :

- Os estudos de caso visam à descoberta;
- Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto;
- Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma profunda;
- Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação;

- Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas;
- Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social;
- Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

3.3 Orientações teórico-metodológicas

Almejando um resultado de pesquisa fidedigno ao que foi visto, observado e vivenciado, conta-se muito com a escuta cautelosa e sensível, assim como uma habilidade na escrita para se fazer os registros, porque, por mais que as falas estejam gravadas, o gravador não tem a capacidade de enxergar as fisionomias, os olhares, o morder de lábios, a risadinha no canto da boca, o aproximar e retraindo de corpos pela sala e outros. Então, embora o pesquisar seja o ‘instrumento primário da coleta de dados da pesquisa’, é a partir dele que a pesquisa ganhará corpo. Por isso requer do/a pesquisador/a uma observação atenta do caso que vai estudar, pois a ele cabe a escolha dos demais instrumentos que usará para que os métodos estejam de acordo com a realidade que ele irá recortar, como aduz Mendes:

O pesquisador, ao predispor-se a estudar um determinado recorte da realidade, deve ter em mente a complexidade de aspectos que estão em jogo e também as dificuldades que irá enfrentar para dar conta desta realidade. Ele também deve estar apto para eleger o arcabouço teórico mais adequado a consecução desta tarefa, o qual forneça os procedimentos e instrumentos adequados de observação e análise que permitam, além da geração e apreensão de dados, a realização de uma adequada interpretação do fenômeno estudado. (MENDES, 2004, p. 21)

Além disso, a confiabilidade que o pesquisador passa é muito importante para que os participantes possam colaborar com a pesquisa de maneira natural e verdadeira. O pesquisador não deve passar a imagem que está naquele ambiente para inspecionar, vigiar, avaliar ou coisa parecida, mas sim, deve agir de maneira transparente, informando aos participantes que a pesquisa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de aspirações, crenças, valores e atitudes, de processos e de fenômenos que não podem ser reduzidos a quantificações.

Diante dessas ponderações, os instrumentos escolhidos, foram pensados para contemplar esse estudo de caso em uma sala de LI, amalgamando-os em situações possíveis de se gerar dados em busca da abordagem intercultural em um ensino globalizado, em que todos se sintam incluídos e parte dessa viagem e possamos pensar e agir dentro de uma perspectiva democrática, crítica e possível.

O estudo de caso usa uma variedade de fontes de informação, ele não se contenta com uma única visão do *objeto*, mas recorre a vários dados coletados em diferentes momentos de uma mesma realidade, realidade de uma situação social, em que as concepções que a geração de dados irá acarretar nem sempre serão convergentes, pois algumas vezes podem se apresentar conflitante.

Embora a pesquisa delimite o que se vai pesquisar, em um estudo de caso pode-se descobrir além do previsto. Ainda que se oriente por uma teoria metodológica, é importante que estejamos atentos a novos elementos que podem surgir do estudo, afinal, o conhecimento não é algo acabado, mas algo que está sempre em desenvolvimento, mudança, ressignificação da realidade e das teorias. Nessa pesquisa, se analisa algo particular, único, singular, sobretudo em se tratando de uma sala de aula. Essa unidade social, embora única em seu ambiente, ela sempre será diversa e diferente, levando em conta o tempo histórico no qual os participantes estão inseridos.

Gerando dados através da história de vida, da experiência, dos relatos, das entrevistas, vai-se obtendo material para a triangulação do que foi colhido, e encorpando a pesquisa, abrindo espaço para a subjetividade que geralmente ocorre dentro das ciências sociais. Utilizando da pesquisa qualitativa em LA, perpassando por uma teia entre muitas que a pesquisa em estudo de caso tece, interpretativista, vamos sorvendo a maneira como o outro constrói seu(s) mundo(s) e seus entre-lugares em momento de aprendizagem de uma LE.

3.4 Instrumentos de Coleta

Para realizar uma coleta de dados, existem pelo menos duas formas – sugeridas por Erickson (1981): olhar e perguntar. A primeira diz respeito a técnicas de observação variadas, como a observação participante, gravações em áudio e vídeo, notas de campo etc. A segunda se refere a ferramentas como questionários e entrevistas.

Ao encontrar o lugar, a sala de aula na qual os dados seriam gerados, entrei em contato imediato com os participantes, explicando aos mesmos como pretendia seguir

com a pesquisa e perguntando-lhes se eles estariam dispostos a embarcar nessa viagem. Eles (logo mais serão conhecidos pelos nomes que escolheram serem chamados e pelos seus protagonismos) não pareceram muito animados com a pesquisa em si, mas pela experiência de se mostrarem enquanto pessoas que fazem parte desse mundo globalizado e como eles aprendem a LI. Expliquei todo o trâmite de sigilo sobre suas identidades e como aconteceria a pesquisa, e que para alguns, que tinham idade inferior a 18 anos, precisaríamos de uma autorização (vide modelo em anexo) que só após esses documentos (entre muitos outros) serem enviados e liberados pelo Comitê de Ética (CE), iniciariamos a pesquisa.

Após um longo tempo de labuta, e às voltas com o comitê de ética, conseguimos a liberação ao final do ano de 2018, logo só pude começar a pesquisa no início das aulas de 2019, após as férias de janeiro. Os primeiros encontros foram de observação. No entanto sabemos que é bem difícil delimitar essa posição em se tratando de uma pesquisa de estudo de caso, cujo ambiente era totalmente confortável para mim. Procurei não interferir, porém, me manter totalmente alheia e distante dos processos se tornou impossível. Na maioria das aulas, não intervia, nem dava opiniões nem sugestões, porém com o passar do tempo, os próprios participantes me *convidavam* a participar com uma pergunta ou outra sobre as aulas. E em momentos outros, de intervalo, antes da aula começar, nós discutíamos sobre as *visões* em aprendizagem da LI. Mas é claro que de uma maneira sutil, aproveitava do momento para sondar coisas do interesse da pesquisa, e na primeira oportunidade escrevia àquelas falas em meu diário de bordo.

Depois de algumas aulas assistidas e muitos registros, comecei a esboçar outros instrumentos que usei para a geração de dados, visto que começamos a pesquisa visando alguns instrumentos, mas em contato com os participantes e o fluir dos encontros, outras vontades vão sendo geradas a fim de contextualizar melhor a mesma. Então, além de questionários, utilizei também das narrativas com os participantes. Mas me servi de anotações das observações e do meu diário de bordo para subsidiar a pesquisa.

3.4.1 Procedimentos metodológicos

Como já foi dito, a pesquisa aconteceu em um Instituto Federal da Bahia, campus de Feira de Santana, nas aulas de LI. O estudo de caso foi numa turma da área

de Eletrotécnica do 3º ano (as turmas de EM desse Instituto concluem em quatro anos) com 08 participantes, entre estudantes e professora.

Entramos em contato com essa turma, que tinha sido sugerida por uma colega que trabalha nesse Instituto (essa colega disse que a professora de Inglês fazia um trabalho “incrível” com os alunos de LI). Procuramos a professora para uma conversa prévia, esta confessou que, de fato, a turma tinha “uma certa facilidade para com a LI”, que os estudantes se mostravam flexíveis e abertos às propostas que ela sugeria, e eles também sugeriam tópicos e *modus operandi* para serem abordados durante as aulas ou ciclos). Tal informação nos chamou a atenção de tal maneira, que a conversa continuou com a próxima pergunta que se referia ao uso da LI em aula. A professora respondeu que ela dava as suas aulas em inglês e disse que eles entendiam e os que se sentiam a vontade, respondiam em inglês e os que não, usam o português na maioria das vezes.

Aquele comentário nos encheu de alegria, pois no período da nossa qualificação de projeto, poucos acreditavam na possibilidade de que, numa turma da rede pública a LI fosse utilizada por professores e estudantes, nem nós mesmos acreditávamos. Quando comecei a frequentar as aulas da professora (depois falei sobre ela na descrição dos participantes), comprovamos que acontecia tal e como fora afirmado pela professora. Assim, fomos percebendo que o foco da pesquisa precisaria ser ampliado, uma vez que, o que tínhamos decidido estudar, pesquisar e observar era a abordagem.

Como procedimento inicial, fomos à primeira aula com bloco e caneta na mão em dezembro de 2018 (tive que parar por conta das férias de janeiro e retomar em fevereiro de 2019), nos apresentamos e então expliquei do que se tratava a pesquisa. Continuamos com as observações das aulas e as anotações, chamando-as de Diário de bordo. Fizemos isso durante aproximadamente três encontros, e no quarto ainda utilizamos notas de campo a partir dos relatos de uma roda de conversa com os alunos. Havia combinado com a professora que no encontro seguinte, faria uma roda de conversa para ouvir as respostas deles sobre algumas questões da pesquisa como, por exemplo, aprendizagem de uma língua estrangeira, sobre cultura e a noção de língua-cultura, como pode ser visto nos excertos da entrevista. No quarto encontro, com o consentimento da professora, convidamos os alunos para responder o primeiro questionário (O QUESTIONÁRIO I), com esse instrumento pretendíamos saber como eles gostariam de ser chamados e também para conhecer um pouco mais sobre o que

eles entendiam por globalização e por interculturalidade. Os deixamos livres para expressar as suas ideias a respeito desses dois conceitos, enfatizando que não havia respostas erradas, o importante era dizer o que eles pensavam.

Estar em sala de aula e participar desses encontros (foram quatorze encontros, como vai poder ser visto detalhadamente nas observações e notas de campo no subcapítulo 4.2.3 no capítulo 4) nos cinco meses da pesquisa, fizeram com que repensássemos a nossa prática de sala de aula, e que pudéssemos perceber como é necessário compreender o conceito de língua-cultura e a sua influência na condução de uma aula de LE dentro de uma perspectiva intercultural. Com a pesquisa foi possível reconhecer que em meio a tantas identidades e crenças se firmam parcerias indizíveis e não documentadas, mas que de fato ocorrem, ações democráticas, não democráticas e políticas no aspecto do ensino-aprendizagem, vieram à tona em vários momentos, influenciando assim o andamento das aulas. Isto mostrou o lado questionador e negociador dos participantes. E toda aquela atmosfera nos remeteu ao que Pádua (1996, p.29) nos esclarece:

[...] a pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a realidade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

Fazer pesquisa qualitativa promove ações como confrontar, (des)construir, (re)construir teorias, ideias, e construirmos os nossos próprios conceitos sobre o tema pesquisado.

A validade se refere à capacidade que os métodos utilizados numa pesquisa propiciam à consecução fidedigna de seus objetivos. A confiabilidade, por sua vez, refere-se à garantia de que outro pesquisador poderá realizar uma pesquisa semelhante e chegará a resultados aproximados.

Critérios de validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa

Critério	Validade	Confiabilidade
Triangulação.	X	X
Reflexividade.		X

Descrição clara, rica e detalhada.	X	X
<i>Feedback</i> dos informantes.	X	X

Fonte: autora

Jick (1979 p. 602-611) assevera que a triangulação é uma estratégia de pesquisa de validação convergente tanto de métodos múltiplos quanto de multi tratamento dos dados relativos a um mesmo fenômeno. Denzin sugere quatro diferentes tipos de triangulação, a saber: por meio de múltiplas e diferentes fontes, pesquisadores, métodos e teorias (DENZIN 1978). Sem dúvida, o primeiro é o mais amplamente difundido e o que quase sempre se pensa quando se aborda o assunto da triangulação. A constante autorreflexão do pesquisador é fundamental para evitar vieses interpretativos (CRESWELL, 2010). Portanto, a reflexividade constitui um elemento importante no que diz respeito à confiabilidade, permite enxergar a pesquisa como fonte de transformação de discursos teóricos em constantes ajustes, na produção e análise de dados. Uma descrição detalhada do contexto da pesquisa, neste caso a sala de aula, e as falas dos sujeitos que foram analisadas, permitem que os leitores fiquem aptos a determinar a proximidade de suas situações com o cenário relatado na pesquisa e até se descobertas podem ser transferíveis (MERRIAN, 1998). O *Feedback* dos informantes conhecido também como confirmabilidade, consiste na obtenção direta dos dados e geralmente repetidas afirmações do que o pesquisador tenha ouvido, visto, ou experienciado com relação ao fenômeno em estudo. A seguir descrevemos o contexto e participantes da pesquisa.

3.5 DESCRIÇÃO DO CENÁRIO E DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

No começo das aulas no PPGLinC, em meados de 2016, não imaginávamos como escopo a abordagem intercultural. Naquele momento, eu tinha outra ideia sobre o que era a abordagem intercultural no ensino de LE. No período que cursei as disciplinas do programa fui mudando a minha percepção não só a respeito dessa abordagem, como também a respeito do conceito de língua-cultura. Estávamos no meio de uma viagem ainda acertando as velas, mas em outro rumo. Foi nas conversas com a orientadora, a capitã, que decidimos percorrer alguns caminhos já conhecidos, mas decidimos (e ela apoiou) tomar outro rumo. Esse rumo nos levou a lugares onde nunca estive antes. Isso me fez embarcar para chegar ao meu destino.

Pensando ainda por onde deveríamos começar, fui conversando com colegas da área para definir e decidir qual seria o contexto em que realizaria a minha pesquisa. Uma colega de trabalho, também professora, me recomendou o Instituto Federal onde ela trabalhava. Ela também me disse que a professora de inglês do Instituto fazia um trabalho “incrível” com os estudantes, e que eles sempre comentavam que gostavam muito das aulas dela, que além de a professora falar o tempo todo em Inglês, ela trazia para as aulas assuntos que eles (os estudantes) gostavam e que os interessava. Aquelas informações me deixaram curiosa e imaginei que ali poderia ser o começo dessa viagem.

Então, enviei os documentos para o Comitê de Ética (daqui por diante CE) no final de 2017 e fui até o Instituto para conhecer a professora. Conteí a ela sobre a minha pesquisa e a consultei sobre a possibilidade de fazer a pesquisa em uma das turmas em que ela ministrava as aulas de língua inglesa. Ela concordou e me respondeu que não haveria problema algum, que seria um prazer. Nesse mesmo dia, conversei com o Diretor Geral de Ensino do Instituto Federal sobre a minha vontade de realizar a pesquisa nesse Instituto e qual era meu propósito. Foi aceita a minha solicitação para realizar a pesquisa, além disso, o Diretor se colocou à disposição para assinar a documentação requerida para o CE.

Foram longos meses até que o CE aprovasse minha pesquisa, o que só aconteceu em dezembro de 2018. Antes da aprovação tive vários percalços, por conta da falta de algum documento que não tinha enviado ou porque a CE solicitava alguns esclarecimentos sobre a pesquisa, principalmente sobre a questão de risco aos participantes. Por essa razão tivemos que solicitar dilatação do prazo de defesa, que para a minha felicidade e da minha orientadora (quem me deu todo apoio e suporte) foi deferido em dezembro de 2018.

A pesquisa foi realizada na cidade de Feira de Santana – BA, no Instituto Federal como foi anteriormente apontado. O IFBA foi inaugurado em 2012. Segundo dados extraídos do site dessa instituição, no começo o IFBA só tinha oito turmas, divididas entre as formas de oferta Integrada (quando o aluno tem a formação técnica concomitante à formação de Ensino Médio) e a Subsequente (quando o aluno apenas cursa o Ensino Técnico, após ter concluído o Ensino Médio). As turmas estavam compostas por alunos das áreas de Edificações, Eletrotécnica e Informática, para um total de 280 alunos. No caso da área de Edificações, o curso foi ofertado apenas para o

Integrado e o de Informática apenas para o Subsequente, e Eletrotécnica para as duas ofertas. Atualmente, o instituto oferece vagas para o curso Superior, o Bacharelado em Sistemas de Informação, que tem o Processo Seletivo por meio do SISU. Além disso, o Instituto também ofertou seis cursos de curta duração pelo Pronatec.

A turma escolhida foi do terceiro ano do curso de Eletrotécnica (o curso tem uma duração de quatro anos). Foram oito participantes de pesquisa, incluindo a professora da turma, uma pessoa que muito me ensinou.

Como pode ser observado nos excertos retirados das notas de campo e nas respostas do QUESTIONÁRIO I, os nomes fictícios utilizados, para assim preservar as identidades dos participantes, foram escolhidos por eles mesmos, a saber: Coala, Gaabers, Gabriel Doom, Mai, NB, MM, Samuel Dampierry e Yasmin. Eles tinham idades entre 16 e 19 anos, com exceção da professora.

A professora chegou pontualmente a todos os encontros nos quais estive presente. Jamais a vi demonstrar cansaço ou tristeza. Nos encontros, a mesma mantinha uma postura firme, mas ao mesmo tempo compreensiva, era terna e paciente, sempre democrática. Nas aulas ouvia os alunos com atenção e conseguia manter a todos em sintonia e incentivava a participação deles. MM tem 36 anos e ensina LI há dezessete. Ela é formada em Letras Português/Inglês e tem Mestrado e Doutorado pela UFBA, sendo o Mestrado em Letras e Linguística e o Doutorado em Literatura e Cultura.

A sala de aula, a própria instituição e as pessoas mencionadas nesse capítulo, foram os participantes no nosso Estudo de Caso, embora, como citou certa vez Gaabers: “... nossa turma não vai ser um estudo de caso só, vai ser um estudo de casos”.

Esse foi o cenário que tentei descrever para entender quem são os nossos participantes e qual o nosso contexto de pesquisa. Tendo essas informações pautadas acima, partiremos para o capítulo a seguir, que é a análise dos dados gerados, através dos instrumentos utilizados com os nossos participantes.

CAPÍTULO 4. MUITOS CÍCLOPES, BATALHAS A VISTA, CONTINUE A NADAR.

4.1 Introdução

Toda pesquisa qualitativa foca no caráter subjetivo do que vai ser analisado, baseando-se em uma metodologia, um roteiro, em procedimentos – mas também precisa

de um norte de como fazê-la acontecer em um recorte da realidade. As questões teórico-metodológicas são seguidas pelo pesquisador que terá uma postura interpretativista e descritiva dos fatos, logo “[...] significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar os fenômenos, em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Uma pesquisa qualitativa é feita por várias concepções de mundo e a partir delas são escolhidas a metodologia e os procedimentos metodológicos que o pesquisador vai usar. O caminho, o processo é tão valioso quanto o resultado da pesquisa, e é também por isso que muitas vezes no decorrer do processo, pensamos em outros instrumentos, ou mesmo eliminamos alguns já pensados. Mas é importante pensar em mais de um formato para que haja uma triangulação mais apurada dos dados.

No Estudo de Caso, o pesquisador pretende investigar sobre a sua unidade social, compreendendo a visão de mundo dos participantes e descrevendo o que observa. A visão do pesquisador em questão já aponta que, ao descrever ou transcrever uma fala de um participante, ele já transcreve um recorte da realidade ali observada, como nos mostra Geertz, quando afirma que: “[...] o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas [...]” (GEERTZ, 1989, p. 07).

4.2 Análise dos dados

Analisar os dados foi uma tarefa contínua. Toda vez que retornávamos de um encontro, líamos e relíamos as anotações no Diário de Bordo, assim como os relatos e questionários. Foram horas e horas de confronto, discordâncias, concordâncias e aceitação dessa diversidade de uma mesma unidade social que é a sala de aula. Tive que ser imensamente sensível àqueles discursos, ao mesmo tempo tentar me distanciar, porque aqueles discursos não eram meus, mas cabia a mim enquanto pesquisadora, receber, acolher, respeitar e analisar.

Com base nos dados, sabemos que a pesquisa qualitativa nos fornece vários elementos os quais passarão pelo crivo da subjetividade. Foi preciso perceber os elos que nos levaram a entender a descrição dos conceitos de língua-cultura, abordagem intercultural, interculturalidade, inglês global, que os participantes interpretaram e expressaram durante nossos encontros, expostos também nos questionários, ou nos seus relatos. Ao olharmos para os dados da pesquisa, percebemos os participantes como sujeitos sociais, e, portanto, fragmentados e múltiplos, assim como suas identidades,

como Antunes menciona tratar de línguas e, portanto de identidades: “As identidades linguísticas – e todas as outras – são múltiplas, precárias e transitórias.” (ANTUNES, 2013, p.30).

Ao analisar os dados coletados, observamos que é um material rico em informações, pois neles conseguimos descobrir como cada participante vivenciava sua experiência com a língua, com a abordagem intercultural adotada pela professora em sala de aula e a maneira como eles se enxergavam globalmente. Ao mesmo tempo, víamos a maneira como os discursos iam se desenvolvendo e transformando, a ponto de ouvir de Coala nos primeiros encontros: - “Pró, se não falamos inglês, como podemos ser globais?” E a professora responder com outra pergunta: “Coala, o que te faz global?” Esses e outros momentos durante as observações foram como uma espécie de catarse da práxis adotada nesse ambiente e que ia ao encontro das teorias com as quais conversamos. A seguir, faremos a análise de dados de cada instrumento utilizado.

4.2.1 Questionários

Esse instrumento foi aplicado inicialmente para que pudéssemos conhecer um pouco mais a turma, a idade dos participantes e outros dados pessoais, como eles gostariam de ser chamados durante a pesquisa, qual era a ideia deles acerca dos conceitos de língua, de cultura e de interculturalidade.

À medida que o tempo foi passando, optamos também por outras maneiras de gerar dados, embora estivesse o tempo todo utilizando o Diário de bordo para as observações.

Quanto à pergunta de número 1 do Questionário I, é sobre a idade e como gostaria de ser chamado e as outras duas se referiam ao que eles entendiam por globalização, se ela influenciava no aprendizado de LI e sobre interculturalidade, se as suas aulas de inglês tinham uma perspectiva intercultural. A seguir, as respostas dos participantes.

QUESTIONÁRIO I

Questões/ Participantes	2. Qual a sua idade e como gostaria de ser chamada/o	3. O que você entende por Globalização? Você acha que ela influencia no aprendizado de LI?	4. O que é interculturalidade no seu entendimento? Você poderia afirmar que suas aulas de inglês são interculturais?
----------------------------	--	--	--

			Justifique sua resposta.
COALA	17	<i>A língua inglesa é uma língua global, pois o processo de globalização é uma troca entre culturas por todo o globo, por isso acho que com certeza influencia.</i>	<i>Interculturalidade para mim é a troca de culturas. Para mim a aula de inglês é super intercultural, pois, além de ter uma troca de costumes, de variados locais e regiões, abordamos países falantes da LI.</i>
GAABERS	18	<i>Eu acredito que a LI é um meio de unificar pessoas que vivem em diferentes países como um meio de comunicação global, onde grande parte da população é falante.</i>	<i>Para mim é um jeito de interligar culturas e tentar fazê-las interessantes para todos. Sim, em nossas aulas é mostrado uma diversidade e com isso abrange a cultura do nosso alcance e nossa própria cultura pelo inglês. Inclusive a nossa própria cultura regional, até da nossa própria língua.</i>
GABRIEL DOOM	18	<i>Globalização é um movimento de difusão da cultura entre vários países, o que causa uma certa unificação (padronização). Sim, pois acaba sendo a língua mais aceita para uma comunicação entre pessoas que falam diferentes idiomas em diferentes lugares.</i>	<i>Creio que seja o trabalho de conhecer culturas de lugares diferentes aos quais estamos inseridos São sim, pois a professora trabalha bastante a cultura de outros países nas aulas, até mesmo a nossa cultura, mas principalmente a cultura dos que falam inglês.</i>
MAI	16	<i>Globalização é um processo social, cultural e que busca aproximar as sociedades e estender os laços entre elas. Atualmente aqui no Brasil temos acesso a culturas, costumes, economia de lugares geograficamente distantes. Nesse contexto, o inglês é uma língua global pois proporciona integração entre os indivíduos.</i>	<i>Interculturalidade é a relação que pessoas de diferentes culturas mantêm entre si, na intenção de difundir determinada cultura e acrescentar a cultura do outro (sem imposições). Sendo assim, acredito que as aulas de inglês são interculturais, pois através das conversas, vídeos, filmes, textos, acrescentam nosso conhecimento e cultura.</i>

MM	<i>Não informado.</i>	<i>Globalização envolve muitas questões, tem várias situações que acabam por unificar nações ou unificar o conhecimento sobre elas, diminuindo as barreiras geográficas, mas também acaba diminuindo as particularidades culturais que identificam um povo. No entanto, é importante lutar pelo local, dentro de um mundo que é a globalização nos traz.</i>	<i>Para mim, interculturalidade é o encontro de duas ou mais culturas, sem que uma seja privilegiada em detrimento da outra. Dentro das limitações da sala de aula, tento fazer aulas interculturais, levando sempre elementos de diversas culturas ao redor do mundo, como músicas, desenhos, séries, poemas... sempre que possível, estabelecendo paralelos com a cultura nativa.</i>
NB	19	<i>Globalização é quando algo é espalhado mundialmente, a exemplo da cultura. Porque a língua mais usada pelo comércio internacional é o inglês.</i>	<i>Várias culturas. Sim por que são passados trabalhos que temos que estudar sobre diversos países tipo a língua inglesa e a cultura do país.</i>
SAMUEL DAMPIERRY	17	<i>Globalização se deu a partir das influências de marcas estrangeiras no Brasil e /ou no mundo. A língua inglesa é uma língua global, pois ela se perpassa a partir da globalização como língua influenciadora nesse processo.</i>	<i>Interculturalidade é o processo de mistura de culturas a fim de chegar a um senso comum ou utiliza de uma cultura para relacionar outras. As aulas de inglês são interculturais pois além de usarmos do inglês como fonte de cultura dos EUA, usamos o inglês como fator de outras culturas também, tornando as aulas interculturais.</i>
YASMIN	16	<i>Globalização para mim é um processo que visa ampliar os “laços” culturais e de conhecimento de um lugar para outro, de diversos lugares do mundo. Sim, a língua inglesa é uma língua global, todos a utilizam direta ou indiretamente.</i>	<i>Na minha concepção, interculturalidade são as diversas culturas juntas, a mistura delas, sejam elas espalhadas ou concentradas em um determinado local. O Brasil na minha opinião é um local em que a interculturalidade está muito presente. As aulas de inglês são sim interculturais, por que apesar de trabalhar com o idioma inglês, estendemos esse campo trabalhamos os diversos lugares, independente se a língua é a sua oficial ou não.</i>

Analisando algumas falas deste questionário, é possível perceber de que maneira os participantes concebem suas ideias sobre a globalização e interculturalidade e cultura. Vejamos algumas falas, como eles se articulam diante das perguntas propostas.

Na pergunta de número 3, quando Coala diz que *...o processo de globalização é uma troca entre culturas por todo o globo...*, ele vê a Globalização como essa ponte que leva e traz as trocas culturais e isso acontece em sala de aula, como se fosse através dela que chegássemos ao universo de outras pessoas, assim como afirma Anthony Giddens (1991, p. 64) que assevera que “a intensificação das relações sociais mundiais que conecta localidades distantes, de tal modo, que acontecimentos locais são moldados por eventos que ocorrem a milhares de milhas de distância e vice-versa.

Gabriel Doom afirma que *Globalização é um movimento de difusão da cultura entre vários países, o que causa uma certa unificação (padronização)*. Essa fala pareceu um tanto contraditória, ao mesmo tempo que o participante fala que a Globalização difunde a cultura entre vários países, ele diz que ela unifica. No entanto, essa resposta foi discutida com ele em outros momentos que não o do questionário, e o mesmo afirmou que o que ele quis dizer foi que *a cultura que é difundida, é a dos países ricos que falam inglês como língua materna, eles querem impor sua cultura por meio da língua, que no caso é a Língua Inglesa*. Também MM nos traz uma concepção de unificação e diminuição de particularidades culturais. No entanto, isso nos remete à visão de Globalização como uma ação homogeneizadora, mas assim como assevera Ortiz, a globalização é um processo que “não é nunca homogêneo, tampouco harmônico” (ORTIZ, 2006 p. 25) e ainda enfatiza que com a Globalização as “nações deixam de ser unidades autônomas, independentes, interagindo entre si, para serem territórios atravessados pelo fluxo da modernidade-mundo” (ORTIZ, id.). Já Yasmim fala da globalização como “*...ampliar laços culturais e de conhecimento de um lugar para o outro, de diversos lugares do mundo*”. Sem duvidar da intenção de imposição desses “países ricos”, contudo “no contexto da globalização ele (o inglês) deixa de ser estrangeiro, algo que se impõe de fora, para constituir-se num idioma interno, autóctone à condição da modernidade-mundo. [...] Isso muda radicalmente as coisas.” (ORTIZ, ibid.).

A respeito da interculturalidade nas aulas de inglês, na pergunta de número 4, Coala entende que Interculturalidade é a *troca de culturas* e afirma que, para ele, a aula de inglês é *super intercultural*, justificando que *além de ter uma troca de costumes, de variados locais e regiões, abordam países falantes da LI*.

Gaabers destaca que *em nossas aulas é mostrada uma diversidade e com isso abrange a cultura do nosso alcance e nossa própria cultura pelo inglês. Inclusive a nossa própria cultura regional, até da nossa própria língua*. Observando essas falas, é possível perceber que o entendimento de interculturalidade dos participantes converge para a teorização de Mendes (2008, p.59) que esclarece:

Compreendendo o processo de ensinar e aprender como ações integradas, dependentes de contexto e voltadas para a produção conjunta de conhecimentos, deve-se valorizar a interação entre sujeitos-mundos culturais diversificados. Na sala de aula [...] as experiências devem orientar-se de modo a permitir que as atividades e tarefas, assim como as ações através da língua promovam a interação necessária para a dimensão intercultural da aprendizagem tenham lugar.

Tanto a fala de Coala, quanto a de Gaabers, demonstram uma perspectiva de abordagem intercultural que converge para o pensamento de Mendes. As falas demonstram que, na sala de aula, não apenas fala-se da cultura do outro que fala a LI, mas também da nossa própria cultura, ou seja, é importante falar de nós mesmos, na aula onde aprendemos uma LE, a partir de mim, da minha realidade, estabeleço uma conexão com as demais culturas.

Esse primeiro instrumento foi aplicado após três encontros, na aula do dia 13 de dezembro de 2018. As perguntas foram feitas para sondar sobre o entendimento dos participantes com relação aos conceitos de Globalização e Interculturalidade. O questionário foi aplicado durante a segunda aula (as aulas da turma acontecem em horário geminado), não houve uma conversa prévia sobre os temas incluídos no questionário, e os participantes ficaram livres para responder e colocar as suas ideias. Apenas explicamos que não havia respostas erradas, nem prontas, uma vez que se tratava de saber quais eram suas concepções, suas ideias, opiniões acerca do que foi perguntado.

Dos oito participantes, sete, entendem a Globalização como um processo que unifica, que estreita os “laços culturais”; vendo esse processo como difusão de cultura,

onde a LI permeia toda essa ação. No entanto, uma participante (MM) traz o outro lado da globalização e entende que esse processo de globalização também abrange outras questões que “*acabam por unificar nações ou unificar o conhecimento sobre elas, diminuindo as barreiras geográficas, mas também acaba diminuindo as particularidades culturais que identificam um povo*”.

Sobre a interculturalidade e o ensino de LI ser intercultural na sala de aula, todos entendem a interculturalidade como *troca de culturas*, mas não definiram no questionário (por que também não foi perguntado) o que eles entendem sobre cultura. Então perguntamos sobre essa questão no Questionário II e também na entrevista.

Pela resposta de MM, podemos observar que as suas aulas de LI têm um ambiente intercultural que coincide com o que Mendes (2012, p.360) ressalta:

Intercultural é o esforço para a busca da interação, da integração e da cooperação entre os indivíduos de diferentes referências interculturais. É o esforço para se partilhar as experiências antigas e novas de novo a construir novos significados em processo de partilha.

Pelas respostas apresentadas acima, percebe-se que há um consenso dos participantes sobre a importância da LI que possui um grande número de informações culturais que chegam até nós através dos filmes, músicas, séries etc. acerca dos países onde esse idioma é falado – sobretudo dos Estados Unidos. Foi possível perceber que os participantes (sete deles) não atribuíram a LI apenas aos países que estão em maior evidência no *inner circle* (*Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia*). Nesse primeiro questionário, embora em alguns momentos nas aulas e na entrevista, os Estados Unidos e a Inglaterra foram os países mais citados quando eles falaram em relação à LI, o que é compreensível, como Kawachi (2011, p. 20) evidencia:

A relação de uma —língua internacionall com o poder dos países que a têm como língua materna nos parece evidente [...]. Assim, se considerarmos que a LI está associada ao poder político, econômico, tecnológico, científico e cultural dos países nos quais ela é a língua materna parece-nos —naturall que, nas aulas de LI, estereótipos (positivos e negativos) surjam sobre a cultura de países falantes de LI nos quais todos os âmbitos de poder são mais evidentes, como EUA e Inglaterra.

De todo modo, o grupo se mostrou bastante seguro no que se refere ao ensino- aprendizagem de língua, e em nenhum momento fez menção a valorização exacerbada da língua-cultura do outro em detrimento da deles.

QUESTIONÁRIO II

Perguntas/ Participantes	1 - O que você entende sobre cultura?	2 - Você acredita que em sua sala de aula existem várias culturas? Justifique sua resposta	3 - Falamos sobre interculturalidade no primeiro Questionário. E agora, na primeira pergunta, falamos sobre cultura. Levando em considerações as suas respostas, você acredita que o ensino de LI na sua sala é desenvolvido dentro de uma abordagem intercultural? Justifique sua resposta
COALA	NÃO RESPONDEU	<i>Sim. Em cada região, em cada país, cada local tem sua cultura, como na sala tem gente de tantos lugares e regiões diferentes, mesmo em Feira de Santana temos várias regiões e localidades.</i>	<i>Se o sentido de interculturalidade tiver haver com o sentido que escrevi lá, então acredito.</i>
GAABERS	<i>Cultura é qualquer manifestação cultural, festas, celebrações e tradições de qualquer grupo e também que cada família tem.</i>	<i>Sim Por tudo que falei na questão 1.</i>	<i>Sim, porque a pró fala de várias partes do mundo, das nossas culturas e de outras de outros países também.</i>
GABRIEL DOOM	<i>É troca entre vários países e entre várias pessoas, sejam elas de outros países ou do mesmo.</i>	<i>Sim, pessoas de lugares diferentes dentro da mesma cidade, que tem costumes e questões sociais diferentes.</i>	<i>A pró sempre fala em inglês, e nós falamos de várias coisas sobre os países diferentes e sobre as regionalidades em nosso próprio país.</i>
Mai	<i>Cultura é o complexo de hábitos, costumes, religião etc, passados durante gerações, tradições de determinada comunidade, sociedade.</i>	<i>Sim, e como. Imagina que cada pessoa foi criada dentro de um certo costume, com determinadas tradições, vindas de religiões diferentes.</i>	<i>Me sinto envolvida no processo quando estou na aulas de inglês. Não falamos apenas de outros países, mas falamos de nosso próprio país, e falamos sobre os problemas sociais que passamos aqui.</i>
MM	<i>Cultura são as diversas manifestações de um povo, envolvendo seus costumes, crenças, rituais, ideais e características próprias que o constituem.</i>	<i>Sim. Interculturalidade é o encontro de duas ou mais culturas, sem que uma seja privilegiada em detrimento da outra.</i>	<i>Com certeza, sim. O campus Feira de Santana é aberto à pluralidade cultural, tanto no âmbito macro brasileiro quanto no respeito às identidades e culturas estabelecidas em menores proporções. É um campus plural e receptivo às</i>

			<i>diferenças de modo significativo. As aulas de Língua Inglesa me representam, pois consigo abordar culturas variadas. Dependendo da turma, há maior ou menor interesse em determinados aspectos culturais, mas todos os alunos se motivam quando trazemos o inglês a partir de uma perspectiva global.</i>
NB	<i>Para mim, cultura são costumes, tradições que qualquer pessoa tem.</i>	<i>Sim, por que na sala tem gente de vários lugares como criações diferentes.</i>	<i>Sim, por que nos faz sentir parte do Globo.</i>
SAMUEL DAMPIERRY	<i>É um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo.</i>	<i>Sim, sempre existiu.</i>	<i>Sim, falamos dessas manifestações todas, das nossas e das de outras pessoas e povos.</i>
YASMIN	<i>Cultura é uma junção de manifestações sociais que cada grupo manifesta.</i>	<i>Sim, pois a minha sala representa um grupo social, e temos manifestações que só representam a nossa sala, como por exemplo, nosso modo de agir para com alguns anúncios feitos pelos professores, a forma como tomamos decisões sobre alguma coisa que é proposto pela escola, direção, coordenação, até mesmo o governo.</i>	<i>Sim, somos envolvidos em tudo.</i>

Independente de qualquer conceito de cultura que tenha sido cunhado pelos estudiosos, essa é uma palavra que vem se ressignificando com o passar do tempo. Não nos atreveríamos a dizer que os conceitos que os participantes revelaram sobre cultura estão errados, visto que tudo o que foi dito por eles vai coadunar com algum conceito já difundido, ou com um termo, uma teoria que eles mesmos possam estar perto de recriar. Vejamos aqui no excerto retirado deste questionário sobre a primeira pergunta, onde Gaabers diz: Cultura é qualquer manifestação cultural, festas, celebrações e tradições de qualquer grupo e também que cada família tem.

No começo da fala de Gaabers ele reproduz um conceito de cultura antropológico já há muito difundido, mas ele complementa dizendo que também são tradições que toda a família tem. Tanto ele, como MM, tem concepções parecidas. Isso nos faz atentar para o despertar não apenas para as manifestações as quais observamos, mas também das quais fazemos parte e que também criamos e produzimos cultura, quando Gaabers cita a família, deixa claro que também ele se vê enquanto sujeito que faz, produz cultura. Em contrapartida, Mai nos traz a ideia de que a cultura não é algo que é vivenciado em todo e qualquer grupo social. Quando ela afirma que os hábitos, costumes, religião etc. são passados durante gerações de “determinada” comunidade, sociedade, parece que apenas alguns grupos são capazes desse feito.

Gabriel Doom nos mostra seu pensar sobre o que é cultura sobre o viés da interculturalidade, quando afirma que a cultura é: troca entre vários países e entre várias pessoas, sejam elas de outros países ou do mesmo.

E nos remete à lógica de que, assim também deveria ser no ambiente de ensino de língua quando “... a cultura é vista, não meramente como comportamentos a serem adquiridos ou fatos a serem aprendidos, mas como uma visão de mundo a ser descoberta na língua e na interação de interlocutores que usam aquela língua.” (KRAMSCH, 1991, p. 237), resultando assim em um interculturalizar entre os grupos e as pessoas.

Lendo atentamente o quadro do Questionário II, é possível observar que em muitas respostas, o pensamento de cultura e de interculturalidade, ora se mistura, ora se sobrepõe, quando perguntado à MM, sobre se na sala existia várias culturas, esta respondeu: Interculturalidade é o encontro de duas ou mais culturas, sem que uma seja privilegiada em detrimento da outra.

Esse modo de pensar é perfeitamente compreensível quando avaliamos que a cultura vive no intercultural, nas relações entre as pessoas e na partilha de suas experiências, na descoberta que precisamos do outro para ser, pois é através do outro e dessas relações que me vejo e me estabeleço enquanto sujeito, é “no intercultural, que implica a reciprocidade de viver (ainda que seja temporariamente) na esfera cultural do outro e simultaneamente ter o outro confortavelmente em nossa esfera de cultura” (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 211). MM demonstra uma postura harmoniosa entre *ser* intercultural em suas falas, e ter uma prática intercultural para com os seus alunos. Durante a pesquisa, o binômio teoria-prática navegava de maneira tranquila. Traremos aqui a fala de Yasmim, de algo que pude observar e atestar a veracidade:

a minha sala representa um grupo social, e temos manifestações que só representam a nossa sala, como, por exemplo, nosso modo de agir para com alguns anúncios feitos pelos professores, a forma como tomamos decisões sobre alguma coisa que é proposto pela escola, direção, coordenação, até mesmo o governo.

Vemos que o excerto acima mostra uma visão madura do ponto de vista de tudo que foi dito sobre do que representa para ela o conceito de cultura(s) e demonstra uma atitude particular que marca e identifica o seu grupo dentro do instituto.

Ao serem perguntado se acreditavam que o ensino de LI na sala de aula deles é desenvolvido dentro de uma abordagem intercultural, foram unânimes em dizer que sim. Quanto à justificativa a essa pergunta, é imprescindível salientar que, em várias respostas, os alunos deixaram claro que não havia apenas a iniciativa e proposições partindo da professora, mas também os alunos têm o papel de provocar e propor discussões a respeito das temáticas trazidas pela professora, como ficou claro nas justificativas elaboradas por Gabriel Doom e Mai respectivamente:

A pró sempre fala em inglês, e nós falamos de várias coisas sobre os países diferentes e sobre as regionalidades em nosso próprio país.

Me sinto envolvida no processo quando estou nas aulas de inglês. Não falamos apenas de outros países, mas falamos de nosso próprio país, e falamos sobre os problemas sociais que passamos aqui.

Inclusive, em alguns momentos vi acontecer a refuta de determinados assuntos, e a escolha crítica e democrática por outros. Percebe-se aí, entre outros momentos, o vislumbre de uma perspectiva de perspectiva intercultural no ensino de LI. Em diversos capítulos desse trabalho, foi utilizado o termo abordagem, mas toda a ação da pesquisa se deu na busca de ao menos uma perspectiva, um norte, um cenário, um panorama do que Mendes (2008) aponta como abordagem intercultural.

O Questionário II foi aplicado no dia 18 de abril de 2019. Nele, a questão central foram os conceitos de cultura e abordagem intercultural, o que os participantes entendiam sobre cultura, a crença dos mesmos sobre a existência de várias culturas e se eles acreditavam que o ensino de LI na sala deles era feito dentro de uma abordagem

intercultural (a partir da pergunta que foi colocada no questionário de No. 1 sobre interculturalidade).

Apenas um participante não respondeu. Yasmin deu uma definição que chamou a nossa atenção “*Cultura é uma junção de manifestações sociais que cada grupo manifesta*”.

Quanto à abordagem intercultural e o ensino na perspectiva intercultural, os participantes tem uma visão clara sobre o conceito e que se assemelha com a definição de Mendes (2004) sobre a *Abordagem Intercultural* no ensino de LE, presente nas falas de Gaabers, Gabriel Doom, Mai, MM, Samuel Dampierry e Yasmin. Se sentir e fazer parte dessa “*troca*”, da partilha de ser e conviver como *iguais* e com as diferenças e particularidades de cada um, sem se sentir excluído, mas sim, se sentindo “*parte do globo*”. Ressaltando assim que

[o] ensino de uma língua estrangeira hegemônica envolve não apenas aspectos linguísticos e didáticos, mas também aspectos políticos, ampliando as finalidades para as quais se ensina uma língua estrangeira e exigindo uma reflexão maior do professor. [...] uma língua internacional, como o inglês na atualidade, deve [e] ser ensinada também para a solidariedade. [...] O ensino da língua estrangeira pode ser analisado sob três grandes perspectivas: (1) perspectiva metodológica, envolvendo, por exemplo, a implementação de estratégias de ensino e aprendizagem da língua; (2) perspectiva política, com ênfase na questão das relações de poder entre os países de uma e outra língua; e (3) perspectiva da interculturalidade, em muitos aspectos um desdobramento da questão política, mas vista aqui como o desenvolvimento da competência em conviver com a diversidade. (LEFFA, 2006, p. 10)

Observando as respostas advindas do questionário II, é possível perceber que a professora e os alunos se permitem entrar em contato com suas percepções de mundo e com a percepção de mundo daqueles com quem eles convivem diariamente,

[...] teorias são testadas, crenças se revelam, técnicas e procedimentos acionam o complexo aparato metodológico que envolve todo processo educacional. É nele também onde podemos observar a postura do professor diante de seus alunos e de sua profissão. É onde podemos notar o que é possível e o que não é possível se fazer, mesmo contando com a infraestrutura adequada e a motivação do aprendiz. É onde podemos ver que nem sempre as dificuldades estruturais impedem o professor de realizar um bom trabalho, de maneira mais realista, demonstrando que ali mitos podem ser ao mesmo tempo reforçados ou superados. (SIQUEIRA, 2008, p.288)

O objetivo de comparar as impressões obtidas através da pesquisa durante o tempo em que estive presente na sala de aula dos participantes, surtiu em resultados satisfatórios adquiridos por meio dos questionários.

4.2.2 Entrevista

A entrevista é uma etapa extremamente importante para gerar dados para a pesquisa qualitativa, principalmente em um estudo de caso, envolvendo participantes-sujeitos da mesma, e ela é “destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa” (MINAYO, 2001). Para a análise dos dados advindos das entrevistas em um estudo qualitativo, é importante que a mesma pergunta seja repetida e refeita se for necessário, para que se tenha precisão do que foi gerado a partir dela, sobretudo para que se tenha certeza do que foi respondido e também como confirmação do que foi entendido sobre a pergunta. O entrevistador deverá garantir a fidedignidade do que foi dito nas respostas do entrevistado. Um clima de amistosidade também deve ser mantido para que as perguntas e as respostas sejam captadas da maneira mais natural possível.

No dia 18 de abril de 2019, a entrevista foi realizada para saber o que os participantes pensavam sobre a Globalização, e no ensino de LI, no entanto, os temas: cultura, interculturalidade e perspectiva intercultural voltaram à cena, sendo repetidos em algumas perguntas da entrevista. Alguns excertos das entrevistas foram transcritos. Nesses trechos, privilegiamos àqueles que, em nossa opinião, foram questões (respostas) que não ficaram muito claras nos questionários, ou algumas colocações sobre o que entendiam por Abordagem Intercultural (ou ensino intercultural de LE), globalização e ainda sobre cultura.

Dentro das Orientações Curriculares previstas para o Ensino Médio em relação ao ensino de LE, um dos objetivos é o de “reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir a prática dessa noção no ensino de Línguas Estrangeiras; discutir o problema da exclusão no ensino em face de valores “globalizantes” e o sentimento de inclusão frequentemente aliado ao conhecimento de Línguas Estrangeiras; introduzir as teorias sobre a linguagem e as novas tecnologias (letramentos, multiletramentos, multimodalidade, hipertexto) e dar sugestões sobre a prática do ensino de Línguas Estrangeiras por meio dessas” (BRASIL, p.87).

Nos excertos da entrevista abaixo, poderemos rever perguntas que poderão estar nos questionários I ou II, pois a necessidade de uma revisitação aos conceitos que temos é sempre oportuna quando o momento histórico-social e o recorte da realidade que fazemos em relação aos nossos pensamentos, ideias, conceitos, pode e tende a mudar, a se ampliar ou a se re(des)construir.

Entrevista

COALA:

Pesquisadora - Coala, quando você disse que a globalização era uma troca de culturas, como você definiria cultura?

Coala - *Pra mim, cultura é o que nós temos, e o que nós somos, por exemplo, a nossa história, os nossos costumes, até nossa tradição.*

Pesquisadora - Quando você afirma que a “cultura é o que nós temos”, isso inclui a nossa língua, o português?

Coala - *Sim. A língua também é cultura de um povo.*

Pesquisadora - Você também afirmou que a LI é uma língua global, me fala mais sobre isso. Ela também faz parte dessa “cultura”?

Coala. *Ela é global, por que no processo de globalização, a cultura que mais se espalha é a norte-americana, eles têm muito poder e aí eles levam a língua deles por onde se espalha, e a cultura deles acaba se tornando nossa também.*

Pesquisadora - Certo, e isso pra você é algo bom, ou ruim?

Coala - *Bom, por que podemos ter acesso a coisas diferentes e aprender uma língua que eu posso falar com qualquer pessoa, mesmo que como eu, ela não fale a língua inglesa no seu país, mas se soubermos um pouquinho da língua inglesa podemos nos comunicar e falar das nossas vidas, gostos, cultura com várias pessoas por ela ser uma língua global...*

Nesses excertos da entrevista com Coala, fica claro que ele enxerga a LI como uma língua onde pode compartilhar com os outros (sejam esses brasileiros ou não) sobre sua vida e também obter reciprocidade. Dessa maneira ele deixa claro o seu entendimento a respeito da LI ser uma língua global, mas, para além disso, também reconhece que assim ela se tornou por conta do poderio dos EUA. Ele pontua ainda que a “*a cultura deles acaba se tornando nossa também*”, Hall (2006) explica que as identidades nacionais foram uma vez centradas, coerentes e inteiras, mas que estão sendo agora deslocadas pelo processo da globalização.

GAABERS

Pesquisadora - Oi, tudo bem? Fale-me mais sobre como a professora de LI aborda os assuntos nas aulas.

Gaabers - *Aaah pró, é muito dinâmico, ela não traz só a questão de gramática não, como era nas outras escolas, ela faz a gente pensar nas coisas antes de entrar nos assuntos.*

Pesquisadora - Como assim?

Gaabers - *Aaaah, ela faz um monte de perguntas sobre o tema do que vai ser abordado, por exemplo, ela não vai falando 'hoje a aula é sobre isso', não, ela vai nos perguntando as coisas, como se tivesse fazendo rodeios, mas na verdade ela está nos sondando, perguntando a nossa opinião. Tem vezes que ela deixa a gente discutir um tempão, e só depois ela nos dá um texto, ou mostra um vídeo, essas coisas...*

Pesquisadora - Huum entendi... Muito obrigada Gaabers.

Gaabers - *Por nada, pró.*

GABRIEL DOOM

Pesquisadora - Oi Gabi, como vai? Posso te fazer umas perguntas sobre o seu questionário?

Gabriel Doom - *Eita pró, o que foi que fiz?*

Pesquisadora - Você só se posicionou, falou o que pensava, e isso é muito bom. (Risos) Bem, então lá vou eu: Você disse que a globalização causa uma certa unificação (padronização), me explica aí mais sobre isso.

Gabriel Doom - *Ó pró, é assim: Eu sei que tem uns índios lá nos Estados Unidos porque já vi uns filmes e uns documentários e que os americanos que não respeitavam eles, além de matarem muitos deles, ainda tomaram as terras, e ainda obrigavam eles a falar o inglês, ir pra escola do 'povo branco', aí eu acho que isso é padronização de um jeito de ser, de costumes, igual ao que aconteceu aqui no Brasil com os portugueses.*

Pesquisadora - Hummm, entendi. Entendi. Você acha que nos dias de hoje, isso ainda ocorre? A difusão de uma cultura?

Gabriel Doom - *Acho que acontece ainda e a gente não sabe ou não percebe pró, mas na verdade, falando dos EUA, a gente pode esperar tudo, olha aí agora com esse governo do Brasil, eles nem vão precisar tomar nada, o governo vai é dar. E*

daqui a pouco vamos ser obrigados a falar inglês, vai ser o nosso idioma oficial. Mas muitas coisas da cultura americana, a gente tem sem perceber, porque vai incorporando na nossa forma de agir, de vestir e muitas expressões que a gente usa nas redes sociais são em inglês, por exemplo: tbt, xoxo, e a gente também fala crush, hashtag... essas coisas.

As colocações do Gabriel remetem-nos à “homogeneização cultural cujo centro dominante é a cultura-norte americana de consumo” (KUMARAVADIVEL, 2006), onde ainda há um grande predomínio dessa cultura sobre muitas outras. Por isso a importância de um ensino crítico e que valorize a nossa cultura. Sabemos que não estamos imunes a esse contato e à absorção cultural que se impõe, não só através do poder econômico, como também político, mas é importante que em uma perspectiva intercultural de ensino, o ensino de LE não seja mais um componente dessa homogeneização.

MAI

Pesquisadora - Olá Mai, tudo bem? Sei que em algum momento já tratamos sobre isso, mas você poderia conversar comigo um pouco mais sobre o que foi perguntado nos questionários?

Mai - *Tudo bem, professora.*

Pesquisadora - Me fala um pouco mais sobre a interculturalidade e ensino intercultural de LI?

Mai – *Ok, Prof. Olha só, pra mim, a interculturalidade é a interação entre diferentes culturas, baseando-se no respeito, a diversidade cultural que cada um tem. As culturas podem se conhecer, se respeitar e se enriquecer.*

Pesquisadora - Você acha que com a interculturalidade se dá a interação entre diversos países?

Mai - *Sim e não. Acho que tanto pode acontecer entre diversos países, como também entre pessoas de um mesmo país, nem precisa ser de outros estados ou cidades. Aqui mesmo agora há pouco, quando estávamos todos em aula, estávamos em plena troca de culturas.*

Pesquisadora - Você acredita que o ensino de Língua Inglesa nessa instituição valoriza a cultura local? Por favor, justifique sua resposta.

Mai - *Sim. Enriquecemos nosso vocabulário, nosso armazém de informações. Nos permite dialogar com a maioria dos países e com o nosso próprio país, é que a*

partir do ensino da língua nos relacionamos direta ou indiretamente com as ideias dos colegas e podemos colocar também a nossa, sobre nossas próprias coisas e sobre as de pessoas que vivem em outros lugares também.

Pesquisadora - Você se sente representada e interessada em suas aulas de inglês?

Mai - *Sim, sou apaixonada pela língua, percebo a variedade linguística e regional dentro da mesma. Pratico o interesse pelas diferenças e vejo o quanto tenho muita proximidade com os outros, assim no sentido de viver, de gostar das mesmas coisas, e também o quanto sou diferente.*

Pesquisadora - Muito obrigada, querida.

Mai – *Disponha, pró.*

Essa percepção que a aluna tem, demonstra um entendimento amplo sobre a interculturalidade. Ela percebe “essa grande tendência contemporânea, justamente porque desloca o nosso interesse do conhecimento de línguas *stricto sensu* para as relações que se desenvolvem **na** e **com** a língua a ser aprendida, e para os sujeitos que estão em interação” (MENDES, 2012, p.259).

MM

Pesquisadora - MM, como você pensa suas aulas, a partir de um marco, você estabelece seu planejamento para aulas?

MM - *Como eu conheço a turma, isso me dá uma mobilidade maior para trabalhar com eles, sei de que estilos de música gostam, de que maneira eles interagem mais, enfim. Daí tento trazer várias formas de abordar o assunto do dia de maneira que alcance a todos. Utilizo várias formas de abordagem de um mesmo assunto numa aula. Por exemplo, sempre uso games, porque todos adoram. Música nem sempre dá pra trazer, mas também trago sempre que posso. Alguns não querem ler os textos dissertativos, mas se arriscam em ler as poesias, porque adoram poesia, ou as frases famosas do facebook, ou os memes, que eles entendem bem (risos). Uma outra coisa que dá muito trabalho, mas no final das contas me ajuda é não ter um livro didático. Então escolho os textos conforme as discussões vão seguindo de maneira que sejam textos que possam alcançá-los também.*

Pesquisadora - Você disse pra mim, na verdade em resposta a uma das perguntas de um dos questionários (ver questionário II), que “todos os alunos se motivam quando

trazemos o inglês a partir de uma perspectiva global.” O que seria essa perspectiva global?

MM - *Perspectiva global é ver as possibilidades que surgem dentro da sala de aula e a oportunidade de estabelecer esse vínculo para fora dela, extrapolando o contexto da sala de aula e, dando aos alunos também a autonomia de se posicionar, e sobre trilhar seus próprios caminhos dentro de uma construção do conhecimento a partir do que vivemos, para depois explorar o outro, digo, outros caminhos e outros universos possíveis.*

NB

Pesquisadora - Oi NB, como você está?

NB - *Tô bem, pró, e a senhora?*

Pesquisadora - Estou bem, meu querido. Você se lembra daquele pequeno questionário que fizemos duas semanas atrás (NB balançando a cabeça, fazendo um gesto que sim)? Então, você disse que, no seu entendimento, interculturalidade era “várias culturas”, certo? Bem, queria que você pensasse no significado de inter e multi. Várias culturas são interculturalidade, e o que seria multiculturalidade?

NB - *Eita pró, agora a senhora me pegou... peraí, se multi é várias, então, inter é uma coisa que tá dentro da outra?*

Pesquisadora - Se pensarmos no significado puro do prefixo inter, sim. E então, tem outra ideia sobre o seu pensamento de interculturalidade?

NB - *Tenho, mas não saberia explicar, vou pensar a respeito tá, pró?*

Pesquisadora - Tudo bem NB, mas não quebre tanto a cabeça por isso, são curiosidades da pró.

Ambos rimos.

YASMIN

Pesquisadora - Oi linda, posso te entrevistar?

Yasmin - *Oi pró, claro que pode.*

Pesquisadora - Depois daquele questionário, fiquei curiosa com algumas de suas colocações, as achei muito interessante. (Ela sorriu). Quando você disse que “as aulas de inglês são interculturais”, eu poderia perguntar se a maneira que a professora aborda vocês, os estudantes e também os assuntos, se dá de maneira intercultural?

Yasmin - *Com certeza, ela usa da forma dela de começar a chamar nossa atenção, geralmente, ela pergunta que tema nós gostaríamos de estudar. E ela sempre conversa com a gente sobre de que maneira nós gostaríamos de estudar aquele assunto. Pra mim, isso é o jeito da cultura dela de respeitar a nossa cultura de estudo.*

Pesquisadora - Como é essa “cultura dela de respeitar e cultura de estudo de vocês”?

Yasmin - *Ô pró, é muito respeito, ela não impõe nada, ela sempre sugere, deixa algumas escolhas pra gente, e ela sempre acata o que a maioria escolhe, ela é muito democrática, e isso é cultural né?... Acho que também essa troca quer dizer inter de intercultural (risos).*

Pesquisadora - Muito Obrigada, Mim.

Yasmin - *Por nada, prof.*

Expandir e extrapolar as teorias são o que pesquisadores e professores na área da educação já vem fazendo desde sempre, tanto que novas teorias são criadas a partir do lidar com os conflitos inerentes à educação, ao ato de ensinar, à cultura que consolida o fazer pedagógico. Novamente Mendes (2012) enfatiza que:

a interculturalidade não é um pacote de ações que se possa adquirir, comprar pronto, como já ressaltai anteriormente. Agir de modo intercultural e desenvolver práticas de ensino- aprendizagem na interculturalidade depende, então, de uma mudança de comportamento, da renovação de concepções e modos de ver o mundo, do compromisso dos que pretendem atuar de maneira mais sensível aos sujeitos com os quais estão em contato.

Para o aprendizado de Línguas Estrangeiras e para a construção de uma visão de mundo, precisamos fazer reflexões, atualizações sobre pensamentos nos campos sociais, educacionais e culturais na área do ensino. E isso nos remete a um pensamento de Morin (2000, p. 20) quando expressa: “[a] reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino”.

Entendemos que essa reforma, pensamos, só será possível a partir de uma perspectiva intercultural e globalizada no ensino de LE, “para que as experiências de ensinar e aprender [...] LE/L2 possibilitem a construção de conhecimentos conjuntos e estimule, de fato, o diálogo entre as diferentes culturas em interação”. (MENDES, 2012, p. 357). Ao entrevistar os participantes da pesquisa e realizar as observações das aulas,

acredito ter vivenciado uma sala de aula intercultural, onde essas interações respeitadas, democráticas e cidadãs ocorreram todos os dias em que estive presente em campo.

Genuinamente, não víamos a possibilidade de encontrar uma sala de aula que tivesse uma perspectiva intercultural, mas isso definitivamente aconteceu, com seus percalços, é claro, mas dentro de um ambiente aberto ao diálogo. Essa pesquisa de fato surpreendeu e superou as expectativas, em um espaço em que pudemos perceber que as vozes dos alunos não são silenciadas, ao contrário, foi constatado o empoderamento que é dado à eles, como foi notado durante a análise dos questionários e nessa entrevista.

4.2.3 Observações com notas de campo

Na pesquisa qualitativa, independente da escolha da forma de geração de dados, o pesquisador se esforça para compreender situações únicas, em um dado contexto, onde as interações dos participantes se desenvolvem. E através da observação e dos instrumentos de análise que procura entender o fenômeno que vai pesquisar, como o Estudo de Caso em questão que é uma sala de aula. Nesse sentido, concordo com Rauén (2006) quando afirma que “o pesquisador é o instrumento primário da coleta de dados; envolve frequentemente, pesquisa de campo; emprega estratégias indutivas; e descreve profundamente processos, sentidos e conhecimentos”.

Embora o material gerado seja discursivo, como é o caso da maioria das pesquisas qualitativas, o ideal é sempre usar mais de um tipo de instrumento para que, após a triangulação de dados, seja possível perceber as nuances e a fidedignidade das mensagens (falas), respostas analisadas.

Nas notas de campo, a geração de dados ocorre ao mesmo tempo em que se detalham as anotações. Anotamos não somente relatando o ambiente, o clima entre participantes, e além do que foi descrito e dito. É o/a pesquisador/a quem redige aquele momento, trago aqui Falkembach (1987, p. 19-24), definindo o instrumento em questão de maneira a representar o meu olhar sobre o mesmo:

O diário de campo consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários. O diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho, por essa condição ele é considerado um dos principais instrumentos científicos de observação e registro e ainda, uma importante fonte de informação para uma equipe de trabalho. Os fatos devem

ser registrados no diário o quanto antes após o observado para garantir a fidedignidade do que se observa.

As falas dos participantes passam pela forma do pesquisador de recontar aquele acontecimento, então, requer uma total atenção na hora da descrição dos eventos e a anotação direta do discurso dos participantes é imprescindível, para que os relatos sejam reescritos da maneira mais fidedigna possível.

O barco mudou um pouco seu percurso para chegar ao ancoradouro que havia se programado para chegar. Então, começamos com uma sondagem prévia com um dos navegantes, a professora. Estive na escola onde MM trabalhava quando ainda preparava o barco para navegar. Confesso que, ao planejar a viagem, fiz um trajeto muito inseguro, tanto que percebi que através dele, a viagem fracassaria. Então refiz o projeto com material novo, repensei rotas, revisei a embarcação e fiz um estudo prévio, perguntando aos participantes da viagem se eles topariam ir comigo. Por sorte, a oficial náutica em comando, me contou sobre os seus tripulantes. Contou, por exemplo, que já estava nessa mesma viagem com eles pela terceira vez (a professora estava com a turma desde o 1º ano do EM), e me explicou como as coisas funcionavam em sua sala de aula.

Mudamos nosso foco que seria pesquisar “os falares” dos estudantes de uma escola pública que tinham aulas de LI e nessas aulas os estudantes falavam na língua alvo com a sua professora (imaginei que isso fosse possível na instituição), a partir de uma perspectiva intercultural.

Acreditando que a perspectiva intercultural, o pensamento crítico sobre a aprendizagem de LI, nos permitiria uma viagem muito mais atrativa, produtiva e interessante. Ainda que muitos insistissem em dizer que os temas da Abordagem Intercultural e Globalização sejam assuntos “batidos”, que não havia ineditismo, discordamos. O espaço geográfico pode ser o mesmo, mas o conhecimento, a interação, as aprendizagens, os acúmulos das experiências vividas, pode confirmar todo o contexto dessa pesquisa em curto prazo.

Então, vamos observar o que foi possível transcrever e captar (nesses dias de observação, detalhados a seguir) das falas das pessoas envolvidas, observadas nesse Estudo de Caso, entre os meses de novembro de 2018 a maio de 2019, às quintas-feiras das 11h40 as 12h20.

DIA 22 DE NOVEMBRO (primeiro encontro com a turma)

Cheguei um pouco mais cedo para seguir com a professora até a sala. Ao chegarmos lá, ela cumprimentou a turma em inglês, super entusiasmada. Eu entrei junto e ouvi de uma estudante: “*Não sei como ela consegue chegar nesse entusiasmo todo. Encontrei essa mulher às 7 da manhã parecendo que tinha acabado de chegar para uma festa, eu hein... deus é pai*”.

Foram gargalhadas e mais gargalhadas.

Nesse momento entre risadas e pedido de “*ok, guys, let’s focus*”, foi perceptível que havia intimidade, mas muito respeito entre essa tripulação. Logo depois desse primeiro momento ela disse meu nome e pediu para que eu me apresentasse e apresentasse o que eu estava fazendo ali.

Após a minha apresentação, a aula começou em um clima tranquilo. A professora começou com a música *Superhero* de *The Chainsmokers* e *Coldplay* com uma atividade (em ANEXO). Ela mostrou o vídeo oficial, os estudantes já foram cantando e completando a música de várias maneiras. Após a música, a professora fez a correção e começou uma conversa perguntando aos estudantes, quem era o herói deles? Mai disse: “meu pai e minha mãe professora”; NB respondeu: “gosto do Batman e do Homem de Ferro também”; Samuel Dampierry: “I like Superman and Hulk”.

A professora fazia todas as perguntas em inglês. Alguns estudantes respondiam em inglês, outros em português, e assim a aula seguia. Após esse momento da canção, ela perguntou por que algumas orações da música estavam no passado simples e outras no presente perfeito. Os estudantes respondiam que era pela questão semântica e a professora ia validando as respostas certas e dizendo “*tá perto*” para as respostas incorretas. Não a vi dizer nem uma vez que as respostas estavam “*erradas*”, ainda que estivessem.

Em um terceiro momento, ainda explorando a música, ela perguntou quem se lembrava das características gramaticais dos tempos expostos. Os estudantes iam falando e ela ia escrevendo no quadro as colocações que estavam corretas, numa espécie de listagem.

Quando a aula chegou ao fim, a professora pediu para não se esquecerem da atividade em grupo sobre os países que falam inglês, sem incluir “*EUA, Canadá e Reino Unido*”.

29 DE NOVEMBRO

Era o dia da apresentação dos grupos (três grupos). Em um dos grupos, os integrantes falaram o tempo todo em inglês; no outro, um dos integrantes falava misturando português e inglês, enquanto os outros componentes do grupo falavam em português. Por último, no terceiro grupo, todos falaram em português, parecia até que tinham combinado fazer dessa forma. A apresentação feita em inglês, contaria como ponto extra. Alguns estudantes ficaram surpresos com o fato de nas Ilhas Malvinas a língua oficial ser o inglês.

06 DE DEZEMBRO

A professora entrou na sala e disse sorridente: “- *Good morning, today I'll give you the feedback about your seminars*”. E assim o fez. Logo depois os convidou para ir a uma das salas de informática. Cada um sentou em frente a um computador, e a professora pediu que *logassem* em um joguinho de *quiz*, do qual ela já havia elaborado algumas perguntas anteriormente. As perguntas do jogo eram em português, e foram sobre os países apresentados no seminário da semana anterior e também sobre outros países que também falam a LI.

Quando o *quiz* foi concluído e escolhido o time vencedor, a professora pediu que desligassem os computadores e prestassem atenção ao que seria projetado no quadro. Era uma cena dos personagens Bela e Edward do filme *Twilight*. Os Estudantes assistiram o trecho do filme e logo em seguida a professora pediu para que eles o lessem (ela distribuiu o trecho que mostrado de maneira transcrita). Muitos tentaram imitar a forma e a voz dos personagens tentando interpretar os papéis. Após esse momento, a aula foi encerrada.

13 DE DEZEMBRO

Hoje foi o último dia de observação do ano. Os estudantes estavam eufóricos e a professora, como sempre, muito animada.

Em um primeiro momento, foi pedido aos estudantes para que fizessem uma lista dos tipos de texto, filmes e música que gostariam de trabalhar em sala. Depois a professora comunicou que eu (a pesquisadora) gostaria de ter alguns minutos para falar com eles.

Tive uma conversa breve com os estudantes e a professora, sobre o QUESTIONÁRIO I que iria aplicar e os objetivos desse instrumento de pesquisa. Logo em seguida distribuí os questionários para eles preencherem e entregaram no final da aula. A professora agradeceu por toda a ajuda e compreensão, parceria entre eles e ela, e a aula terminou com alguns deles me perguntando se eu voltaria no ano seguinte, confirmei que sim.

14 DE FEVEREIRO DE 2019

Foi um momento muito bom, o do reencontro. Os estudantes me abraçaram e deram boas vindas. É incrível como eles se tornaram próximos, por mais que a minha intervenção fosse praticamente nenhuma. Hoje a professora trouxe um texto sobre a tragédia de Brumadinho. Os estudantes fizeram leitura silenciosa, rápida, utilizando a técnica de leitura instrumental, e como era um assunto que aparecera recentemente na mídia, foi muito tranquilo para eles fazerem o reconhecimento do vocabulário. A maioria discutiu bem sobre o tema, com exceção de NB, que logo após receber o texto, exclamou: *“Eu num tô entendendo nada prossora, oxe.”* E a professora muito pacientemente pediu para ele ter calma, que fosse imaginando o que tinha acontecido em Brumadinho, e então recorresse às palavras que ele achasse parecida com o português, *“as cognatas”* e depois as palavras que ele conhecia. Ela continuou: *“Não importa se você entendeu pouco ou muito, o que importa é o que você entendeu”*.

Ao concluir a leitura, todos foram convidados a compartilhar seus entendimentos, e ela começou com NB. Ele falou o que tinha entendido e os demais foram complementando. Após a discussão do texto, foi mostrado um trecho de um vídeo de uma reportagem feita por uma rede britânica de televisão sobre a tragédia de Brumadinho, os números de vítimas encontradas, os danos e outras informações estavam no texto. Antes de assistirem ao vídeo, a professora disse que as informações que a reportagem traria naquele vídeo eram exatamente iguais as que eles tinham lido (não era exatamente igual, mas de fato, aquela colocação fez com que os estudantes fixassem os olhos na tela e parecia que estavam entendendo). Após a reportagem, a maioria deles disse: *“poxa pró, entendi tudo”*.

“Ok Guys, The class is over! See you next week”, disse MM encerrando a aula.

21 DE FEVEREIRO

Esse dia foi reservado para a revisão de alguns conteúdos gramaticais como tempos verbais MM fez uma aula expositiva e depois um jogo de Bingo com verbos (ver em ANEXO). Ela distribuiu uma cruzadinha com um bingo e uma listagem de verbos. Após a correção dessa atividade e informar o vencedor do bingo, os alunos foram liberados.

07 DE MARÇO

Primeiro dia de aula após o Carnaval. A professora pediu para que os estudantes contassem voluntariamente, sobre o seu Carnaval. Mai disse que havia ficado em casa; Gaabers disse que tinha “*pulado o carnaval de Salvador*”; Gabriel Doom disse que *tinha viajado, mas não disse onde* e Yasmin disse *que tinha ido para Salvador “mas não para o circuito, prof.”*. Outros não responderam, e começaram a perguntar sobre o “*resultado da prova*”. A professora respondeu: “- *Are you curious? Really? Let’s see this in the end of the class.*” Depois disso, muitas vozes reclamaram que queriam saber a nota, se haviam passado ou não. Então a professora resolveu divulgar as notas apenas, dizendo que entregaria as avaliações no final de aula.

Após divulgar as notas, a professora pediu para que os estudantes sentassem em grupos de três pessoas. E distribuiu a letra da música *Flawless* da cantora Beyonce para que discutissem o sentido do texto. Após a leitura e o “*sharing*” das opiniões dos grupos, ela pediu para que eles identificassem um trecho que não parecia fazer parte da música/ letra.

Logo depois, os estudantes leram em inglês e identificaram o que a professora tinha pedido em português. A próxima atividade foi assistir ao vídeo da música e a professora perguntou sobre a participação de Chimamanda Ngozi na música, a maioria das meninas sabiam quem ela era e Gabriel Doom também sabia. Houve uma discussão sobre os livros de Chimamanda, e os estudantes se posicionaram a respeito do feminismo. Foi algo bem enriquecedor. Todos estavam entusiasmados em revelar suas opiniões, e a professora dava voz e vez a todos. A parte que foi discutida foi a fala de Chimamanda no vídeo da música, quando diz:

*We teach girls to shrink
themselves To make themselves
smaller*

We say to girls

*"You can have
ambition But not too
much*

*You should aim to be
successful But not too
successful*

*Otherwise you will threaten the
man" Because I am female I am
expected to aspire to marriage
I am expected to make my life
choices
Always keeping in mind that
Marriage is the most important
Now marriage can be a source of
Joy and love and mutual support
But why do we teach girls to aspire
to marriage
And we don't teach boys the same?
We raise girls to each other as
competitors
Not for jobs or for
accomplishments
Which I think can be a good thing
But for the attention of men
We teach girls that they cannot be
sexual beings
In the way that boys are*

*Feminist: the person who believes in the social
Political, and economic equality of the sexes*

(extracted of speech of Chimamanda Ngozi from the song Flawless by Beyonce).

Depois de assistir ao vídeo, a professora pediu aos estudantes que fizessem um levantamento dos livros escritos por Chimamanda Ngozi, assim como uma pesquisa sobre sua biografia, mas não precisariam entregar, apenas para discutirem na próxima aula.

21 DE MARÇO

A professora cumprimentou os alunos com um sorridente: “*Good morning guys!*”, depois me informou que na aula do dia 14 de março havia tido uma ótima

discussão sobre a vida da escritora nigerina e seus trabalhos, e muitas outras questões sobre a vida e obra dela. Eles discutiram sobre o tema relacionado ao feminismo, racismo e preconceito. O que observei foi que a professora já tinha em seus planos dar sequência à atividade do dia 14 de março e fazer um gancho para introduzir o filme: *O ódio que você semeia* (sob a direção de George Tillman Jr.). É um filme que traz o racismo e o preconceito como temática. Como não houve tempo na aula anterior para concluir o filme, a aula de hoje foi dedicada à discussão do tema do filme.

28 DE MARÇO

A aula começou com um jogo de letras (conhecido pelos professores de LI como *Hangman*) e que chamamos de Jogo de Forca. A escolha das palavras para o jogo fazia referência ao filme: *racism, prejudice, violence, rights, fight, drugdealers*. Ao final do *game* a professora foi perguntando o que aquelas palavras tinham que ver com o filme, e pediu para os estudantes falarem das cenas nas quais aparecem as palavras referidas:

MM: - Ok guys, now can you tell me where did you see scenes of racism?

Mim: - Yeah, teacher, in that part where she got at school and people look to her when she meet her girlfriend.

MM: - Ok Mim, very good!

Samuel Dampierry: - ah, teacher tem aquela hora que o amigo dela que more está com ela numa festa e ele tem preconceito por que diz que ela só gosta de música de branco agora que estuda em uma escola de branco.

MM: - Well done Samuel!

Coala: - Pró, has the part that the policial pega o father dela com força e empurra a face dele pelo vidro da lanchonete.

MM: - True Coala, excelente!

Um outro estudante que não quis participar da pesquisa: *- There was the part that the girl goes to fight to her rights and the drugdealers that has a gang in the neighbour.*

MM: - Yeah, that's right, very good class. Did you enjoy, like the movie?

Quase que uníssono (mas não foi toda a turma que respondeu): *- Amei!*

Depois houve discussões sobre o filme. Houve muitos relatos dos estudantes sobre suas identificações com o preconceito mostrado no filme e situações que eles já haviam presenciado ou vivido.

A professora distribuiu uma folha na qual os estudantes puderam escrever uma resenha crítica ou um resumo do filme (a escolha ficou a critério dos estudantes). À medida que iam terminando, eles foram entregando o trabalho à professora e sendo liberados.

18 DE ABRIL

Como eu já havia conversado previamente com a professora, ela me cedeu a segunda aula para a aplicação do Questionário II. Na primeira aula foram confeccionados cartazes contra o racismo, preconceito, violência, mostrando direitos humanos etc. (temas abordados no filme e nas discussões em sala). Todos fizeram suas frases de efeito em inglês e colaram seus cartazes nas paredes. Na segunda aula, os questionários foram aplicados.

02 DE MAIO

Fazia algum tempo que eu não via a turma (a justificativa para esse acontecimento aparece no final das notas de campo). Por essa razão alguns vieram me abraçar dizendo que eu havia abandonado a turma. Outros diziam que estavam com saudades. Expliquei à turma o que havia acontecido, e eles compreenderam. Mai me perguntou: *“Teacher, como a senhora consegue, ficar de lá para cá, planejar e dar suas aulas, trabalhar em outra cidade, vim praqui pra escola e ainda ter marido e filhas?”* Respondi sorrindo: - Não é fácil, mas quando a gente tem um objetivo, tem que procurar forças e ir até o fim!

Então MM me deixou à vontade com a turma, e me disse: *“- É toda sua, use o tempo da aula”* e então, ela deixou a sala. Fiquei meio assustada, não havia me preparado para que aquele momento de entrevistas acontecesse nessa aula. Mas aproveitei e falei sobre a LI, como eles aprendiam e como eles gostavam de aprender, perguntei se eles gostariam de mudar a dinâmica atual das aulas de inglês, sobre a metodologia de MM, como eles entendiam o binômio língua-cultura, o conceito de interculturalidade, enfim, sobre as questões que seriam abordadas na entrevista (que já estava preparada numa pasta que levava comigo) que seria realizada no dia 09 de maio,

mas aproveitaria essa oportunidade para fazer a entrevista, pois a professora tinha deixado as duas aulas ao meu encargo. Agradei e coloquei em ação a entrevista.

09 DE MAIO

A professora chegou perguntando aos alunos o que eles entendiam sobre o fato da LI ser uma língua internacional. Eles deram várias opiniões, entre elas: “uma língua falada no mundo inteiro”; “uma língua requisitada pelas universidades em todo o mundo e em entrevistas de emprego ela dá um *tchan* a mais”; “uma possibilidade de conhecer gatinhas na internet”; “a língua que você pode falar com qualquer pessoa mesmo que ela não more em países que falam essa língua”.

A professora respondeu: “*Good.*” E continuou, dizendo que também nessa aula falariam sobre o que é língua internacional e *língua franca* (mas não falou) e aplicou uma atividade em duplas (a mesma se encontra no anexo 3). A atividade traz um texto que trata da importância do inglês ao redor do mundo (com questões interpretativas), dos estrangeirismos oriundos da LI e que usamos na nossa Língua e de vocabulário, traz as nacionalidades e os países.

Após o término da atividade, houve a correção baseada em reflexões a respeito da LI e seu papel no mundo global.

16 DE MAIO

Foi apresentado o filme “The Discovery”, com as perguntas da professora:

- *Do you believe in life after death?*;

- *Are you afraid of death?*

Após uma introdução sobre o tema, o filme foi projetado para os alunos assistirem.

23 MAIO

Minhas observações chegaram ao fim, hoje foi o último encontro formal como pesquisadora naquela turma. Cheguei na sala em um clima nostálgico e consciente que sentiria falta daqueles momentos de tanta aprendizagem. Aprendi muito com eles como professora de LI, como professora de um modo geral e como ser humano também. Aquela turma foi muito especial e MM é de fato uma professora que inspira.

Nesse dia, eles fizeram uma atividade sobre o filme da aula anterior e foram muito participativos. Fizeram poucas perguntas sobre a atividade e embora tenha sido feita na língua alvo, os alunos conseguiram responder, perguntando à professora, olhando as palavras no tradutor, ou ainda consultando os colegas.

Durante a aula, não falei para eles que esse seria o meu último dia de observação, para que a aula não saísse do planejado. Afinal, eu estava ali para estudar, pesquisar e analisar um caso e não “ser o caso”. A aula transcorreu no seu curso normal.

No final da aula, faltando apenas alguns minutos para o seu término, levantei a mão e pedi a palavra à MM, que prontamente me concedeu. Então, disse que queria muito agradecer àquela turma por tantas trocas, por tanto aprendizado e por todas as experiências vividas com eles. Agradei muito a todos os participantes e disse que um dia retornaria. Segurei para não chorar, mas alguns participantes vieram me abraçar, então, tanto eles (alguns) quanto eu, não seguramos o choro. Abracei os que vieram até a mim e a MM. Desejei sorte e sabedoria na caminhada e fui embora.

Abaixo estão as datas nas quais não observei as aulas e os motivos:

- 28 de fevereiro – carnaval (feriado);
- 14 de março – Conselho de classe no Instituto onde leciono;
- 04 de abril – Conselho de classe no Instituto onde leciono;
- 11 de abril – não houve aula no local da pesquisa;
- 25 de abril – Micareta de Feira de Santana (feriado).

4.2.4 Análise das notas de campo

O propósito de um estudo de caso é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um fenômeno (PATTON, 2002). É um procedimento metodológico que enfatiza entendimentos contextuais, sem esquecer-se da representatividade (LLEWELLYN; NORTHCOTT, 2007), centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real (EISENHARDT, 1989) e envolvendo-se num estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2007).

Dessa maneira, foi possível observar que todos os assuntos levantados em sala geralmente partiam de uma introdução com uma conversa genérica, que em algum momento a professora fazia uma ponte com o que ela queria abordar, e sempre o fazia, partindo do universo mais próximo dos alunos.

A sensibilidade de aceitar as pronúncias diversas dos alunos, e a maneira que a professora utilizava os termos, como uma bricolagem entre o português e o inglês facilitava a condução para o entendimento dos alunos. Os alunos também faziam essa bricolagem, e dava certo. A comunicação fluía mais tranquila, ao passo que ao final das ‘bricolagens’, a professora ia ponderando para um termo comumente mais utilizado nas vias formais. Vi isso acontecer e essa atitude logo me remeteu ao *WE* – como sendo uma língua onde você deverá fazer o outro entender, chegar mais fácil para o outro, parafaseando aqui, Rajagopalan (2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DA VIAGEM

Começar uma seleção de Mestrado é um desafio, dá um frio na barriga. Depois de estar tanto tempo longe da Academia, de ter resolvido primeiro ser mãe, esposa, achei que deveria tentar.

Em 1999 concluí minha graduação em Letras - Inglês na UEFS, mas já ensinava inglês desde 1993 em um cursinho da cidade onde moro, em Feira de Santana. No ano de 2007, comecei minha especialização, só conseguindo concluir em 2008, após o nascimento da minha segunda filha.

Depois de tantos anos sendo professora, feliz com a minha escolha e estagnada no sentido acadêmico, fiz concurso para ser professora do IFBA. Após a aprovação, não pensei em fazer Mestrado e nem Doutorado... No instituto encontrei uma grande amiga e incentivadora, e ela dizia: “*Tem que fazer Mestrado e Doutorado, sim!*”. Todas as vezes que ela via um edital aberto me telefonava para me informar e incentivar. Mas eu deixava passar. Passou um tempo até eu tomar coragem e me inscrever na seleção. Em 2016, com o edital da UFBA aberto, fui me inscrever, mas sem nenhuma pretensão de ser aprovada. Eu tinha seis meses para ler os livros (muitos) que o edital indicava. Preparei o projeto e o enviei sem muitas expectativas. Algum tempo depois, após cumprir todas as etapas da seleção, fui aprovada. Foi muita alegria, nem acreditei.

Mas como fazer Mestrado na UFBA, morando em Feira de Santana e trabalhando a 208 km de distância, viajando toda semana de ônibus (9 horas para ir e retornar) para Euclides da Cunha? Não foi fácil. Não obtive afastamento e tive que “me virar”, dar conta das leituras, sendo que, algumas coisas inclusive, nunca tinha ouvido falar. Tempo para frequentar as aulas, pra trabalhar, para ler, para as filhas, para o marido... Por várias vezes pensei em desistir. Mas tenho um companheiro maravilhoso

que me deu todo o apoio para que eu não desistisse. Choros, noites perdidas, escritas, avaliações e tirocínio, uma vez que o campus que eu trabalho ainda não havia implantando o curso superior.

Após um ano de curso, qualifiquei meu projeto e acolhi as sugestões da banca. Logo após a qualificação, submeti o meu projeto ao Comitê de Ética que, só ao final de 2018, me autorizou a realizar a pesquisa e tive que pedir dilatação do prazo da defesa.

Tive e tenho sorte de encontrar seres iluminados em minha trajetória de mestrado. A minha orientadora é uma entre esses seres. Ela nunca me deixou desistir, sempre me apoiou e esteve pronta a me ajudar, Maria Luísa, você é o meu Presente nesse Mestrado.

Acredito sim, que poderia ter feito melhor, ter escolhido mais teóricos pra fazer parte desse recorte que escolhi, mas apesar das circunstâncias, estou feliz com o resultado da pesquisa.

A seguir trago as minhas considerações finais da pesquisa.

Com esse estudo de caso buscou-se entender como se dá o ensino de LI dentro de uma perspectiva intercultural (que está ligada diretamente ao processo de Globalização) e perceber como essas dinâmicas acontecem na sala de aula investigada. Os participantes da pesquisa são alunos do EM de Instituto Federal da Bahia e sua professora, que com prévia consulta aos envolvidos, diziam que “acreditavam que lá, na sala de aula”, o idioma inglês era ensinado e aprendido, dentro de uma perspectiva intercultural.

Com esses encaminhamentos iniciais, nos propomos a investigar como os participantes do contexto da pesquisa promovem o processo de ensino – aprendizagem de língua inglesa e identificar de que maneira a proposta de ensino de LI está dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada.

Dentro dessa investigação, procurou-se focar nas seguintes questões:

1. De que maneira o/a docente e os aprendizes promovem o processo de ensino-aprendizagem de LI, de acordo com orientações curriculares que preveem a educação intercultural?
2. Quais as práticas e experiências utilizadas pelo docente participante da pesquisa para conseguir que os alunos participem e se insiram no contexto intercultural e global?
3. Na base de dados coletados, que proposta de ensino de LI dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada está sendo praticada no

contexto de pesquisa, que atenda as demandas da atual conjuntura do mundo globalizado e seus desafios e que permita o reconhecimento das diferentes formas de falar inglês e de diferentes culturas?

É possível observar através dos dados obtidos nos questionários, entrevista e notas de campo, que os processos pelos quais os participantes passaram para promover o ensino-aprendizagem da língua inglesa, de acordo com as orientações curriculares que preveem a educação intercultural se mostraram coerentes com o que a educação intercultural propõe e coaduna e com o que as orientações preveem. Segundo Mendes (2012, p. 359): “A perspectiva da educação intercultural, em suas variadas abordagens, tem feito parte das agendas de professores e de pesquisadores de diferentes países [...]”

Durante todas as atividades propostas pela professora, ela fez questão de ensinar a língua a partir da interação, das necessidades dos alunos, das práticas sociais estabelecidas na sala de aula para incentivar os alunos a se comunicarem e debaterem assuntos atuais na língua alvo. Era comum que a professora sempre começasse falando com, e sobre os alunos. É certo que, sempre abordava os temas e conteúdos em LI, mas os alunos escolhiam o idioma em que iriam interagir com professora, ou com os colegas. Nesse caso, parece que havia um acordo entre eles de como abordar o outro. Explico: Quem perguntava algo aos colegas, questionava se podia falar em LI – às vezes eles diziam que sim, mas que iria responder em português, outros diziam que não, que não sabiam responder. E nesse acordo entre eles, a interação ia fluindo, fosse o inglês, o português, ou em ambas as línguas. Vejo que o espírito de cooperação e colaboração esteve sempre presente.

De acordo com as orientações curriculares que preveem a educação intercultural, se faz necessário:

[...] estender o horizonte de comunicação do aprendiz para além de sua comunidade linguística restrita própria, ou seja, fazer com que ele entenda que há uma heterogeneidade no uso de qualquer linguagem, heterogeneidade esta contextual, social, cultural e histórica. Com isso, é importante fazer com que o aluno entenda que, em determinados contextos (formais, informais, oficiais, religiosos, orais, escritos, etc.), em determinados momentos históricos (no passado longínquo, poucos anos atrás, no presente), em outras comunidades (em seu próprio bairro, em sua própria cidade, em seu país, como em outros países), pessoas pertencentes a grupos diferentes em contextos diferentes comunicam-se de formas variadas e diferentes... (BRASIL, 2006, p.92)

No que diz respeito à atitude da professora sobre práticas e experiências utilizadas por ela para conseguir que os alunos participassem, e se inserissem num processo de ensino-aprendizagem dentro de uma perspectiva intercultural e global podemos trazer um excerto extraído do Questionário I, ela disse:

“Globalização envolve muitas questões, tem varias situações que acabam por unificar nações ou unificar o conhecimento sobre elas, diminuindo as barreiras geográficas, mas também acaba diminuindo as particularidades culturais que identificam um povo. No entanto, é importante lutar pelo local dentro de um mundo que é a globalização nos traz.”, e disse ainda: “Para mim, interculturalidade é o encontro de duas ou mais culturas, sem que uma seja privilegiada em detrimento da outra. Dentro das limitações da sala de aula, tento fazer aulas interculturais, levando sempre elementos de diversas culturas ao redor do mundo, como músicas, desenhos, séries, poemas... sempre que possível, estabelecendo paralelos com a cultura nativa.”.

Reconhece-se na fala da professora que há conhecimento dos lados que o processo de globalização traz. Assim como nos esclarecem as orientações curriculares:

Quando professores e alunos (e também coordenadores, diretores, pais de alunos) defendem a necessidade de língua inglesa no currículo em vista do mercado ou das exigências tecnológicas, ou porque esse é o idioma da globalização, entendemos que esses argumentos refletem uma visão realista, mas revelam uma perspectiva parcial do que esse ensino pode realizar educacionalmente. Mais do que reforçar apenas os valores sociais do momento, valores que são, reconhecidamente, interpelados pelo movimento econômico-cultural da globalização, entendemos que o objetivo de um projeto de inclusão seria criar possibilidades de o cidadão dialogar com outras culturas sem que haja a necessidade de abrir mão de seus valores (BRASIL, 2006).

A professora reafirma:

Com certeza, sim. O campus Feira de Santana é aberto à pluralidade cultural, tanto no âmbito macro brasileiro quanto no respeito às identidades e culturas estabelecidas em menores proporções. É um campus plural e receptivo às diferenças de modo significativo. As aulas de Língua Inglesa me representam, pois consigo abordar culturas variadas. Dependendo da turma, há maior ou menor interesse em determinados aspectos culturais, mas todos os alunos se motivam quando trazemos o inglês a partir de uma perspectiva global. (MM, 2019).

A pesquisa *in loco*, nos garante perceber se a segurança do que foi dito nos instrumentos de pesquisa, como o questionário, notas de campo e entrevista coincidem com os atos observados na sala de aula, e os dados analisados por mim e recolhidos no diário com notas de campo.

Como última pergunta temos: Na base dos dados gerados, que proposta de ensino-aprendizagem de LI dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada está sendo praticada no contexto de pesquisa, que atenda as demandas da atual conjuntura do mundo globalizado e seus desafios e que permita o reconhecimento dos diferentes *inglês* falados no mundo? A impressão é que a mesma já foi respondida, no excerto acima, retirado da fala da professora.

Toda e qualquer pessoa é um sujeito sociocultural, logo, devemos pensar nos alunos, buscando entender esses jovens, nas suas diferenças, como sujeitos que se constituem a partir de uma trajetória histórica, por vezes com visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, comportamentos, projetos de mundo bastante peculiares, e é claro, na sua maioria, diversos, diferentes uns dos outros.

Considerando que a cultura não é estática, ela é fluida e se faz na troca com os outros, nas práticas sociais e encontros dialógicos das identidades e das diversidades, nos tornando seres únicos, porém globais, sofrendo interferência do outro e das coisas as quais vivenciamos no mundo, logo:

Nesse sentido, há culturas dentro de culturas, histórias dentro de histórias, vidas dentro de vidas. O sentido de intercultural a que me refiro, desse modo, e a compreensão de que é possível, no emaranhado das diferenças e choques culturais que estão em jogo no mundo contemporâneo, estabelecer pontes, diálogos Inter/entre culturas, individuais e coletivas, de modo que possamos conviver mais respeitosamente, mais democraticamente. (MENDES, 2012, p.359-360).

E *at least, not at last*, temos que admitir que, quando elaboramos essa última questão, imaginamos que talvez no contexto pesquisado não se praticasse a interculturalidade. Mas preciso dizer que, em tantos anos de experiência, essa é a primeira vez que observo uma sala de aula onde foi possível uma perspectiva de ensino que engloba sensibilidade, democracia, leveza, respeito e garantia à cidadania.

REFERÊNCIAS: CARTOGRAFIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Codificar conteúdos, processo, e reflexão formadora no material didático para ensino e aprendizagem de línguas. In: PEREIRA, Ariovaldo Lopes; GOTTHEIM, Liliana (orgs). *Materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira: processos de criação e contextos de uso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 13-28.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Língua além de cultura ou além da cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In: CUNHA, Maria Jandyrá Cavalcanti; SANTOS, P. Tópicos em Português Língua Estrangeira. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2002. P.209-215.

ALVES, Andréa Márcia da Cruz G. O repensar de crenças sobre o aprendizado da língua inglesa à luz da interculturalidade: um estudo de caso com alunos cotistas da Universidade Federal da Bahia. In: SCHEYERL, Denise, SIQUEIRA, Sávio (Org.) *Nas trilhas da interculturalidade: retratos de prática e pesquisa*. Salvador: UFBA, 2016. p. 53-75.

ALVES-MAZZOTTI, Alda. Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2004.

ANDRADE LONGARAY, Elisabete; SANTOS LIMA, Marília. Os vários nomes do inglês na era global In: *Revista do Gelne*, Piauí, v.12, n.1, pp.38 – 53, 2010.

ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. 1ª edição. São Paulo. Parábola Editorial. 2013.

BOGDAN, Robert. C.; BIKLEN, Sari. K. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília 2006. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf Acessado em 04 abril de 2018.

BRUTT-GRIFLER, Janina. *World English: A Study of its Development*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

BUSNARDI, Bruna; CASSEMIRO, Mariana da Silva. *O impacto da globalização no ensino de língua estrangeira: Conflito entre a homogeneização e a heterogeneização cultural*. 2010. Disponível em: <https://ensinodelinguas.wikispaces.com/file/view/OimpactodaglobalizacaonoensinoLI.pdf> Acesso em: julho de 2017.

BUSNARDO, Joanne. Contextos pedagógicos e conceitos de cultura no ensino de língua estrangeira. In: SANTOS, Percília; ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Orgs).

Língua e Cultura no contexto de português, língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, pp. 123 -138.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.* São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação média e tecnologia. *Parâmetros Curriculares Nacionais, Códigos e suas Tecnologias. Ensino fundamental. Língua Estrangeira Moderna.* Brasília: MEC, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Vol.1. Linguagens, Códigos e suas e suas Tecnologias.* Brasília: MEC, 2006, 239p. 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde <http://portalms.saude.gov.br/assessoria-internacional/organizacoes-internacionais>. Acessado em janeiro de 2019.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; et al. Multiculturalismo e educação: questões, tendências e perspectivas. In: CANDAU, Vera Maria Ferrão. (org.). *Sociedade, Educação e Cultura(s).* Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: *Cultura (s) e educação: entre o crítico e o pós- crítico.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANDAU, Vera Maria; SIMÃO e KOFF Adélia Maria Nehme. Conversas com...Sobre didática e a perspectiva multi/ intercultural. In: CANDAU, Vera Maria Ferrão. (org.) *Educação Intercultural e Cotidiano Escolar.* Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006.

CANCLINI, Néstor García. In.: *La Globalización? Productora de Culturas Híbridas?* mimeo, s/d.

_____. Diversidade e direitos na interculturalidade global. In: *Revista Observatório Itaú Cultural / OIC - n. 8 (abr./jul. 2009).* – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2009.

CHLOPEK, Zofia. The Intercultural Approach to EFL Teaching and Learning. In: *English teaching Forum.* volume 46. No. 4, 2008.

CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of the English language.* Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995.

_____. *English as a global language.* 1a. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *A Revolução da linguagem.* Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

_____. New Englishes: going local in Brazil. Trabalho apresentado no **12nd BRAZ-Tesol National Convention**. The art of teaching. São Paulo, 2010, p. 1 - 15.

CRESWELL, John. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DAMAZIO, Eloise da Silveira Petter. *Multiculturalismo versus Interculturalismo: por uma proposta intercultural do Direito*. In: *Desenvolvimento em questão* Editora Unijuí ano 6 n. 12 jul./dez. pp. 63-86, 2008.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.) *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 137 – 161, 1996.

DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, pp. 15-41, 2006.

DOURADO, Maria Regina; POSHAR, Heliane Andrade. A cultura na educação lingüística no mundo globalizado. In: SANTOS, Percília; ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Orgs). *Língua e Cultura no contexto de português, língua estrangeira*. Campinas: SP: Pontes Editores, pp. 33 – 52, 2010.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. In: *Revista Litteris* n. 9 – março (colocar as páginas), 2012.

FREITAS, Wesley. JABBOUR, Chaberl. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: Boas práticas e sugestões. In: ESTUDO & DEBATE, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1991.

_____. *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Presença, 2000.

GIMENEZ, Telma.; JORDÃO, Clarissa Menezes.; ANDREOTTI, Vanessa. (Orgs). *Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: Educat, 2005.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRADDOL, D. *English next*. London: British Council, 2006.

GUILHERME, Manuela. *Critical Citizens for an Intercultural World: Foreign Language Education as Cultural Politics*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Joan. Kelly. *Teaching and researching language and culture*. Harlow: Palgrave Macmillan, 2012.

JENKINS, Jennifer. *Global Englishes. A Resource Book for Students*. Routledge. 3ª edição. Abingdon, OX. 2015

_____. *English as a Lingua Franca: Attitude and Identity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

JICK, Todd. D. Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation in action. In: *Administrative Science Quarterly*, London/UK, v. 24, n. 4, p. 602-611, 1979.

JORDÃO, Clarissa Menezes. A Posição do Inglês como Língua Internacional e suas Implicações para a Sala de Aula. In: GIMENEZ, Telma.; CALVO, Luciana. C. Simões.; EL KADRI, Michele. Salles. *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. pp. 221-252.

_____. Abordagem Comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico – farinhas do mesmo saco? In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; FRANCO MACIEL, Ruberval. (Orgs.). *Língua Estrangeira e Formação Cidadã: Por entre Discursos e Práticas*. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 33. Campinas, SP: Pontes Editores, 2ª ed., 2015, p.69-90.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de Língua Estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Candido de (Org.). *Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KAWACHI, Guilherme Jotto. Estereótipos culturais em estágios avançados de aprendizado de inglês como língua estrangeira e seus desdobramentos para ensino e uso do idioma. 2011.183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos. 2011.

KRAMSCH, Claire. Culture in Language Learning: a view from the United States. In: DE BOT, Kees; KRAMSCH, Claire; GINSBERG, Ralph B. (Ed.). *Foreign Language Research in Cross-cultural Perspective*. 1991, p. 217-240.

KRAMSCH, Claire. *Context and culture in language teaching*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1993.

KRAMSCH, Claire. Intercultural Communication. In: CARTER, Ronald; NUNAN, David. (Orgs.) *Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge University Press, 2001.

KUMARAVADIVELU, Bala. *Cultural Globalization and Language Education*. New Haven, CT. Yale University Press, 2008.

KUMARAVADIVELU, Bala. The Decolonial Option in English Teaching: Can the Subaltern Act? In: TESOL QUARTERLY Vol. 50, No. 1, March 2016 © 2014 TESOL International Association. Disponível em: <http://www.bkumaravadivelu.com/articles%20in%20pdfs/Kumaravadivelu%202016.pdf> Acesso em 6 de junho de 2019.

KUMARAVADIVELU, Bala. A Lingüística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz. Paulo. da. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 129-148.

LARSEN-FREEMAN, Diane. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford, Oxford University Press, 1986.

LEFFA, Vilson. José. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: KARWOSKI, Acir Mário; BONI, Valéria de Fátima Carvalho Vaz. (Orgs.). *Tendências contemporâneas no ensino de inglês*. União da Vitória, PR: Kayganguê, 2006, p.10-25.

LARSEN-FREEMAN, Diane. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford, Oxford University Press, 1986.

LEFFA, Vilson. José. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: KARWOSKI, Acir Mário; BONI, Valéria de Fátima Carvalho Vaz. (Orgs.). *Tendências contemporâneas no ensino de inglês*. União da Vitória, PR: Kayganguê, 2006, p.10-25.

McARTHUR, Tom. Is it world or international or global English, and does it matter? In: *English Today*, v. 20, n. 3, pp. 3-15, jul. 2004.

MCLUHAN, Herbert Marshall. *Aldeia Global*. 1996.

MELO CORREIO, Letícia Vieira de. Ensino intercultural de inglês como prática de reconhecimento e respeito às diferenças. In: *Itinerarius Reflectionis. Revista Eletrônica de Pós-graduação em Educação*. Vol. 12 No. 1. UFG. Regional Jatáí, pp. 1-17, 2016.

MENDES, Edleise. *Abordagem comunicativa intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no dialogo de culturas*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MENDES, Edleise. Por que ensinar língua como cultura? In: SANTOS, Percília; ORTIZ ALVAREZ, Maria Luísa. (Orgs). *Língua e Cultura no contexto de português, língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes Editoras, pp. 53 -77 2010.

_____. Aprender a ser e viver com o outro. Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições. In: Scheyerl, Denise e Siqueira, Domingos Sávio Pimentel (Orgs.), pp. 355 – 378, 2012.

_____. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia Souza (Org.). *Saberes em Português: ensino e formação docente*. Campinas/SP: Pontes, pp. 57-77, 2008.

_____. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: _____. *Diálogos Interculturais: Ensino e formação em português língua estrangeira*. Campinas/SP: Pontes, 2011, p. 139- 158

MERRIAN, Sharan. B. *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*, San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. In: *Revista DELTA*, vol.24 no.2 São Paulo 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502008000200006>. Acesso 31 de maio de 2018.

_____. *Inglês no Mundo Contemporâneo: Ampliando Oportunidades Sociais por Meio da Educação*. Texto-base do Simpósio da TIRF (TESOL International Research Foundation), realizado em São Paulo, 2005.

_____. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar* (Org.). São Paulo. Parábola Editorial, 2014.

MOTA, K. Multiculturalismo: perspectivas pedagógicas para uma sociedade mais solidária. *Formadores: vivências e estudos*, v, p. 19. Cachoeira. 2004.

NANNI, Antonio. *L'educazione interculturale oggi in Italia*. Brescia: EMI, 1998.

NASCIMENTO, A. M. Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue. In: *Revista SURES - Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História*. No.03, Universidade Federal da Integração Latino-Americana-UNILA, p.1-19, 2014.

OLIVEIRA, Adelaide P. de. *O desenvolvimento da competência comunicativa intercultural no ensino de inglês como L2*. 2007. 237f. Tese (Doutorado em Língua Estrangeira) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2007.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Crenças e atitudes Linguísticas de falantes de POLH. In: RASKY, Abdelhak; GUSMÁN, Elisângela. *Pesquisa em crenças e atitudes linguísticas*. Letraria 2019, e-book, pp. 131-152

PÁDUA Elisabete Matallo Marchesini de. *Metodologia da pesquisa*. Abordagem teórico - prática. Campinas: Papyrus, 1996

PARANÁ, Jeanne Marie Feder; ALMEIDA, Mariza Riva de. Seminários sobre interculturalidade – em busca do resgate da cultura no ensino de língua estrangeira. In: <https://www.academia.edu>.

PENNYCOOK, Alastair. *The cultural politics of English as an international language*. London: Longman, 1994.

_____. *Global Englishes and transcultural flows*. Oxon: Routledge, 2007.

PORFIRIO, Lucielen; SILVA, Juliana de Souza da. A autoria de si e o emergir da língua-cultura do aprendiz de inglês: esta língua me representa?. In: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel (Org.). *Nas Trilhas da Interculturalidade: Relatos de prática e Pesquisa*. 1a.ed.Salvador (BA), UFBA, 2016.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. The concept of World English and its implications for ELT. In: *ELT Journal*, v. 58, n. 2, pp. 111-117, abr. 2004.

RAUEN, Fábio. *Roteiros de Pesquisa*. Rio do Grande do Sul – SC. Editora Nova Era. 2006.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. Práticas de letramento crítico, ensino plurilíngue e língua inglês em contexto acadêmico-universitário. In: *Contexturas: Ensino crítico de língua inglesa*, n. 20, p. 9- 35, 2013.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCHEYERL, Denise; MOTA, Kátia. (Orgs). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador (BA). EDUFBA, 2004.

SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. Inglês for all: entre a prática excludente e a democratização viável. In: SCHEYERL, Denise; RAMOS, Elizabeth. (Org.). *Vozes Olhares Silêncios: Diálogos transdisciplinares entre a linguística aplicada e a tradução*. 1a.ed.Salvador (BA): EDUFBA, 2008.

SILVA FERREIRA, Gilberta. *Marcas Interculturais na Prática Pedagógica de Professores do Ensino Médio*. Disponível em: <http://online.unisc.br>. Acessado em: Setembro, 2009.

SCHMITZ, John Robert. Um mundo globalizado, híbrido, pós-colonizado e pós-moderno: reflexões sobre o inglês na atualidade. In: *Fólio – Revista de Letras*. Vitória da Conquista v. 8, n. 1 p. 333-365 jan./jun. 2016.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. Inglês como língua franca: O desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: Telma Gimenez; Luciana Cabrini Simões Calvo; Michele Salles El Kadri. (Org.). *Inglês como língua franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores*. 1ª ed. Campinas (SP): Pontes Editora, 2011.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. In: *Revista Inventário*, Salvador, n. 4, jul. 2005. Disponível em: Acesso em: 20 de out. 2017.

_____. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Salvador: UFBA, 2008.

_____. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. *Inventário*, abr. 2005. Disponível em: Disponível em: <<http://bit.do/bFH0Y>>. Acesso em: 8 de junho de 2019.

TANCINI, Pedro Ernesto Gandine. Processos de Interculturalidade no Contexto da Globalização. In: *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto – MG, junho de 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.

VIEIRA DE MELO Correio, Letticia. Ensino intercultural de inglês como prática de reconhecimento e respeito às diferenças. In: *Irinerarius Reflectionis: Revista Electronica de Pós-graduação em Educação*. UFG, Regional Jataí. Vol. 12. No. 1, 2016. Pp. 1-17.

WALSH, Catherine. *La educación intercultural en la educación*. Peru: Ministerio de Educación, 2001.

<https://portal.ifba.edu.br/feira-de-santana/institucional/historico>

APÊNDICE 1



TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, Marcia Regina Pinho declaro estar ciente das Normas e Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado **OS DESAFIOS DE ENSINAR LÍNGUA INGLESA NUMA PERSPECTIVA GLOBALIZADA E INTERCULTURAL**

sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução 446/12, do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a autonomia do indivíduo, a beneficência, a não maleficência, a justiça e equidade. Garantindo assim o zelo das informações e o total respeito aos indivíduos pesquisados. Ainda, nestes termos, assumo o compromisso de:

- Apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética (CEP) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia;
- Tornar os resultados desta pesquisa públicos quer sejam eles favoráveis ou não;
- Comunicar ao CEPEE/UFBA qualquer alteração no projeto de pesquisa e encaminhadas via Plataforma Brasil, sob a forma de relatório ou comunicação protocolada;
- Apresentar os resultados da pesquisa nas instituições proponente e co-participante, ao CEPEE/UFBA após o seu término conforme exigência da Resolução 466/12.

.....,de.....de 20.....

.....

APÊNDICE 2



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

A pesquisadora do projeto intitulado **OS DESAFIOS DE ENSINAR LÍNGUA INGLESA NUMA PERSPECTIVA GLOBALIZADA E INTERCULTURAL** se compromete a garantir a privacidade dos sujeitos da pesquisa cujos dados serão coletados através de conversas (narrativas) e diários de bordo, questionários, concordando com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto. Informa que divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados bem como os termos de consentimento livre e esclarecido mantidas no(a) secretaria do PPGLINC da Universidade Federal da Bahia, por um período de 5 anos sob a responsabilidade da profa. Maria Luísa Ortiz Alvarez (orientadora) e da minha responsabilidade de pesquisadora. Após este período, os dados passarão a ser guardados no banco de dados.

.....de.....de 20.....

APÊNDICE 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Inglês Globalizado e intercultural

Pesquisadora: Marcia Regina Pinho

Orientadora: Maria Luísa Ortiz Alvarez

Prezado(a) participante,

Eu, Marcia Pinho, aluna regular do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, matrícula no. 216122446, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez, venho convidá-lo(a) a participar desta pesquisa.

O objetivo do nosso estudo é investigar contributos e situações que possam tornar possível o aprender-ensinar Língua Inglesas, dentro de uma perspectiva intercultural e globalizada; conhecer qual a abordagem de ensino de língua inglesa utilizada no cenário de pesquisa; investigando contributos e situações que possam tornar possível o ensino-aprendizagem da LI, dialogar com os participantes sobre um ensino de LI dentro de uma perspectiva globalizada e abordagem intercultural que atenda as demandas da atual conjuntura do mundo globalizado e seus desafios e que permita o reconhecimento para com as diferentes formas de falar inglês e das diferentes culturas.

Assim sendo, farei observação de aulas de língua inglesa, e há a possibilidade de trabalhar com questionários, entrevistas que podem ser gravadas individualmente e ou em grupo e a narrativa escrita da sua trajetória nos estudos de língua inglesa visando a abordagem intercultural.

A sua participação é voluntária. Os dados gerados serão guardados por, no máximo 5 anos, em arquivo pessoal sob a minha responsabilidade e a sua identidade será preservada. Depois de publicada e, se você tiver interesse, poderá ter acesso aos resultados da pesquisa. Agradeço desde já o seu apoio e conto com a sua colaboração para o desenvolvimento do estudo.

Ciência e acordo do participante

Ciente e de acordo com o que foi exposto eu, _____, concordo em participar desta pesquisa, assinando este termo de consentimento em duas vias. Acrescento que solucionei todas as dúvidas possíveis com a pesquisadora responsável, sobre os objetivos do estudo, os métodos que serão usados, a divulgação dos resultados e a garantia de que todos os meus dados pessoais serão preservados no anonimato, além de poder desistir em qualquer momento sem ter nenhum prejuízo. Reforço que em nenhum momento fui obrigado(a) ou intimidado(a) para colaborar com a pesquisa.

Assinatura do sujeito de pesquisa/representante legal

Feira de Santana-BA, _____ de 2018

ANEXO 1

Something just like this The Chainsmokers & Coldplay



- Risk (2x)
- Wanna
- Superhero
- Kiss
- Superman
- Like
- Looking
- Miss
- Superhuman
- Myths
- Books



I've been *feeling / reading* books of old
 The *heroes / legends* and the myths
 Achilles and his gold
 Hercules and his *gifts / presents*
 Spiderman's control
 And Batman with his fists
 And clearly I don't see myself upon that list

But she said, where'd you wanna _____?
 How much you wanna _____?
 I'm not _____ for somebody
 With some superhuman gifts
 Some _____
 Some fairytale bliss
 Just something I can turn to
 Somebody I can _____

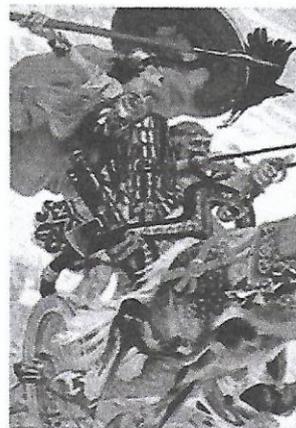
I want something just _____ this
 Doo-doo-doo, doo-doo-doo(2X)
 Oh, I want something just like this
 Doo-doo-doo, doo-doo-doo
 Doo-doo-doo, doo-doo
 Doo-doo-doo, doo-doo-doo
 Oh, I want something just like this
 I want something just like this

I've been reading _____ of old
 The legends and the _____
 The testaments they told
 The moon and its eclipse
 And _____ unrolls
 A suit before he lifts
 But I'm not the kind of person that it fits

She said, where'd you _____ go?

- () How much you wanna risk?
- () I'm not looking for somebody
- () With some superhuman gifts
- () Doo-doo-doo, doo-doo-doo 2X
- () Some superhero
- () Oh, I want something just like this
- () I want something just like this
- () Just something I can turn to
- () Oh, I want something just like this
- () Some fairytale bliss
- () Doo-doo-doo, doo-doo-doo 2X
- () Somebody I can miss
- () I want something just like this

Where'd you wanna go?
 low much you wanna _____?
 I'm not looking for somebody
 With some _____ gifts
 Some superhero
 Some fairytale bliss
 Just something I can turn to
 Somebody I can _____
 I want something just like this



Something just like this The Chainsmokers & Coldplay

Match the words on the left with their explanation on the right

- | | |
|---------------|---|
| 1. Myth | A. Perfect happiness. |
| 2. Testaments | B. A special ability to do something. |
| 3. Eclipse | C. To open and become flat from a rolled position. |
| 4. Hero | D. The main male character in a book or film who is usually good. |
| 5. Bliss | E. A very old story or set of stories from ancient times. |
| 6. Gift | F. An ancient story or set of stories explaining early history. |
| 7. Miss | G. To not see or hear something or someone. To arrive too late. |
| 8. Unroll | H. Proof, Validation. |
| 9. Legend | I. An occasion when the sun disappears completely or partly from view, while the moon is moving between it and the earth. |

Fill in the gaps using the words above

- Lying on the beach on a sunny day is my idea of _____.
- David has a _____ for learning languages.
- Amanda _____ her scarf to put over her head to protect herself from the rain.
- Cú Culainn is a folk _____ in Irish mythology.
- Cú Culainn is the hero in many Irish _____.
- The Leprechaun is the most widely known _____ from Irish history.
- Sean was late for the meeting because he _____ the bus.
- Winning three championships is _____ to her dedication to the sport.
- On Monday there will be a total _____ of the Sun.

Match the character with its description

Batman Cú Chulainn Hercules Superman Achilles Spiderman

- _____ was a Greek hero of the Trojan War and the central character and greatest warrior of Homer's Iliad.
- _____, born Alcaeus, was a divine hero in Greek mythology, the son of Zeus. He is famous for his strength and for his numerous far-ranging adventures.
- _____ is a fictional superhero who appears in American comic books. The character is also called Caped Crusader, the Dark Knight. His secret identity is **Bruce Wayne**, a wealthy American entrepreneur.
- _____ is a fictional superhero who appears in American comic books. The character is an orphan being raised by his Aunt May and Uncle Ben in New York City. He is a teenager, who has to deal with the normal struggles of adolescence in addition to those of a costumed crime-fighter. He has the ability to cling to most surfaces, shoot webs using wrist-mounted devices of his own invention.
- _____ lives and works in the American city of Metropolis. His secret identity is Clark Kent, he works as a journalist for the *Daily Planet*, a Metropolis newspaper. Superman is in love with Lois Lane, and his archenemy is the supervillain Lex Luthor.
- _____, Irish for "Culann's Hound". He is a hero who appears in the stories of Irish, Scottish and Manx folklore. At the age of seventeen he defended Ulster single-handedly against the armies of queen Medb of Connacht in the famous *Táin Bó Cúailnge* ("Cattle Raid of Cooley"). It was prophesied that his great deeds would give him everlasting fame, but his life would be a short one.

ANEXO 2

	Course:	Group:
	Class: English	Date:
STUDENT:		
TEACHER: Mariana Rocha Santos Costa		

The Discovery

A. Read the text and complete the chart: (0,7)



The Discovery is a 2017 British-American romantic science fiction film, directed by Charlie McDowell from a screenplay written by Justin Lader and Charlie McDowell. It stars Rooney Mara, Jason Segel, Robert Redford, Jesse Plemons, Riley Keough and Ron Canada. The film had its world premiere at the Sundance Film Festival on January 20, 2017. It was released on March 31, 2017, by Netflix.

In the near future, the world is off-balance. People have gained a specific knowledge, and death has lost meaning, due to a breakthrough scientific discovery by

Dr. Thomas Harbor (Robert Redford): There is now definitive proof of an afterlife. While countless people have chosen suicide in order to "re-set" their existence, others go on, trying to decide what it all means. Among them is Dr. Harbor's son Will (Jason Segel), who has arrived at his father's isolated compound with a mysterious young woman named Isla (Rooney Mara). There, they discover the strange acolytes who help Dr. Harbor with his experiments. They are all looking to Dr. Harbor for meaning. Can Will and Isla find peace - in this place, or on the other side?

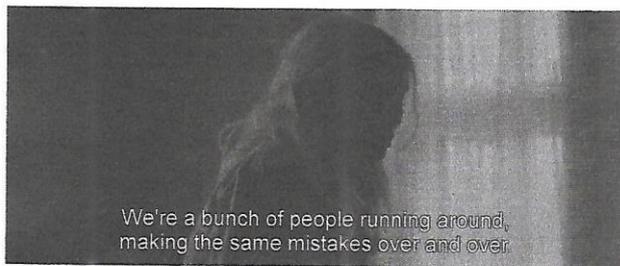
TITLE OF THE MOVIE	
DIRECTOR	
YEAR	
GENRE	
CAST	
SETTINGS	
REVIEW	

B. Match the characters in the box with the descriptions below: (0,5)

Will - Isla - Toby - Lacey - Thomas Harbor

1. _____ he is a neurologist, but he has a different belief about life after death.
2. _____ he discovers scientific evidence of life after death.
3. _____ she feels jealous of treatment given to others.
4. _____ she wants to die, but she is saved by Will.
5. _____ he is always with his father.

C. Read the scene and answer: (0,3)



*Do you agree with that? What is the meaning of life for you?

D. Mark True or False: (0,25)

- () Dr. Harbor regrets his discovery. () Isla lost her child in a car accident.
- () Will has tried to save Isla many times. () Dr. Harbor's wife kills herself.
- () Suicide rate has increased a lot since the discovery.

E. Discuss and answer: (0,6)

a) Why do you think a big part of the movie is in a blue tone?

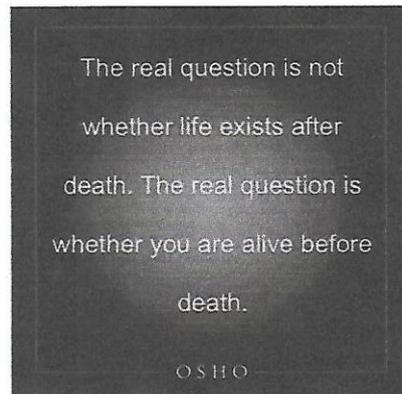
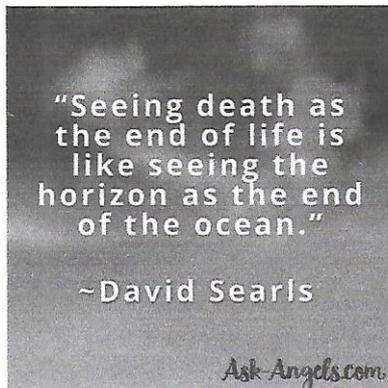
b) Why do people want to die?

c) What do you think happens to Will and Isla in the end?

F. Mark (x) your personal beliefs: (0,25)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> I believe in life after death. | <input type="checkbox"/> I wish I could know more about it. |
| <input type="checkbox"/> I believe in Heaven and Hell. | <input type="checkbox"/> I wish I could live my life again. |
| <input type="checkbox"/> I believe in reincarnation. | <input type="checkbox"/> I believe death is the end of it all. |

G. Escolha uma das citações e comente, estabelecendo um paralelo com a ideia central do filme: (0,4)



ANEXO 3

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAHIA	Course:	Group:
	Class: English	Date:
Student :		
Teacher: <i>Mariana Rocha Santos Costa</i>		

ENGLISH AROUND THE WORLD

HAVE YOUR SAY

A. A língua inglesa é usada como principal idioma para a comunicação internacional.
Explique os motivos.

B. Dê uma olhada no texto abaixo, observe o título e os subtítulos e responda as questões em português.

1. Em sua opinião, qual é o assunto do texto?

2. Quem é o autor do texto?

3. De onde é o autor?

TEXT 1.

Why do we teach English?

Kenji Kitao
Doshisha University (Kyoto, Japan)
K. Kitao [at] Lancaster.ac.uk

Introduction

We are teaching English or studying the teaching of English, but why do we want to teach English, as opposed to other foreign languages? It is useful for us to consider this basic question occasionally.

The importance of English

English is not the most widely spoken language in the world in terms of the number of native speakers - there are many more Chinese speakers than native English speakers - but Chinese is spoken little outside Chinese communities, so English is the most widespread language in the world. It is difficult to estimate exactly how many English speakers there are, but according to one estimate there are more than 350,000,000 native English speakers and more than 400,000,000 speakers of English as a second language (a language used in everyday life, even though it is not the native language) or foreign language (a language studied but not used much in everyday life).

However, even these numbers do not really indicate how important English is as a world language, because less than fifteen percent of the world population uses English. The importance of English is not just in how many people speak it but in what it is used for. English is the major language of news and information in the world. It is the language of business and government even

in some countries where it is a minority language. It is the language of maritime communication and international air traffic control. American popular culture - primarily movies and music - carries the English language throughout the world.

The Internet TESL Journal, v. II, n. 4, April 1996.
<http://iteslj.org/Articles/Kitao-WhyTeach.html> (Accessed 3 September 2009)

COMPREHENSION

A. Numere as ideias principais do texto de acordo com o parágrafo em que se encontram.

- () A importância da língua inglesa para comunicação nacional e internacional em todos os setores de atividades.
- () A necessidade de considerar as razões de ensinar a língua inglesa em vez de outra língua estrangeira.
- () A quantidade de pessoas que usam a língua inglesa, seja como língua nativa, como segunda língua ou como língua estrangeira.

B. A quem esse texto se dirige?

C. Mark all the correct alternatives.

- () A língua inglesa é a que tem o maior número de falantes nativos.
- () A língua inglesa não é falada pela maioria dos habitantes do mundo.
- () A cultura popular americana é a principal transmissora da língua inglesa no mundo.
- () A língua inglesa é a mais difundida no mundo.
- () A língua inglesa não é usada para negócios internacionais, mas é usada para transações governamentais.

D. Find in the text. (Analise o texto e encontre as frases **em inglês** que forneçam as informações solicitadas):

1. O quanto a língua chinesa é falada fora das comunidades chinesas.
-

2. A porcentagem de pessoas que usam a língua inglesa no mundo.
-

3. A principal razão da grande importância da língua inglesa.
-
-
-

VOCABULARY EXPANSION

- A. Look at these people. They are from different countries. Choose the appropriate nationality and language to finish the sentences.

COUNTRY	NATIONALITY	LANGUAGE
Brazil	Brazilian	Portuguese
France	French	French
Germany	German	German
Italy	Italian	Italian
Japan	Japanese	Japanese
Spain	Spanish	Spanish
Lebanon	Lebanese	Arabic
United States	American	English
Mexico	Mexican	Spanish
Portugal	Portuguese	Portuguese
England	English	English

1. Consuelo is from **Mexico City**. She is _____. Her native language is _____.
2. Marie Claire is from **Paris**. She is _____. Her native language is _____.
3. I am from **São Paulo**. I am _____. My native language is _____.
4. Jorge and Saba are from **Beirut**. They are _____. Their native language is _____.
5. Rudolph and I are from **Berlin**. We are _____. Our native language is _____.
6. Stefano is from **Rome**. He is _____. His native language is _____.

- B. Complete the sentences writing the countries and nationalities.

Where is he from?

He is from _____. He is _____.



Where is she from?

She is from _____. She is _____.



ENGLAND

Where is she from?

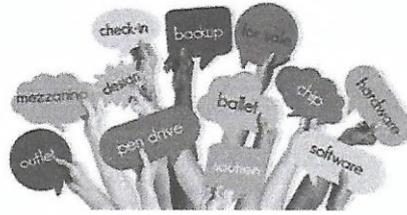
She is from _____. She is _____.



JAPAN

LANGUAGE AND CULTURE

Uma das grandes polêmicas que ainda permanecem em torno da língua portuguesa e inglesa é sobre a questão dos **estrangeirismos**.



Mas o que é isso? **O estrangeirismo é a utilização, na língua portuguesa, de palavras ou expressões de outras línguas, como inglês, espanhol, francês, etc.**

São inúmeros e nos deparamos com essas palavras todos os dias: *diet, light, shopping center, internet, e-mail*, etc. Sem falar no "aportuguesamento" de palavras como cáuboi (*cowboy*), feroeste (*far west*), futebol (*football*), bife (*beef*) e tantas outras palavras.

A. Reflita a respeito das discussões em sala de aula sobre a presença dos estrangeirismos na língua portuguesa. Responda:

a) Qual a sua posição em relação aos estrangeirismos na língua portuguesa?

b) Você acha que é necessário proibir ou até mesmo limitar a utilização de estrangeirismos? Justifique sua resposta.

c) Além dos exemplos já citados nos textos acima, você consegue se lembrar de algumas palavras ou termos em inglês utilizados no seu dia a dia? Escreva-as abaixo em cada categoria listada.

Clothing	Food	Sports	Technology

d) Em nosso país, é comum irmos a shoppings e encontrarmos lojas com cartazes e faixas com inscrições como "sale" ou "off" para indicar liquidação. Também ouvimos pessoas ligadas à informática dizerem deletar em vez de apagar, ou fazer um "download" em vez de baixar. O que você acha disso? Você acha correto empregarmos termos de outras línguas quando não há necessidade? Justifique sua resposta.

Never give up! You are special!